FON-FON
N.3

O CONTO BRASILEIRO

UMA AVENTURA NO AMAZONAS

Por Pedro Mattos

As viagens nos "gaiolas" que sulcam as aguas dos rios da Amazonia são, geralmente, insipidas. Os passageiros têm a impressão de que se acham reclusos em um sanatorio, em cura de doença grave. Depois dos primeiros dias já se torna a paizagem um facto commum; não mais se encontram attractivos nas cousas grandiosas que nos cercam. Vive-se, então, vida de preguiçoso.

Come-se, dorme-se. Parece que a pessôa, por vontade propria, se entrega a um tratamento de engorda.

Dorme-se de dia, e, á noite, tambem.

Ainda mais. Naquella prisão, sempre vendo os mesmos typos, palestrando sempre com as mesmas pessôas, estabelece-se uma familiaridade que nem sempre é proveitosa, pois muitas das vezes faz despertar sentimentos e desejos que têm que ser sopitados.

Aquelles, em alguns momentos ainda podem ser alimentados. Os outros, sempre vêm a expirar. Commigo passou-se um facto que se relaciona com estes ultimos.

Como os outros passageiros, achava a viagem mais do que monotonia.

Havia cerca de quinze dias que, a quatro milhas por hora, navegavamos em aguas fluviaes. A alimentação, abundante pela frequencia com que era administrada, fazia que o organismo estivesse satisfeito e cheio de vigor, contribuindo sufficientemente para o descanso physico a que eramos forçados pela falta de trabalho e de exercicio.

A ausencia de somno durante a noite já se fazia sentir. Dormiamos de dia e, na hora em que os outros iam repousar, nos encontravamos em vigilia.

Procurando distracção, dançava-se. Outras vezes, formava-se uma roda de pocker. Naquelle divertimento encontravamos maior prazer, pois dava margem ao cansaço physico, facilitando um somno confortador. No pocker o somno apparecia pela falta de movimento, pelo silencio em que ficavam os parceiros, convencidos de que ali estavam para ganhar e não para passar o tempo.

De qualquer fórma, o que se desejava era conseguir ter somno. Com um ou outro dos meios isso era obtido.

Assim, quando, cerca das trez ou quatro horas da madrugada, os companheiros de noitada se separavam, dirigia-se cada um para pontos diversos, procurando o beliche ou a rêde.

A maioria, como as noites eram quentes, procurava as rêdes no *deck* superior.

Ali, estirados, permaneciam abstraidos, com o olhar fixo no disco redondo da lua ou nos pequenos pontos brilhantes que salpicavam a abobada azul do céo.

Nesses momentos, em que o eu se transportava aos dominios da poesia, o pobre viajante, esquecendo a pouca commodidade, a realidade cruel, os "carapanãs" importunos e toda série de contrariedades que o dia lhe proporcionára, — divagava e se conduzia a uma vida toda outra, em que o vulto de alguma mulher apparecia aureolado e quasi divinizado, enchendo a alma de saudade, recordações que se não podem olvidar, momentos inesqueciveis que, talvez, nunca mais voltarão. E, nesse transporte, o mortal se esquece de tudo e acaba dormindo; embalado pelas illusões de uma vida passada que parece ainda ser presente.

Foi numa dessas occasiões, de volta de uma reunião, que se passou o facto que vae ser relatado.

Eram cerca de duas horas da madrugada. O dia fôra quente e abafado. A noite se apresentava linda; a temperatura era agradavel. Com uma flauta, um violão e um cavaquinho, tinhamos organizado um "assustado", perturbando com a musica e o barulho da dança o somno já por si intranquillo dos outros passageiros.

Finalizada a dança, em que tomaram parte trez jovens que, acostumadas á vida da cidade, não se conformavam em se verem privadas dos bailes ficando forçadas a dormir á hora em que julgavam que se devia começar a viver, nos dispersámos.

Estive em meu camarote, mas o resonar incommodo dos occupantes dos beliches vizinhos me enervou. Deixei-o e tomei o rumo da rêde que armára durante o dia; no lado da sombra, no *deck* superior.

Ali tive uma surpreza. Ao contrario dos outros dias, era avultado o numero de rêdes que se cruzavam, em todos os sentidos.

E' que, já estando occupados todos os beliches, os que não desejavam perder a embarcação sujeitavam-se á falta de commodidade, dormindo nas rêdes e fazendo a *toilette* no canto mais proximo.

Nesse emaranhado de rêdes foi difficil chegar ao ponto em que a minha estava atada. Conseguido isso, verifiquei que muito proximo, em um sofá, um vulto estava enrolado em cobertor.

Deitei-me sem ligar maior importancia ao facto.

Pouco depois, o vulto se mexeu. A noite clara permittiu que eu divizasse dentre as cobertas os cabellos negros de uma mulher.

Com o espirito e o corpo um pouco turbados pela dança, vi, naquelle vulto, algo de extraordinario, e pensamentos estranhos passaram a perturbar a minha mente. Concorrendo para augmentar o grão de excitação em que me encontrava, influindo sufficientemente em meu animo — a noite limpida, de bello luar, dava margem a que fosse tentado a uma aventura amorosa.

Em dado momento, o vulto se agitou novamente. Era evidente que o sofá não proporcionava commodidade, e, dahi, aventurar-me a dirigir, timidamente, a palavra áquella mulher offerecendo-lhe, num gesto de cavalheiro, a rêde em que me encontrava deitado.

Desejava dessa fórma entabolar a palestra, que certamente encaminharia noutra direcção, conforme os primeiros acontecimentos.

Essa primeira tentativa foi logo frustada.

Uma voz autoritaria, que não admittia contestações, nem permittia que novo offerecimento fosse feito, respondeu uma negativa que me deixou completamente desarmado.

(Continúa na pagina 7)

REALMENTE, Raginet sentia-se o mais feliz dos homens. Essas pequenas fugidas a Paris, duas vezes por anno, davam-lhe a illusão de liberdade. Durante alguns dias esquecia á taciturna existencia na provincia, o aborrecimento das longas horas passadas no club, o genio desagradavel da mulher, hesitante, gemendo, economizando sem cessar "para juntar as duas pontas". Esquecia tambem a idade e endireitava os seus cincoenta annos, um pouco usados, como se tivesse voltado aos vinte.

Mas, em parte alguma da capital, Raginet experimentára essa essa deliciosa impressão como, nessa manhã, no Salão Automovel. A todas as suas illusões juntára-se a da riqueza.

A idéa viéra-lhe não sabia como. Com certeza, não era para comprar um carro. As suas posses não lh'o permittiam. Mas, da sua casa provincial, situada na estrada de Trouville, desde muito que via passar grandes machinas trepidantes e fugazes. O desejo apoderára-se delle assim, de repente, de con-

templal-as de perto, em descan
Entrára. E, agora, evoluia atra
os stands com a gravidade de
desses nababos faustosos que
dem dizer:

— Todos esses carros, os ma
res, os mais bellos, os mais car
são meus! Só tenho um gesto
fazer para que m'os entreguem

Raginet não fazia esse ges
mas julgava-se capaz de fazel
E a amavel ficção bastava-lhe.
tempos a tempos, parava deant
dos autos expostos, detalhava lo
gamente os chassis, ás vezes
vava mesmo a temeridade até
dir explicações. Então, inclina
sobre o motor, tomava ares
conhecedor, abanava a cabeça,
talava a lingua: "Peuh! peuh!"
que queria dizer: "Não, decidid
mente, ainda não é isto, ainda n
é isto que procuro!"

Esquecia-se em extase sob u
capote levantado, quando uma v
o fez estremecer:

— Desculpe, senhor! Não é o s
nhor Raginet, antigo alumno d
lyceu d'Evreux? Mas não, não m
engano! Ah! este velho Raginet
Não me reconheceste? Portal, J
eques Portal. Terminámos os p
paratorios ao mesmo tempo. Com
a gente se encontra! Vês, trabalh
com automoveis. Ha dez anno
que represento esta firma. E tu
Sempre na provincia, vivendo de
rendimentos. Felizardo! E apost
que vens aqui comprar um carro
Que sorte! Graças a mim, vae
aproveitar uma occasião maravi
lhosa. Tenho precisamente um
24 CV...

Primeiramente estupefacto, Ra
ginet recomeçou a endireitar-se
Estava encantado por tornar
encontrar um antigo condiscipulo
na sua opinião muito mais enve
lhecido que elle proprio. Ah! com
certeza, não o teria reconhecido!
Respondeu:

— Este velho Portal! E' um
verdadeira sorte o ter parado
deante do teu stand! E, como vê
sou sempre o mesmo. A vida re
gular e calma conserva. Não
porque lá se viva de maneira me
nos interessante do que em Paris
Temos todas as commodidades. A
distracções tambem não faltam
Anda-se bastante de auto...

— Então, compras-me um carro
Faço-te 15% de abatimento.

— Ah! não!

— Por que não?

Raginet teve vergonha de con
fessar a sua situação. Engulit
engoliu em secco, e, com tom so
berbo, deixou escapar:

— Já tenho um!

— Tanto peor! Ficará para ou
tra vez, se quizéres fazer uma tr
ca. Sempre ás tuas ordens, me

De Claude Marsey

velho! Entre camaradas é assim! Como prova, toma o meu cartão.

— E tu o meu! — tornou Raginet, não menos magnanimo. Se algum dia passares pelos meus lados, lembra-te que a minha casa está ao teu inteiro dispôr.

— Emquanto isso, se almoçassemos juntos?

A mentira pronunciada por Raginet pesava de tal maneira na sua consciencia, que, agora, tinha pressa em fugir ao seu antigo amigo para não ter que inventar outras mentiras. Desculpou-se, pretextando um encontro urgente; e, como o outro insistisse:

— Não vamos separar-nos assim, apesar disso! Pelo menos, compra-me um accessorio!

Raginet, embaraçado, respondeu:

— Pois bem! dá-me um "klaxon", um bello "klaxon" para o meu carro. O meu não é muito forte.

E, com o objecto debaixo do braço, fugiu depois dum rapido aperto de mão.

Quando, no dia seguinte, voltou a penates, Raginet teve grande trabalho em explicar a sua mulher o motivo da compra. Em vão expôz a sua surpreza encontrando, nuo Salão do Automovel, um antigo condiscipulo, a insistencia deste, a fabula impudente de que se servira para escapar á sua companhia. Mme. Raginet declarou-lhe com o seu tom mais azedo:

— Não se é tôlo a esse ponto! Sempre a tua mania de parecer! Sabes como tenho horror ás despezas inuteis. Em que póde servir-nos este instrumento? Nunca compraremos automovel. Ainda se tivessemos netos, esse "klaxon" seria um brinquedo para elles. Mas, para ter netos, primeiro é preciso ter filhos. Não temos e guardar-me-ei de insistir sobre a amargura que sinto quando penso... Por que, meu Deus, me casei comtigo? Emfim, arranja-te! Não quero desperdiçar dinheiro para nada. Um "klaxon" deve servir para alguma coisa.

O pobre homem baixou a fronte sob a avalanche de palavras hostis e, para acalmar sua mulher, esforçou-se por contental-a. Durante oito dias procurou um meio pratico de utilizar a sua compra e, quando o descobriu, desenvolveu a sua idéa:

— Na hora das refeições, disse, se estás lá em cima ou no fundo do jardim, queixas-te de não ouvir a empregada que nos chama. Pois bem: é só fixar o "klaxon" no cabide do vestibulo. Sidonia apertará o botão ao meio dia e ás 7 horas. Será bem melhor que um sino. Sem contar que os transeuntes poderão dizer: "Olha, olha! E' gente rica que móra aqui. Tem carro!"

— Ainda a tua mania! — disse mme. Raginet, desdenhosamente.

Mas, como queria muito que a loucura de seu marido não ficasse sem emprego, acceitou, á falta de melhor, a proposta. Desde então, duas vezes por dia, um mugido sonóro encheu a calma da casa adormecida e, na estrada, fez levantar a cabeça ao empregado da barreira. Esse chamado talvez não fosse muito elegante, mas com toda a certeza era moderno. A vaidade de Raginet sentia-se lisonjeada com essa musica barbara. Mme. Raginet, um pouco dura de ouvidos, pouco a pouco achava-lhe vantagens.

Passou o inverno. Voltou a primavera, depois o verão. Um dia, ao meio dia, em ponto — graças ao "klaxon" — o casal acabava de sentar-se á mesa, quando Sidonia veiu annunciar um visitante desconhecido. Raginet, admirado, correu para o salão.

Jacques Portal! avançou para elle, de mãos estendidas:

— Ah! meu velho Raginet, salvas-me a vida! Imagina que, indo para Trouville, acabo de ter uma panne a dois passos daqui. Estava muito aborrecido e, todo desconsolado á margem da estrada, perguntava-me o que ia fazer, quando, de repente, ouço o barulho dum "klaxon". Lembrei-me de ti. Achei o teu cartão na carteira e não hesitei mais. Prompto! Tenho que chegar a Trouville hoje mesmo, á noite. Só tu me pódes prestar esse serviço. Deixo-te o meu carro e vaes emprestar-me o teu!

Elle (cujo automovel fôra roubado na vespera). — Que azar, querida! A companhia de seguros acaba de encontrar o nosso carro.

O menino. — Queres vir brincar de cabra-cega, commosco, papae?

O pae. — Não, filhinho.

O menino. — Por que?

O pae. — Porque foi brincando da cabra-cega que eu um dia encontrei a tua mãezinha....

Jardim de

PELA belleza dos seus ensinamentos, Epicuro foi um dos mais celebres philosophos da antiguidade.

Segundo alguns escriptores, a doutrina do sabio grego contribuiu para a corrupção dos costumes.

Os criticos que acreditam ser o epicurista um homem grosseiro e sensual, vivendo apenas para a satisfação dos desejos sexuaes e para a orgia dos banquetes, laboram em equivoco. O philosopho não foi o que se diz. Foi, ao contrario, um varão de costumes austeros, rigidos e masculos. Longe do mundo, em retiro espiritual, vivia para o cultivo das flôres do seu jardim.

Ainda hoje sentimos, com volupia, o aroma das flôres do jardim de Epicuro.

* * *

O illustre Faguet não se enganou quando disse ser o epicurismo um estoicismo sorridente. Póde-se affirmar ter sido Epicuro um estoico sem a carranca e a ruga que fazem a vida feia, triste e funebre.

Era um estoico sorridente, que abandonava as delicias da mesa para sentir, em silencio, com maior volupia e mais apurado atticismo, o perfume de uma flôr do seu jardim.

Ensinava as suas doutrinas na beira das aguas crystalinas dos regatos, sentindo a caricia da sombra projectada pelas arvores e o perfume das flôres, nas tardes sublimes e grandiosas.

Jardim de Epicuro... prazer do bem supremo.

* * *

Jardim de Epicuro. E as folhas das arvores vão cahindo, num rumor de sêda.

Jardim de Epicuro... E as palavras brotam dos labios do mestre cheias de rythmo, colorido, elegancia e belleza.

Muito embora possúa muitos detractores, o facto é que o grande Epicuro foi um homem de costumes rectos e de caracter puro.

O prazer é o bem da vida. Tal prazer, porém, não é feito de cousas sordidas e materiaes, mas das delicias puras do espirito perfeito.

Vivendo no *Jardim de Athenas*, o grande sabio ensinava a procurar a *ataraxia*, isto é, a ausencia de inquietação e desgosto.

E' no jardim maravilhoso do divino mestre que o homem poderá

Athenas

encontrar a verdadeira, *ataraxia*, esquecendo lá longe, entre outros rumores, o grande rumor da vida futil.

* * *

Muitos acreditam ser a dôr physica mais intensa que a dôr moral.

Estou com Epicuro. Considero mais penoso o soffrimento moral. E' que a carne só é capaz de sentir a angústia actual. O espirito vae muito mais longe. A alma soffre as desditas passadas. Soffre pelo que já foi levado pelo tempo. Na recordação de um soffrimento, existe ainda o soffrer. Com a recordação, o espinho brota novamente verde e aggressivo, dilacerando cruelmente a alma angustiada e sombria. Soffrendo os males presentes e passados, a alma soffre ainda aquillo que está no futuro.

Além disso, a carne apenas prova as torturas da propria carne. O espirito vae muito mais longe, porque vibra tambem com as torturas e os martyrios dos outros seres.

A alma soffre quando vê soffrer.

PAULO FREITAS

Uma aventura no Amazonas

(*Conclusão*)

Fracassára, e não podia voltar a tentar a empreitada que o pensamento me levára a acreditar como de facil realização.

Em nada mais achei encanto e a mais acertada solução que encontrava para o caso, era dormir. Foi o que fiz.

No dia immediato, ás primeiras horas da manhã, acordei. Repassando os acontecimentos da noite, tive a curiosidade de olhar para o sofá que fôra transformado em cama.

Dormia ainda uma turca velha, gorda, de rosto encarquilhado e que se deitára com grossa e suja roupa preta.

Desse momento em deante, nunca mais esqueci esta curiosa aventura, em que, auxiliado pela noite, pelo local e pelos acontecimentos anteriores, — fôra tentado a conquistar a mais horrivel das mulheres que tenho visto.

Outubro - 1932 - Rio.

A ESPANTOSA

DAQUELLA manhã, a velha creada entrou como de costume em casa de Michalon. Sahiu, porém immediatamente, empurrada do interior por uma mão invisivel e brutal, vindo cahir de joelhos no meio da rua. O terror desfigurava-lhe o rosto; e o collo dilatava-se-lhe num esforço violentissimo para articular um grito que não poude assomar-lhe aos labios.

Ah! Não era sem motivos o terror da velha criada!...

Quando entrámos na casa para vêr o que succedia, surprehendeu-nos, desde logo, não vêrmos Michalon. Em seguida, divisámos-lhe as pernas, pernas rigidas, que surgiam das sombras accumuladas debaixo da mesa. As solas dos sapatos, apoiadas sobre os saltos, impressionavam horrivelmente na penumbra da habitação.

Inclinámo-nos, arrastámo-nos por debaixo da mesa, naquelle ninho de sombras. O corpo do gigante Michalon estendia-se alli, negro como terra, sobre os vermelhos ladrilhos humidos.

O rosto? Estava escondido pelo braço dobrado; pelo braço direito, cuja mão parecia arranhar os ladrilhos, crispadas nelles.

Levantámos o braço para vêr-lhe a cara.

— Não está, ainda rigido — articulou alguem.

Sim, o crime era recente, muito recente. Olhámos a porta, de soslaio, medrosos, quiçá, de vêr surgir nella a silhueta do assassino. Logo, os nossos olhos cahiram — ao mesmo tempo, uma espécie de malestar intimo guiava os nossos movimentos — sobre aquelle corpo tombado, que se ia debuchando pouco a pouco na penumbra. Não distinguimos bem as fórmas do cadaver. Em seguida, comprehendemos que aquelle corpo carecia, verdadeiramente, de fórmas: havia sido recomposto de novo a golpes de martello! O rosto, desarticulado, amassado, parecia a cara dum leão. A' luz de uma vela accesa por mão impaciente, vimol-a tal qual era: uma enorme mancha negro-vermelha. Nem terror, nem angustia, nem ira se podia descobrir nas feições deformadas. Aquelle rosto estava demasiado destruido para exprimir algo de semelhante á agonia.

Uma instinctiva repulsa fez-nos retroceder. Alguem insinuou, então:

— E o outro?

O outro?... Alli estava, sim, porque não podia mover-se. De facto: bastou-nos dirigir o olhar para o canto da habitação, para vêrmos um semblante pallido. Tinha a cabeça apoiada ao espaldar da poltrona e os braços pendiam inertes como farrapos.

O paralytico!... O velho que havia vindo viver seus ultimos dias em casa do unico parente e que, havia um anno, estava cravado, enraizado naquella poltrona!... Tinha uns restos de vida, porém esses restos eram tenazes, invenciveis. Dir-se-ia que se haviam incrustado em alguns rincões do seu organismo, negando-se a extinguil-o. Um reflexo azulado fluctuava-lhe nos olhos; de quando em quando, um olhar parecia concentrar, naquelle rosto rugoso, as ultimas energias... Esse ancião via; pensava, talvez; porém era-lhe prohibido mexer um só dedo. Nas mãos da velha creada que o attendia, era docil como um trapo.

— Ah! — murmurei — O paralytico viu!... O paralytico sabe!...

— De certo — disseram os outros, como assombrados da minha revelação.

E imaginei o horror desse crime perpetrado em presença do paralytico, daquelle homem que era uma "coisa", nada mais que uma "coisa". Talvez o assassino nem siquer visse aquelle semi-morto sepultado fóra da terra!

No entretanto, os demais homens da aldeia haviam chegado á casa. As autoridades policiaes e os juizes fizeram-se presentes. E começou em seguida a pesquiza para dar com o assassino.

* * *

NÃO foi difficil achar o culpado. Este não havia tomado precauções, deixando na habitação rastros que o denunciavam. Era um idiota, um degenerado. A's duas da tarde, a policia surprehendeu o accusado no bosque. Trouxeram-n'o manietado para a aldeia. Era, de facto, um idiota, um retardado, como evidenciava o proprio physico: tinha o dorso deformado, a cabeça irregular e eriçada de cabellos vermelhos, e a barba hirsuta recordava os antecessores do homem.

REVELAÇÃO

Henri Barbusse

O preso fingiu-se louco, gesticulando grotescamente e emittindo gritinhos inarticulados. Porém, vencido pelas provas, terminou por guardar silencio e abaixou a cabeça. Quando lhe mostraram o pesado bastão, vermelho de sangue, fez uma careta. E dos cantos dos labios sahiu-lhe um filete de baba. Nada confessou, no emtanto; e não obstante todas as deligencias da justiça, não se logrou saber onde havia escondido o cofre de ferro que continha o dinheiro da victima.

A morte de Michalon haveria sido vingada na pessôa daquelle accusado si, nesse mesmo dia, não houvessem surgido novas supposições que determinaram uma segunda pesquiza. Na noite do crime, um vagabundo havia sido visto na aldeia... Não seria innocente, o idiota?...

A opinião geral agarrou-se, por compaixão, a esta segunda hypothese. Foi preso o vagabundo. Porém as coisas e complicaram de tal maneira, que jamais se poude saber qual dos dois havia roubado e morto, ainda que houvesse certeza de que um delles havia commettido o horrivel assassinato. Do cofre, nem sobras. Não obstante o clamor dos aldeães, o juiz teve que confessar que carecia de provas para condemnar a qualquer dos accusados...

E o crime permaneceu no mysterio. Aquella incerteza com respeito á tragedia produziu-me um estranho dissabor.

O desejo de descobrir a verdade apoderou-se de mim como uma febre. Propuz investigar o crime por minha conta. Porém de nada valeu minha bôa vontade. E tive que resignar-me, como o juiz, a deixar o problema envolto em mysterio.

Desde então, fiquei soffrendo dos nervos. Isso explica o momento de loucura que tive algumas semanas depois.

Superexcitado pela tensão nervosa, castiguei brutalmente o meu cavallo, o amigo "Pierrot". Regressava nessa noite á casa, no carro puxado por "Pierrot". Um violento furacão dava-me ao corpo por instantes, estremecimentos electricos. O cavallo, castigado, lançou-se em galope pelo caminho, denso de sombras. Meu carro entrou na aldeia arrazando os muros. Sentia e aspirava, naquella imprudente carreira, o halito calido de "Pierrot". Era impossivel conter o animal... Pensei jogar-me do carro. Saltar... Subito, senti um choque, seguido de um clarão de luz. Tive a impressão de que alguma coisa se havia desmoronado numa parede. E, antes de cahir no barro da rua, vi... Extendido no chão, envolto em barro, eu tremia. Não pela impressão do accidente, nem pela consciencia do perigo. Não. Tremia pelo que havia visto! Tive a impressão, disse, de que alguma coisa havia desmoronado na parede.

Era que o varal do carro havia empurrado os postigos de uma janella. Por essa chaga luminosa do muro, meus olhos puderam internar-se numa habitação.

E vi um homem, de pé, inclinado, sobre um cofre de ferro, onde as suas mãos acariciavam moedas de ouro. Vi que ao ruido do postigo as costas desse homem estremeceram, e que um braço buscava rápido o pesado bastão com que havia sido morto o aldeão. Vi, sobretudo, seu rosto pállido.

O sopro do furacão apagou a lampada. Porém a luz brilhou o tempo sufficiente para que eu pudesse gravar aquelle rosto na retina! Era o paralytico!... O assassino!... O genial simu-

(Continúa na pag. seguinte)

A ESPANTOSA REVELAÇÃO

(Conclusão)

lador que havia machinado o mais infernal dos crimes! Um monstro de heroismo e de paciencia, que se havia cravado numa cadeira, fingindo-se, durante um anno, inerte como uma coisa, imperturbavel como uma arvore, para commetter, no momento propicio, o crime que lhe permittiria apoderar-se do cofre!

Foi tão tremenda a revelação, tão inesperada, que fiquei por longo tempo com o rosto no chão, sentindo na bôcca o aspero gosto do barro, ouvindo bramir sobre minha cabeça o furacão enfurecido, sem poder mover-me, e repetindo mentalmente, de mim para mim, com o terror que infunde o sobrenatural: "Era o paralytico!"...

AS BIOGRAPHIAS EXTRAVAGANTES

AINDA hoje, embora já tenha decorrido mais de século e meio, ficamos perplexos quando queremos julgar a vida de Frederico Antonio Mesmer. Não se sabe se esse interessantissimo personagem deva ser considerado como um precursor scientifico de grande revelo, ou se deve ser incluido na farta lista dos charlatães que, ao longo do tempo, procuraram enganar os seus semelhantes. A melhor definição reside talvez entre uma e outra sentença: Mesmer era um sabio e ao mesmo tempo um aventureiro.

Pervertido pelos costumes de sua época sempre teve a preoccupação de tirar o maior proveito material de suas descobertas; antes mesmo de poder sufficientemente aperfeiçoal-as, e foi por essa razão que prejudicou para sempre a nomeada de sabio a que lhe dava pleno direito o seu real talento.

Já Paracelsus, em 1500, havia enunciado a possibilidade de applicar o magnete na cura de diversas molestias, introduzindo o uso dos metaes na medicina pratica. Depois delle, o eminente physico allemão Kircher, seguindo as pégadas de Paracelsus, fabricou certos apparelhos que, applicados sobre o peito, os braços ou o pescoço, deveriam ter tido a propriedade de curar, ou pelo menos de attenuar as molestias nervosas. Logo depois, outros sabios como Helmont, Fludd, Hell, etc., se esforçaram seriamente para applicar em muitos casos a medicação pelos metaes.

Foi justamente ahi que Mesmer, obscuro medico allemão, formado havia oito annos apenas, discipulo justamente de Hell se poz fervorosamente a estudar as novas doutrinas.

Maravilhado, elle proprio, com os resultados que obtinha, confirmando as suas mais ousadas theorias, das quaes resultava a sympathia das plantas e dos metaes pelo corpo humano, fundou em Vienna d'Austria uma clinica especial, onde logrou fazer curas e experiencias sensacionaes. No correr daquelle mesmo anno de 1760 elle proclama a famosa theoria do Magnetismo animal como factor natural de cura. Os effeitos dessa força occulta são incontestaveis, se bem que ninguem os possa explicar. Mesmer é sem duvida o primeiro homem que observou e soube tirar partido de um factor poderosissimo e até então desconhecido.

Lendo ainda hoje as 27 *propostas* em que Mesmer nos communica a sua descoberta, não se póde deixar de render homenagem ao seu genio incomparavel. Esse homem, todavia, que, alem de haver descoberto o magnetismo animal, tambem foi o preclaro precursor de algumas idéas muito modernas sobre as irradiações humanas, quiz tirar um proveito pecuniario immediato de suas descobertas, e dahi, cobrindo-se de ridiculo, cahiu do

(Continúa na pag. seguinte)

A SABEDORIA DO REI

Ao começar o primeiro mez de verão, o rei do reino de Lú quiz visitar o rei do reino de Tchú; e se poz em marcha com o sequito conveniente, seguindo á risca os preceitos de Li Ki (que os barbaros do Occidente chamam Livro dos Ritos). Sua carruagem era vermelha, puxada por cavallos de regras caudas e levava o estandarte de côr encarnada. Estava vestido de vermelho, com rubis no toucado e na cintura. E assim que foi vencida a primeira etapa, fez o sacrificio do rito a Ien Ti, o principe do fogo, assim com a Tchú Iung, o genio tutelar. Emquanto isto, a escolta observava o vôo dos passaros; porque os passaros, como se sabe, chegam com o verão. E o rei, sacrificando, não se esquecia de offerecer em primeiro logar os pulmões, sempre de accordo com os ritos.

Nos caminhos, a rã coaxava, a minhoca apparecia, a abobora crescia e as flores sorriam.

Na noite da quarta etapa os dragões dos ares travaram luta, e tal foi a luta, que torrentes de chuva e de granizo cahiram sobre a terra. As montanhas abaladas, sacudiram a neve em avalanches e os rios, enchendo, transbordaram os vales. Tudo isso porque o sol estava na cons-

(Continúa na pag. seguinte)

---

throno onde deveria permanecer através dos seculos.

Na clinica especial que havia fundado em Vienna, principiou a ter uma serie de contrariedades que o irritaram a ponto de fazêl-o abandonar tudo e fugir para Paris, onde chegou em 1778. Lá, elle causou indizivel enthusiasmo. Os salões do riquissimo apartamento que alugára na rue de Rivole, em frente ás Tuilherie, viviam repletos da mais alta aristocracia do tempo. Na sala maior, estava plantada a celebre *tina* de que, pelas affirmações de Mesmer emanava os celebres effluvios mysteriosos que curavam todas as enfermidades. E centenas de pessoas — principes, marquezas e clientes ricos, acotovelavam-se diariamente em volta da *tina*.

Mesmer é, antes de tudo, um habilissimo hypnotizador, que usa e abusa sem grande discernimento de sua descoberta. Em seguida, da-se o que sempre se deu e dará em todos os tempos relativamente aos inventos que se baseiam nas sciencicias abstractas. Muitos invejosos mur-

AS BIOGRAPHIAS EXTRAVAGANTES

(Continuação)

muraram, alguns doentes disilludidos protestram, certos sabios franziam o nariz e, finalmente, o governo mandou abrir inquerito. Nomearam uma commissão especial, composta dos mais illustres scientistas do tempo, que, depois de muitos estudos sentenciaram o seguinte:

"Os effeitos beneficos são maravilhosos e reaes, porem nasceu exclusivamente da imaginação dos enfermos; e, por isso, o senhor Mesmer não tem mérito nem tão pouco merece recompensas!"

Somente um dos scientistas membros da commissão — o dr. De Jussieu, deu um parecer favoravel a Mesmer. Mas um só não bastava, e o criador do Magnetismo teve que abandonar Paris, levando o dinheiro que alguns enthusiastas lhe haviam confiado. Isto, naturalmente, o perdêra de todo. Procurou fazer nova fama em Londres, mas os inglezes são praticos e frios e suas theorias não encontraram adeptos. Vae, então, para a Allemanha, mas já está cançado e o ridiculo o persegue.

Elle mesmo, para melhor desfructar as suas idéas, as envolvêra tenazmente de mysterio. Gostava de gesticular de modo enigmatico e de pronunciar palavras sybilinas, sem escrupulo algum. A desconfiança e a superstição minaram tambem, desapiedadamente, aquelle pequeno resto de fama, e Mesmer desappaprece, emfim, aos 81 annos, completamente esquecido e pobre.

Morreu tarde demais.

IBAVAZ

tellação de Pi, porque a constellação I attingia o zenith á noite e a constellação U pela manhã.

O rei, respeitando a vontade dos céos, interrompeu a viagem. E, como não fosse possivel levantar as tendas, por causa da chuva e do granizo, que lhes romperiam as paredes de rica seda, o rei se dignou recolher a uma povoação de trabalhadores. Trez ordens de bambús vigosos impediam a passagem do vento e a tempestade não penetrava o abrigo das folhas, cerradas, dos olmos e dos canforeiros. As casas, de tectos de sapé ou porcellana, rodeavam a vasta praça. No ar, o cheiro bom do minto apimentado e de comida. duas mulheres sahiram de uma vivenda hospitaleira e se ajoelharam, para implorar que o rei se abrigasse sob seu tecto. E ellas não sabiam que era o rei. E, por isso, o offerecimento não mascarava orgulho ou ambição, mas era acto de caridade. O rei accedeu.

Ora, elle viu a casa reluzente e o altar dos antepassados venerado. Seu coração de rei se rejubilou.

Chamou as duas mulheres. Uma veiu. Era bella como a lua no verão, que os lagos, onde boiam os lotus esparsos, reflectem. Seus olhos eram de jade sombrio, suas faces como a flor do limoeiro. Quando ria, o marfim novo brilhava numa romã madura.

A outra mulher tambem veiu. Era feia de apavorar. E seria inconveniente descrever tanta fealdade, pois nossa delicadeza de letrado, que qualquer espectaculo grosseiro offende, se resentiria.

O rei do reino de Lú fez, entretanto, identicas perguntas ás duas mulheres. Eram irmãs, casadas com dois homens que dividiam igualmente entre si as responsabilidades de chefes da casa; e tão extremamente virtuosa uma quanto a outra, embora á bonita dez mil supplicas de amor tivessem sido feitas — mas em vão.

O rei ouviu, depois dormiu. Entretanto, os dragões dos ares, cansados de lutar, se deram treguas. E o sol da manhã illuminou um céo puro. O rei retomou a carruagem vermelha. Mas, antes disso, deu sua tunica vermelha, com o cinto vermelho, e os rubis do cinto á mulher que era bella.

E á outra não deu nada.

E, assim agindo, agiu com sabedoria. A virtude da mulher bella era meritoria, porque esta foi muitas vezes tentada. A outra mulher, feia e sem tentações, vivia virtuosa sem merito.

Ao começar o primeiro mez

(Continúa na pag. seguinte)

A sabedoria do rei

(Continuação)

* * *

do inverno, o rei do reino de Tehú quiz, por sua vez, fazer uma visita ao rei do reino de Lú; e se poz em marcha com o sequito conveniente seguindo á risca os preceitos de Li Ki. Sua carruagem era negra, puxada por cavallos zebrunos, e levava o estandarte de côr negra. Estava vestido de negro, com pedrarias negras á cintura; e, ao terminar a primeira etapa, fez o sacrificio do ritual e Tehuemhin, como a Hiuen-ming. Emquanto isto, a escolta pescava tartarugas, porque os crustaceos, como se sabe, chegam com o inverno. O rei, sacrificando, não se esquecia de offerecer, em primeiro logar, os rins, sempre de accordo com os ritos.

Nos caminhos, a agua se ia transformando em gelo e o faizão mergulhava no grande rio Huaio; o arco-iris se escondera e não mais apparecia.

Na noite da quarta etapa, aconteceu ao rei de Tehú tudo que acontecera ao rei de Lú e exactamente no mesmo logar, pois a viagem se dividia justamente em oito etapas, todas iguaes. Os dragões dos ares lutaram. A chuva e o granizo cahiram, as montanhas sacudiram a neve e os rios transbordaram. Tudo isso porque o sol estava na constellação do Escorpião e a constellação Wei attingia o zenith á noite e a constellação da Hidra pela manhã.

O rei de Tehú interrompeu a viagem, como o fizera o rei de Lu, e foi o primeiro a vestir o manto de pelles que protege do frio no primeiro mez do inverno. Assim ordenam os ritos. Depois, elle se dignou refugiar na povoação onde se refugiara o rei de Lú.

As duas virtuosas irmãs sahiram de sua vivenda, ao ver o rei hesitar entre as casas que rodeavam a praça. E, como haviam feito da outra vez, ajoelharam-se pra rogar ao rei que se abrigasse em sua moradia.

O rei entrou. E, vendo a casa reluzente e o altar dos antepassados venerado, seu coração de rei se rejubilou.

Então, interrogou as duas irmãs. Uma continuava linda e a outra horrivel. Uma e outra sempre extremamente virtuosas, guardando somente para seus esposos a flor de sua carne. Embora as flores de uma e de outra não valessem o mesmo.

O rei ouviu, depois dormiu. E, pela manhã, tendo-se dado treguas dos dragões dos ares e do brilhado o sol novo num céo puro, retomou a carruagem negra. Mas, antes disso, ordenou aos seus escravos vestidos de pelle de tigre que matassem a mulher bella.

E deixou viver a outra.

E, assim agindo, agiu com sabedoria. A crueldade da mulher bella merecia a morte. Não havia essa mulher repellido e desesperado dez mil homens que a amavam! A mulher que não desespérara ninguem vivia virtuosa, sem crime.

E não ha senão uma sabedoria.

Claude Farrère

saibam todos...

CHRISTIANA ELIANA (Pernambuco) — E' necessario que eu publique a sua carta, para que se aprehenda bem o sentido da resposta.

Vamos assim ao que me escreve v. ex.:

"Yves amigo: 1.º de Janeiro. Dia de anno bom. Anno bom porque entra sorrindo, nos prometendo um mundo de felicidade. E eu pra ele vou tambem sorridente, esperançosa e confiante. E a você Yves, eu desejo tambem para 1934, um montão de sucessos, de victorias consecutivas no meio literario da capital.

Eu me lembrei de você hoje. Tanto me lembrei que estou lhe escrevendo. O dia amanheceu lindo, banhado por um sol magnifico de verão, emprestando uns reflexos doirados rubros ao ceu maravilhoso da sua terra.

E' uma pernambucana que lhe fala nesse momento. Uma pernambucana que sente bem viva no coração a alegria de ser conterranea sua.

Uma pernambucana que sempre com o sorriso nos labios — *um sorriso* de entusiasmo, lê as respostas desse Yves extraordinario, a todas as meninas do Brasil, e sente uma vontade louca de gritar bem alto, para que todas ouçam, triumphante que esse homem de letras admiravel e filho de Pernambuco, desse Pernambuco pequenino mas orgulhoso dos seus filhos.

Você sempre se queixa dos pernambucanos. Eles não se lembram nunca de você para enviarem uma lembrança qualquer da sua terra. Só se lembram de pedirem, pedirem sempre. Pois bem, eu reuni um grupo de amigas. Fiz seelção. Aliás aqui não é dificil essa tarefa. Justiça seja feita. As pernambucanas são sempre graciosas. E pedi ao meu irmão para fotografar-nos, e aí vae para você uma bela amostra desses produtos. Vê se me descobre aí. Nós temos uma Jazz já organizada e já estreiada. E' somente por diletantismo. No entanto em festas de caridade já nos exibimos. Eu me fotografei com o meu instrumento. Vê lá se adivinhas.

Escute essa fotografia é p'ra você e não para ser publicada. E' uma fotografia somente de admiradóras suas. Cinco dessas daí já lhe escreveram. Eu já nem sei a sonta das cartas que lhe fiz e quasi todas você teve a gentileza de responder.

Escute Yves, eu quero um favor seu. Eu tenho um album muito bonito, cujas paginas alguns professores tiveram a delicadeza de escrever. Eu tomei a ousadia de reservar uma pagina para você. Você fará o obsequio de encher esta pagina? Eu não envio agora, porque quero primeiro ter uma resposta de você. O album é grande, volumoso mas rico e bonito.

Como poderei enviar? Pelo correio mesmo não é? E você depois fará o enorme obsequio de devolver-me pelo mesmo processo. Daqui, dessa cidade querida, eu envio para você o melhor dos meus sorrisos.

1.º de Janeiro de 1934.

Christiana Eliana."

Agora, vamos á resposta...

Sim, senhora, d. Eliana...

Antes de tudo, apraz-me agradecer-lhe as palavras exaltadas, de admiração e enthusiasmo, com que me distingue... Obrigado. Muito obrigado, minha querida leitora.

A seguir, desejo referir-me á ingenuidade com que v. ex. encara e julga os homens de letra, da metropole...

Oh, d. Eliana, não julgue que eu disponha de tempo para quebrar a cabeça... procurando a sua illustre pessôa, no grupo de senhoritas, que apparece na photographia, a mim gentilmente enviada. Devo dizer que me bastam os "quebra-cabeças" que me dão as daqui, — umas, por carta, outras, pelo telephone, e outras, pessoalmente... E isso aqui pertinho, quasi deante do meu nariz...

Direi, no emtanto, — a julgar pelo rapido exame que fiz do seu postal photographico — direi, repito, que as minhas conterraneas são elegantes e lindas; mas têm o grave defeito de não rir.

Será que estou habituado com o sorriso facil, fino, deliciosamente ironico, e expressivo, das bellas cariocas?

A carioca é accessivel e risonha. Ou melhor, é graciosa e communicativa.

Sorri, porque tem a certeza de que a arte de agradar começa por um sorriso de *rouge*, muito lindo, muito illuminado, e que a gente não sabe, na sua malicia, si pede ou nega um beijo...

E como é um sorriso atrahente e sibillino, um sorriso irresistivel de encanto, enigmatico, e matreiro, nós amamos a carioca porque ella sabe sorrir com graça.

Quando será que v. ex. me enviará outra photo, onde eu possa vêr, nos labios puros e frescos das pernambucanas, o sorriso adoravel da carioca?

Não applaudo a idéa do jazz feminino.

Esse grupo musical, dada a sua natureza espalhafatosa e a bizarria dos seus instrumentos, obriga as figuras que o compõem, a esgares e tregeitos que não se adaptam á graciosidade e á elegancia de uma creaturinha de saia.

Imaginemos uma senhorita esguia e leve, como uma libelula, ou esvoaçante como uma mariposa, a malhar a pelle de um bombo ou a soprar um piston, as bochechas infladas, (como as daquelle Eolo que se vê nas paginas da Mythologia) ou a se esganiçar, — mamando no bico de um clarinette!...

Oh, *mademoiselle!* Voto contra o jazz feminino, e dou o meu véto ás bochechas cheias de vento e aos trejeitos a que as mocinhas serão obrigadas, quando tocarem, por exemplo, a canção carnavalesca, que aqui está mais em moda:

Lourinha, lourinha,
dos olhos claros de cristal...

Quanto ao album... que hei de responder ao pedido gentil de uma conterranea?

NEUSA GARCIA (Capital) — V. ex. é indiscutivelmente um espirito fantasista. Tem-se a impressão de que anda a cavalgar uma nuvem, ou uma estrella, sem se preoccupar com os graves e sérios problemas deste "Valle de lagrimas"...

Será assim.

Basta dizer que v. ex. ainda crê em sonhos... E uma prova é a carta que me quiz enviar...

Leiamol-a:

(Continúa na pag. seguinte)

"Rio, 6-1-934. Yves. Você que é um rapaz culto e possue uma intelligencia invulgar, poderia responder pelo "Saibam todos": qual o maior amigo da saudade, o pensamento ou o sonho?

Acho que o sonho é mais amigo da saudade do que o pensamento, porque o pensamento foge, interrompe-se, deixando que outras imagens povôem a nossa mente, eclypsando o que desejamos ver.

O sonho, não! Para servir á saudade elle vae buscar no sub-consciente aquillo que o pensamento não conseguiu reter; reproduz scenas, augmentando-lhes a belleza circumdando-as de illusões, dando-lhes cores de realidade que engambellam a saudade...

O que em amor não se obtem com o raciocinio, o sonho dá-nos.

O sonho, para servir á saudade, não mede distancias: vôa, penetra lares, devassa quartos, vae buscar o objecto amado e o entrega á saudade, fixando-lhe tão bem a figura que a saudade se illude pensando tel-a realmente...

Não acha Yves, que tenho razão em julgar que o sonho seja mais amigo da saudade do que o pensamento?

Sua admiradora

Neusa Garcia."

Afinal de contas, tudo isso não passa de palavras, mais ou menos sonoras...

Sonho... Pensamento... Saudade...

Freud, com a sua rijeza de theorizador terrivel, destruidor e despoetisador de fantasias e almas, nos assegura que o sonho é um simples phenomeno telepathico, sujeito ás investigações da psychanalyse.

Segundo o prof. de Vienna, ha sonhos em estado de vigilia (*rêves éveillés*) *inconscientes* e ha sonhos *conscientes*, conhecidos de todos nós, através da existencia que levamos. O dr. Ferenczi classifica os sonhos em *despertos* e *nocturnos*. Ou melhor: sonhos que temos em vigilia e sonhos que temos quando sob o dominio do somno. O prof. Grasset os define de modo mais ou menos semelhantes — aproximando-se de Freud.

Mas, quero crêr que v. ex. se refere aos sonhos *em estado de vigilia e conscientes*. E nesses casos é o *consciente* que age, e não o *sub consciente*. E' o sonho *rêverie* dos francezes, em que a imaginação se compraz em construir, através da fantasia, ou de evocar, simplesmente, o que passou pela nossa vida, realizando, desse modo, aquelle triste e agradavel passeio pelos caminhos ermos do passado no dizer de Anatole France.

Em summa, de qualquer modo, o sonho, na sua divagação, não é mais do que a recreação do pensamento, flanando no espaço e no tempo; divertindo-se em sonhar ou em recordar — o que deve ser o que v. ex. chama "servir á saudade".

Quer dizer, o sonho, da sua "enquête", é, a meu vêr, apenas a acção do pensamento ou antes, o dynamismo psichico agindo e motivando a saudade — resultado da evocação do que passou e se desvaneceu na cinza das horas velhas e distantes.

Para falar a verdade, o assumpto é transcendental de mais. Nem mesmo o grande Freud ainda chegou a uma conclusão definitiva. E eu não possúo conhecimentos especializados, a respeito. O mais que posso fazer, é indagar, tambem, como o poeta — Francis Jammes — que perscrutava os sonhos da sua amada — isto é, os sonhos conscientes, as *rêveries*, os enlevos, os contemplativos da sua musa:

Rêves-tu que la lune est un hortensia?...
— Ou bien encor que sur le puits l'acacia
Jette des fleurs de neige d'or sentant la myrrhe?...

— Ou que ta bouche, au fond du seare, si bien se mire,
Que je la prends pour une fleur qu'un coup de vent
A fait tomber, du vieux rosier, dans l'eau d'argent!

Sonho... Pensamento...

V. ex. escreve: "O Sonho, para servir á saudade, não mede distancias: vôa, penetra lares, devassa apoentos." etc etc.

Comprehendo bem como isso se dá...

Vejamos: V. ex. sonha com o macaco... Joga no grupo 17. A' tarde, o *bicho* que dá, é o jacaré... V. ex. sentirá, então, uma profunda saudade do seu rico dinheiro, que lá se foi...

E' claro que foi o sonho do... macaco que serviu á saudade... do seu côbre perdido...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

FON-FON — 20 - 1 - 934

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

LIVROS (Poemas) — Paulo Gustavo, o poeta que é tão admirado e querido pelas mulheres bonitas e intelligentes, acaba de lançar á publicidade a 3ª edição do seu poema "Por amor ao meu amor"... E' uma victoria literaria, essa que o poeta da "Divina Amargura" alcançou com a sua obra delicada. Não é facil, nestes tempos rudes, de pressa e de interesses materiaes, flagrantemente grosseiros, um escriptor chegar a terceiras edições de um livro. Maximé se trata de versos, poesia, coisa esta que se tem abastardado tanto, mercê da caricatura má dos falhados das letras, empenhados em fazer uma coisa theratologica, a que chamam displicentemente — poesia moderna.

Poesia moderna é a de Paulo Gustavo. E justamente por isso que elle vae conquistando applausos e sympathias femininas.

E é tão animador esse triumpho, que Paulo Gustavo já está cogitando de lançar um novo e delicado poema, por todo este primeiro semestre: — "Era uma vez uma illusão"...

Este livro terá, certamente mesmo destino invejavel dos outros.

J. ALBERTO (Ceará) — Seus versos serão aproveitados. Espere um pouco, sim, poeta? Deixe haver epaço.

FIGUEIREDO SILVA (Minas) — Agradecendo, retribúo os votos de bôas festas que me envia, desejando-lhe as mesmas prosperidades no corrente anno.

AIMERY (S. Paulo) — Agradecendo, retribúo o seu amavel cartão de bôas festas e bôas entradas no Anno Novo.

MARCIOS (Capital) — Oh, caro sr. Obrigado. Como bem accentua na sua carta, o sr. não se esqueceu de minha pessôa, a quem nada pediu ainda.

E' sempre assim. O sr. teve essa delicada lembrança, no Natal, e que eu guardarei na minha estante, com carinho. O sr. nunca me pediu nem mesmo para lhe publicar um soneto. E' certo.

Talvez que, si fosse como outros, que me caceteiam o anno inteiro, com pedidos de favores de toda sorte não tivesse a lembrança que teve, nem mesmo de enviar-me um simples cartão de bôas festas. Ah! meu caro, o egoismo humano é uma coisa desmedida! Mais uma vez, agradeço o seu presente e retribúo os votos que faz pela minha felicidade.

Aqui fico ás suas ordens, na redacção, de 10 ás 11 da manhã e de 5 horas ás 6 da tarde. Meu telephone é — 2-4136.

Yves

UMA VINGANÇA PAVOROSA

De BAB NOELARCA

QUANDO o Juca Peludo tomou o comboio que o levaria á capital, teve um immenso allivio. Ia ter outra vida; seu cognome, Juca Peludo, seria, então, apenas uma reminiciencia.

Na villa toda gente o conhecia. Era uma parallela das mais altas imbecilidades — João Ninguem e Pedro Louco — que representaram a classe mais infima do local.

Foi por isso que quando o moço descançou no banco do vagão de 2ª classe, suspirou como si estivesse alliviado de um peso suffocante. Agora, o trem annulando distancias, parecia ter abandonado, na villa, a carcassa miseravel de Juca Peludo. Era outro; era José Alvares Coutinho, que estava, risonho, com um chapéu novo terno lavado e bem passado de arranco cêpo, a viajar para a cidade.

Ao desembarcar, ficou tonto com o lufa-lufa da chegada. Com uma pequena trouxa, feita de um lenço de listas encarnadas enfiada no braço, era jogado de um canto a outro, pelos empurrões e cotoveladas, sem procurar se desencevilhar da multidão. Cessado o movimento, já com pouca gente na plataforma, sentiu que lhe puxavam pela manga: era Nha Delurdes, sua madrinha. Esta era cozinheira num dos melhores collegios. Mandara buscar seu afilhado para ajudal-a nos seus misteres.

Alli, aproveitou elle as horas de folga para aprender no curso nocturno. Pouco tempo após sua docilidade deu-lhe companheiros que o estimaram.

Em um anno progrediu surprehendentemente. O director do collegio se lhe afeiçoára deveras.

A vontade sempre foi uma exterminadora da inercia. José Coutinho, como era conhecido, agora sempre fôra um despreoccupado na villa. Seus modos negligentes fizeram agarrar-se-lhe á pélle á sua pessôa desde que trabalhára num circo de cavallinhos, como peludo, a detestada alcunha de Juca Peludo. No começo não déra a isso importancia; o tempo, porém quando lhe chegaram os vinte annos, foi um conselheiro valoroso. Coutinho se viu no centro de uma circunferencia de humilhações e desprezos. Lutou e trabalhou muito. Deixou as brincadeiras com os molecoles; mas nada! O Juca não era levado a sério. Parecia que o appelido adherira a seu corpo, dando-lhe uma feição que punha em fuga o éxito e o bem estar. Quando cançou de batalhar, resolveu abandonar a villa. Escreveu para a madrinha. E assim, poude realizar seu intento.

Fazia trez annos que estava na cidade. Esse tempo foi o bastante para poder acariciar um dpiloma de contador. O director do collegio arranjou-lhe um emprego num grande armazem. Era ajudante do guarda-livros.

Em pouco tempo, o moço tinha todo movimento da casa na mão. O seu chefe, que gostava de beberricar pelos botequins, notando a vontade do ajudante, em trabalhar, foi-lhe empurrando todo o serviço.

— Já trabalhei muito! — dizia ao moço.

— Vinte e dois annos de tarim-

(Continúa na pag. seguinte)

ha! Esse moço já mudou treze vezes de assento!

Folheava o *Contas Correntes*, abria o *Razão* e applaudia:

— Muito bem! Tudo certinho! Vá trabalhando... vá trabalhando...

E ia sahindo.

José Coutinho nunca reclamava o excesso de serviço.

O patrão é que dizia:

— Um conto e duzentos para não fazer nada! O senhor me faz todo o serviço e não ganha a metade. Emfim... como é velho na casa...

E afastava-se resmungando.

O moço fitava o patrão, esboçava um sorriso e continuava a trabalhar...

A tarefa do moço era estafante: copiosa correspondencia. Fazendas, ferragens, cereaes abriam titulos e mais titulos, mas, mesmo assim, tirava ainda um pedaço de tempo para atirar á linda Véra, filha unica do patrão, um olhar cubiçoso.

O amôr não escolhe almas. A intelligencia muitas vezes se revolta em acalental-o. O pensamento, então, perquire a causa da persistencia desse sentimento. E' uma indagação, presa no intimo, constantemente renovada: se não será humano a vontade sobrepujar a sentimentalidade? Comtudo, são esforços baldados; o amôr é teimoso. Elle fica a pintar, nos momentos de sonhos, num recanto da terra, um paraiso; nas horas de desenganos, em todo universo uma avalanche de dôres e allucinações.

Coutinho era um homem com o senso das coisas. Achava que o devotamento que tinha por Véra não devia existir. Media a sua situação. Ella estava em plano muito elevado. Inexplicavelmente, se sentia, cada dia, mais acorrentado á graça da moça. Quando ella lhe vinha falar, Coutinho folheava o seu livro de chiméras e se extasiava ante suas paginas amorosas.

Não eram, entretanto, muito longos os momentos de enlevo. Tomava a vida com justeza, e não a coloria só de um azul de céu; sabia tambem que os cirrus côr de chumbo, prenunciadores de tormenta, circundam o mundo.

Cogitando, tomou o moço o seu estado como uma doença. Escolheu para seu medico e para seus remedios esse cauterizador de chagas: o tempo.

E foi o tempo um medico sabio que receitou um remedio efficaz. Como acontecia amiudadamente, uma tarde a filha do patrão desceu ao armazem.

Coutinho, debruçado sobre o "diario", trabalhava.

— Emquanto os outros descançam, você ainda trabalha — disse a moça, achegando-se.

— Nem te vi descer!

UMA VINGANÇA PAVOROSA

(Continuação)

E voltou-se para Véra.

E ficaram ambos calados; ella com os olhos na pupila do moço; elle, embevecido daquelles olhos claros, muito grandes, que lhe eram o maior fascinio do mundo.

— Véra... eu te queria dizer uma coisa — disse, com voz apertada e que mal se ouvia.

— Já percebi! — disse a rir a moça.

— Se fôr declaração de amôr não faça...

Elle embasbacou. Quiz rir, mas ficou só em intenção. Riscou cinco phosphoros para um cigarro.

Véra atalhou o silencio:

— Olha: no sabbado, recebi uma declaração em termos. Foi no baile de d. Esmeralda. Phrases estudadas... tudo melodiosamente e com emoção...

E pegando Coutinho pelo braço, puxou-o até a janella.

— Vê aquelle rapaz? E' o tal da declaração: não sáe da esquina.

José Coutinho sentiu a moça bem junto. Fingindo querer vêr melhor o rapaz da declaração, achegou-se mais. Sua mão encontrou-se com a da moça. Esta, se achava offegante. Coutinho, tremulo, foi audacioso: segurou-lhe a mão. Véra fingiu querer retiral-a, mas o moço deteve-a brandamente.

— José! — disse a moça, como que advertindo.

— Véra! Você é linda!

E, emocionado, beijou-lhe a mão. Notou grande perturbação da filha do patrão. Redobrou a audacia. Beijou-lhe o braço, beijou-lhe o hombro e quasi instinctivamente, a enlaçou...

— Quero conhecer teu noivo, — disse o dr. Luiz, um moço recem-formado no Rio.

A casa estava cheia de gente. Véra fazia annos.

— Aqui está o noivo, — disse a mãe de Véra.

O dr. Luiz voltou-se para o apresentado.

— Olá!... Você, Juca Peludo?

E, perversamente, em voz alta:

— Como vae o povo da villa? E o teu amigo, o Pedro Louco?

O noivo empallideceu.

— E aquelle teu amigo, o preto João Ninguem?

Coutinho perdeu a fala, e, em troca, achou uma pallidez de cêra. Houve decepções e constrangimentos. Parou o alarido alegre da sala. Todos pregaram os olhos no noivo. Ninguem se mexia, ninguem falava: parecia que alli só existiam olhos. A festa terminou logo. Os paes de Véra estavam abatidos: era um vexame atroz ser sua filha noiva de um pária. Coutinho sahiu sem se despedir.

* * *

Fazia oito annos que Véra casára com o dr. Luiz. O casal nos quatro primeiros annos não tivera filhos. Os medicos haviam dito que o dr. Luiz, em vista das molestias que tivéra, em solteiro, nunca seria pae.

Os prognosticos, porém, falharam. Depois de quatro annos, surgiu ao mundo a Lilita, uma bonequinha de carne e osso, que encantava toda gente. Agora, com seis mezes, era o Zequinha que era todo o desvello da mãe.

Véra, mais cheia de carne do que em solteira, era fascinante.

Um pouco abaixo da primeira esquina da casa do dr. Luiz existia o "Carioca".

Era um cabelleireiro afamado que viéra do Rio. A alta sociedade ia alli. Para as damas, era o "Carioca" que, num côrte de cabello, ou numa ondulação, dava uma perfeição; para os homens, ainda era o "Carioca" que com mão leve escanhoava com maestria.

Véra ia commummente aparar os cabellos nesse salão. O dr. Luiz, quando queria ficar bem escanhoado, escolhia o "Carioca".

Num sabbado, após se barbear, o esposo de Véra disse ao barbeiro que no domingo, pela tarde, tinha um "encontro"; por isso, como sua barba certamente já estaria cresci-

(Continúa na pag. seguinte)

UMA VINGANÇA PAVOROSA

da, queria ver si era possivel barbear-se ás 4 horas da tarde.

"Carioca", sempre gentil, reverenciou:

— A's suas ordens, doutor.

No dia seguinte, meia hora atrazado, chegou o advogado ao salão do "Carioca".

O barbeiro era um homem bem educado. Usava um bigode fino, sempre bem tratado. Faces chupadas, com oculos escuros, tinha mais uma apparencia de "gentleman" do que de figaro.

Foi por isso que, quando o dr. Luiz já estava com as faces ensaboadas, perguntou:

— "Carioca", nunca teve um "encontro" com uma mulher que parecia irreductivel em sua honestidade?

O barbeiro, a assentar o fio da navalha, não respondeu.

— E' uma mulher sublime! Tambem trez mezes de assedio...

E surprehendido:

— Que é isso?! Váe começar pelo pescoço?

— Não! Não vou porque você tem uma mulher linda!

— Que?!

— E'. Você tem uma esposa linda; formosa e santa!

— Seu patife!

O barbeiro estava nervoso. A reluzente navalha estava com o fio na garganta do esposo de Véra. O espelho mostrou ao advogado a sua situação. Sentiu um arrepio que lhe subiu pela espinha dorsal. As pernas lhe começaram a tremer. Pensou um alluvião de cousas. Qualquer movimento era inutil. Alli, na sua garganta, estava aquella lamina faiscante, capaz de lhe cortar o pescoço. Julgou que o "Carioca" tivesse enlouquecido. Resolveu usar de brandicias:

— Que é isso, "Carioca"? Você falando-me dessa maneira!

O visitante. — E' este o retrato pintado por madame?

Madame (um tanto "madura"). — Sim, é este.

O visitante. — Pois eu a felicito, porque, para recordar o fallecido com tanta exactidão, é preciso ter uma memoria excepcional.

(Conclusão)

— Sabe que sou teu amigo.

"Carioca" tirou os oculos.

— Não me conhece? Não? Sou o Juca Peludo!

— Ah!! Impossivel te reconhecer... Estás tão magro.

O capricho humano é um empreiteiro de cataclysmas. O capricho do homem, com mascara de amôr proprio, arma a vingança. Coutinho, quando se viu humilhado na presença de quem adorava, pensou no suicidio. Depois, pensou na vingança. E para isso viveu.

A navalha tinha riscado o pescoço do advogado. Por alli sahia um filete de sangue.

— Você me roubou Véra: quer dizer, roubou-me a propria vida. Eu me vinguei! Mas é preciso que minha vingança seja só de vocês...

Pelas faces do dr. Luiz, deslisavam, vagarosamente, bagas frias de suor.

O barbeiro, tremulo, continuou:

— A Lilita e o Zequinha são meus filhos. A sociedade, porém, não permitte que eu os possa acariciar. Véra é minha! Ouviu?... Véra é minha!

O advogado gemeu:

— Não me degole. Os filhos são teus... Véra é tua...

— Sim, Véra é minha, os filhos são tambem meus... Mas... mas...

E, depois de uma pausa:

— Em nome do nosso amor!

E afundou a navalha, num golpe violento, na carótida do advogado. A victima quiz gritar, mas o sangue borbulhou-lhe na brecha.

Coutinho foi mudar a jaqueta salpicada de sangue. Depois, collocou a navalha na mão do advogado e sahiu a gritar:

— Soccorro! Soccorro!

E foi até a esquina berrando:

— Acudam! Soccorro!

Na manhã seguinte, os jornaes noticiaram o suicidio. Um vespertino, depois, poz este titulo: *Crime ou suicidio?*

Dois dias após, os legistas esclareceram:

"A morte do dr. Luiz, pela natureza do golpe de navalha, não podia ser attribuida a um crime".

E o laudo explicava:

"O seccionamento, partindo da carótida, foi attingir a mandibula, aprofundando-se mais para a direita. Si fosse crime, dada a posição da victima, naturalmente, tomaria sentido opposto."

No inquerito policial, as testemunhas declararam que viram o suicida ainda com a navalha na mão.

* * *

Seis mezes após, ninguem mais se lembrava do suicidio do dr. Luiz. E o salão do "Carioca" tinha fechado. E Véra desapparecêra da cidade.

"Camouflage"!...

O espelho milagroso

De Antón Chejov

MINHA mulher e eu entrámos no salãosinho. Respirava-se um acre cheiro de môfo e humidade.

Ao cerrar a porta atraz de nós, entrou uma fórte baforada de vento revolvendo um montão de papeis empilhados no canto da sala. Aproximámo-nos; a lua illuminou esses papeis, e vimos velhas cartas e gravuras medievaes. Das paredes — verdes do tempo e da humidade — pendiam os retratos dos bisavós. Nossos passos resoavam por toda a casa. Aos meus respondem um éco formidavel; o mesmo éco que havia respondido sem duvida, a meus avós, ha muitos annos...

E o vento gemia e se lamentava. No cano da chaminé parecia que uma voz chorava desabridamente. Grossas gottas de chuva fustigavam as venezianas, cantando uma melopéa funebre no meio das trevas.

— Oh, avós! — disse suspirando. — Si eu fôsse escriptor, escreveria uma grande novela, inspirando-me em vossos retratos. Todos são velhos e velhas!... Será que nunca foram moços um dia? Olha por exemplo esta velhinha, minha bisavó. Esta feia, horrivel mulher, tem sua historia, no entanto. Vêr aquelle espelho, no canto da sala?

E indiquei á minha mulher um grande espelho, com uma moldura de bronze negro, que estava perto do retrato da minha bisavó.

— Este espelho possúe qualidades milagrosas — prosegui eu —, por causa delle foi desgraçada a minha bisavó. Havia-o comprado por uma somma fabulosa e só se separou delle no dia da morte. Mirava-se nelle continuamente, de dia e de noite, e até quando comia

e quando bebia... Ao deitar-se levava-o para junto da cama. E, antes de morrer, pediu que o collocassem ao lado do seu cadaver, no ataúde. E não lhe cumpriram o desejo, porque o espelho não cabia no caixão.

— Era muito faceira?

— Talvez o fosse; em todo caso...

— Mas, não teria, por acaso, outros espelhos? Porque se enamorou deste? Não concebia outro espelho mais lindo?...

— Não minha querida, em tudo isto ha um mysterio terrivel, um segredo. A lenda diz que neste espelho estava o diabo, e que a bisavó tinha fraco pelos diabos. Naturalmente, são tolices, mas é fóra de duvida que o espelho possuia uma força mysteriosa.

Pouco a pouco, haviamos nos aproximado do espelho da bisavó. Sacudi com a mão o pó que o cobria, e a mirar-me, não pude deixar de soltar uma gargalhada. Ao meu riso respondeu um éco surdo. Como não rir? O espelho deformava completamente minha physionomia, torcendo-se e dando-lhe as mais extranhas combinações: o nariz apparecia debaixo da face esquerda; o queixo, partido em dois, pendia das orelhas; os olhos miravam de toda parte, menos do logar habitual.

— Que gosto esquisito tinha minha bisavó! — disse, rindo. Minha esposa, vacillando, indecisa, debaixo da impressão da historia dos diabos e de minha ruidosa reacção, em frente ao espelho milagroso, aproximou-se delle lentamente. E, de repente, succedeu algo de terrivel. Minha mulher empallideceu começou a tremer da cabeça aos pés e um sibillo agudo escapou-se-lhe dos labios. O castiçal cahiu-lhe das mãos, rolou pelo chão, e a vela apagou-se. Estavamos em completa escuridão. Nesse momento senti cahir ao sólo um corpo: minha mulher havia desmaiado.

O vento gemia agora com mais intensidade; as rajadas faziam espalhar os papeis amontoados... Meus cabellos, ficaram eriçados quando, de uma das janellas desprendeu-se a vidraça e cahiu lá fóra com um ruido alarmante.

Felizmente appareceu a lua... Agarrei minha mulher e, com a força do desespero, retirei-a do quarto dos avós. Voltou a si no dia seguinte.

— O espelho! O espelho! — disse, apenas abriu os olhos. — Onde está o espelho?... Quero o espelho!...

Durante uma semana não quiz beber, nem comer, nem dormir. Constantemente pedia que lhe trouxessem o espelho. Como não a satisfaziamos, chorava, arrancava os cabellos, tinha convulsões.

O medico declarou que a sua saúde estava em perigo; que, a continuar assim, o mais provavel era que morresse por falta de alimento e por excesso de nervosismo. Então, tratando de dominar o espanto que me invadia só com a recordação daquella sala, voltei á ella, e trouxe o espelho da bisavó.

Ao vêl-o, minha mulher começou a rir, com um riso de felici-

(Continúa na pag. seguinte)

NOTAS DE ARTE

CLAUDIA MUZIO. — Jornaes que acabamos de receber dos Estados Unidos, annunciam mais uma série de excepcionaes triumphos, alcançados pela incomparavel artista, gloria das maiores da scena lyrica de todos os tempos — CLAUDIA MUZIO.

Ao lado dos famosos cantores, Giovanni Martinelli, Lawrence Tibett, Enzo Pinza e Lucrezia Bori — Claudia Muzio ascendeu aos mais altos cimos em todos os espectaculos realizados na Opera de S. Francisco, perante salas a cunha, contendo nunca menos de quatro a cinco mil espectadores, que applaudiram sem cessar, fascinados pelo genio da artista.

Temos á vista criticas relativas a dois desses espectaculos em que foi protagonista a maravilhosa actriz-cantora: *La Forza del Destino*, de Verdi, e *Cavalleria Rusticana* de Mascagni.

Sob o titulo — *Uma Leonor maravilhosa* — escreve um dos criticos: "Para interpretar Leonor é necessario voz ampla e segura, profusão de notas e ardor de sentimentos passionaes. De tudo isso Claudia Muzio é ricamente dotada. Possue tal voz em todos os registros e rara abundancia de expressivas inflexões. Foi uma Leonor maravilhosa, quer cantando, quer representando." Outro acrescenta: "Haviamos dito a nós mesmos que Claudia Muzio não estava bem. E tremiamos por ella. Mas, ao contrario, foi magnifica Leonor. Virtude do seu canto e da sua arte excepcional? Certamente; mas para superar a si mesmo deve ter contribuido o papel que ella poderosamente sentiu. A cantatriz eleita nos deu quanto tinha de melhor na sua alma e na sua garganta, ambas um thesouro. Traduziu com profunda paixão toda a tragica vicissitude da sua vida e exprimiu nas formas lyricamente mais altas as duas scenas capitaes da opera: a da tomada do habito e a do ultimo acto..."

Não menores que na *Força do Destino*, os triumphos de Cl. Muzio no *Cavalheirismo Rustico*.

"A Santuzza de Claudia Muzio, registra uma das chronicas do espectaculo, é já agora unica. A grande actriz faz da personagem uma creação sem igual. Não se perde um detalhe. Commoveu profundamente o *racconto* pela intensidade dramatica e pelo impeto da paixão. Foi imponente e interminavel a ovação que enthusiasmado lhe fez o publico. Depois do duetto com Alfio, renovaram-se fragorosos applausos."

Sob o titulo — *Uma perfeita Santuzza* — escreve outro critico: "Claudia Muzio cantou na *Cavalleria*, demonstrando mais uma vez todo o seu grande valor de cantora e de artista. O seu bello temparamento permittiu-lhe reproduzir a personagem de Santuzza com uma força, um vigor realista verdadeiramente maravilhoso. Toda a expressão de dôr da creatura verguiana nos foi dada como só Claudia Muzio sabe e pode dar. Disse o *racconto* com um accento de amargurada tristeza, terminando com um dilacerante grito de desespero.

"Tambem na scena com Alfio foi igualmente soberba no canto e na interpretação artistica. Durante toda a opera, Claudia Muzio produziu no publico que enchia o theatro, uma intensa commoção e recebeu em scena aberta clamorosas ovações."

Reproduzimos essas apreciações da imprensa estadunidense, menos pelos elogios á maravilhosa musa do canto, os quaes, grandes embora, estão ainda muito aquem do genio lyrico-dramatico de Claudia Muzio, do que para informar ao leitor que o genial soprano, o soprano encyclopedico, como já lhe chamámos, continua no mesmo plano excepcional de cantora impar, cantora unica da scena lyrica, e ainda para annunciar mais uma vez tel-a-emos de novo entre nós, na proxima temporada, extasiando, arrebatando a nossa platéa, que, como todas as platéas do mundo, não se cansa de admiral-a e de applaudil-a.

AUDIÇÃO DE ALUMNAS DE CANTO DA PROF. LÉA AZEREDO DA SILVEIRA. — Na Escola de Canto e Declamação que mantem com as Prof. sras. Rosetta da Costa Pinto e Nêné Barokel Fortes, realizou a Prof. de canto sra. Léa Azeredo da Silveira, na tarde de 13 de janeiro, uma audição de alumnas, acompanhadas ao piano pelo Prof. Arnaldo Estrella,

O espelho milagroso

(Conclusão)

dade. Tomou-o logo, deu-lhe uns quantos beijos, e continuou a miral-o com os olhos muito abertos.

* * *

Passaram-se dez annos, de então á essa parte.

Minha mulher mira-se sempre no espelho da bisavó. Mira-se de dia e de noite, quando come e quando bebe... Terá voltado o diabo a habitar o espelho?... Isto são tolices. Porém, minha mulher não afasta os olhos delle durante todo o dia.

— E' possivel que esta seja eu? — murmurou, contemplando-se. E no rosto, ruborisado, nota-se uma expressão de alegria de beatitude.

— Sim; esta sou eu. Todos mentem, excepto este espelho. Mente a gente; mente meu marido! Si me houvessem visto antes...! Si me houvesse visto tal qual como sou na realidade, não me havia casado com um homem assim. El indigno de mim! A meus pés devem prostrar-se os homens mais bellos, os cavalheiros mai dignos...

Um dia pude — finalmente — descobrir o terrivel mysterio.

Achava-me ao lado de minha mulher, e, por casualidade, levantei os olhos para o espelho da bi-

e que obedeceu a este programma: VICTOR HERBERT — *Oh! dulce misterio de la vida*, LÉA A. DA SILVEIRA — *Quando nascesti tu, nascesti il sol*, da op. "Lo Schiavo" — pelo alumno Oswaldo Silva; TOSELLI — *Canzone va*, PUCCINI — *In quelle trine morbide*, da op. "Manon", CARLOS GOMES — *Tu m'ami*, — pela aluna Rachel Riemer; GODARD — *Barcarolle italienne*, DÉODAT DE SÉVÉRAC — *Poupée chérie*, CARLOS GOMES — *Ave, Maria*, da op. "Il Guarany" e *Conselhos*, — pela al. Olympia Chermont; GRETCHANINOFF — *Berceuse*, LÉA A. DA SILVEIRA — *Muguet de Paris* da opta. "Rhapsodia Carioca", CARLOS GOMES — *Gentil cuore*, da op. "Il Guarany", — pela al. Zilda Diniz; GRIEG — *Ich liebe dich*, STRAUSS — *Sérénade*, SAINT-SAENS — *Mon coeur s'ouvre á ta voix*, da op. "Sanson et Dalila", CARLOS GOMES — *Mamma dice*, — pela al. Edda Silva; AUGUSTA HOLMÉS — *L'heure rose* e *L'heure d'azur*, CARLOS GOMES — *Mia pèccèrella*, da op. "Salvator Rosa", — pela al. Dulce Barbosa; CARLOS GOMES — *Sento una forza indomita*, duetto da op. "Il Guarany", pelos als. Dulce Barbosa e Oswaldo Silva. Esse programma foi bipartido, sendo a 2ª parte composta só de obras de Carlos Gomes.

Insistindo sempre a respeito da natureza dos nossos commentarios sobre exhibições de musica e de artes plasticas, ainda uma vez lembramos que são elles apenas registro de impressões, sem nenhuma pretensão a juizos de valor technico; de sorte que não representam opiniões de critico propriamente dito, mas apenas notas de chronista. Como taes podem ser erradas, mas são sempre francos e sinceros.

Applicando mais uma vez semelhante criterio, e dentro da relatividade com que se deve julgar um recital de alumnos, a impressão que delle tivemos é que foi interessante e agradavel aos ouvintes como documentação do esforço da professora e da applicação dos discipulos.

Estes nos appareceram em dois grupos: o de voze mais ou menos trabalhadas, embora ainda longe da perfeição, e o de vozes que principiam a educar-se. Todos, porém, pareceram-nos possuir dotes naturaes, que requerem especial cultura. Figura principal do 1º grupo, a srta. Dulce Barbosa, e do 2º, a srta. Zilda Diniz.

De tudo o que ouvimos, o que mais nos impressionou foi a voz da srta. Zilda Diniz, pela belleza do timbre, e mesmo por algum temperamento artistico revelado através de todo o nervosismo, aliás mais verbal do que real. Se tem apenas um anno de estudo, é de ser excepcionalmente louvada como interprete da *Berceuse* de Gretchaninoff. O mesmo não diremos da interpretação do *Gentil cuore* de C. Gomes. Pareceu-nos que a sua voz ainda não adquiriu a necessaria extensão para cantar o trecho. Percebia-se esforço anormal na emissão das notas mais agudas. Cuidado! E' bom ir devagar para chegar depressa. Tão bella voz não deve ser sacrificada.

A srta. Dulce Barbosa, que dispõe de bello orgão vocal, cantou com especial relevo para uma alumna a celebre canção da op. "Salvador Rosa" — *Mia pèccèrella*. As srtas. Edda Silva e Olympia Chermont brilharam mais especialmente na *Sérénade* de Strauss e nos *Conselhos*, de Carlos Gomes. A nosso ver, foram esses os numeros em que revelaram menos carencia de expressão dramatica, deram mais força communicativa á expressão canora.

Ouviu-se ainda com agrado a srta. Rachel Riemer e o sr. Oswaldo Silva (os alumnos de menor tempo de studo) principalmente em *Tu m'ami*, de C. Gomes e *Scintilla em meu olhar*, de Léa A. da Silveira.

Finalmente é de assignalar-se que o celebre duetto do Guarany agradou muito mais do que era de esperar, apsar de nos parecer que o interprete de Pery é mais barytono do que tenor. Foi para nós surpreza a interpretação do duetto, porquanto o gráo de cultura vocal adquirido pelo sr. Oswaldo Silva está longe de ser sufficiente para semelhante tentativa de sorte que esperavamos quasi um desatre. O resultado porém desses *tours de force* é quase sempre fatal. Perdem-se vozes que com outro tirocinio podriam ser notáveis. Quanto á srta. Dulce Barbosa, apesar das ostensivas falhas dramaticas, mostrou mais uma vez, como cantora, que era a mais adiantada das alumnas.

Sommando qualidades e defeitos, foi positivo o resultado do vesperal. O que só pode contribuir para que a illustre professora continue aperfeiçoando o seu ensino de canto. Só assim poderá vêr confirmada a opinião que em publico externou, de que a srta. Zilda Diniz pode ser um dia, uma nova Lily Pons...

OSCAR D'ALVA

---

savó que cahia, com a sua moldura de bronze negro em frente nós.

Fiquei deslumbrado: no espelho vi uma mulher de surprehendente belleza; um rosto como não havia visto outro em minha vida. Era uma milagrosa creação da natureza; uma harmonia perfeita de linhas; uma expressão de graça, de amor...! E essa era a minha mulher!... Que havia succedido? Em que consistia o enigma? Porque minha feia, feissima mulher, parecia um anjo no espelho?

Porque?

A razão rea muito simples: o espelho, torcendo o disforme semblante de minha mulher, mudando e alterando a disposição de seus traços, corrigia-o inteiramente; e, com essa transformação, convertia-o numa obra-prima de formosura.

Agora, ambos, eu e minha mulher, sentámo-nos em frente ao espelho, contemplando-o longamente: meu rosto é horrivel; o nariz esconde-se debaixo da face esquerda; as partes do queixo apparecem não importa onde... Porém eu olho só para minha mulher — bella, encantadora — e sinto que uma paixão louca, insensata, me domina. E emquanto me inclino sobre ella — mirando o espelho, naturalmente — e a beijo e a abraço, ella murmura, extasiada:

— Como sou bella! Como sou bella!

.....

A CIGANA

— MOÇA bonita, deixe lêr sua sorte?

— Não.

— Adivinho tudo, deixe, moça!

— Tenho pressa; um outro dia...

E todos os dias, á mesma hora, ao passar, encontrava aquella cigana.

Cabellos negros, mal penteados, cahidos em duas tranças. Uma tez mui morena, olhar attrahente, suggestivo, quasi dominador. Uma bôcca feita para implorar, para viver mentindo...

Tecidos multi-côres, verdadeiros reclames de armarinhos baratos, a lhe cobrirem o corpo; lenço encarnado com lantejoulas douradas resguardando a cabeça.

Qundo falava, as lantejoulas, batendo sobre a fronte, eram como vozes ecicantes aprovando as palavras.

E essa alma vivia o dia todo, ora lendo uma sina, ora sentada á esquina, amamentando um filho pequenino, e, ás vezes, num botequim...

Cigana de saias coloridas, o teu destino é igual ao de muita gente! Bebes, outros escrevem... São meios de esquecer...

Alguem já disse: "a palavra repetida torna-se autoritaria".

— Moça, deixa lêr?

— Sim.

— Bote dinheiro aqui, ande, *pr'a benzer a mão*, senão não acerta...

Uma pratinha dourada...

— O doente da cama vinte e oito sahiu a passeio, conforme ordenei, hontem?
— Sim, doutor. Levaram-no, esta manhã, de carro...
— Os parentes?
— Não, doutor: o pessoal da empreza funeraria.

De Mariúcha

— Vae viver muito tempo. Vae ser muito rica, ter automoveis, casa bonita, creados... Linha do coração cortada; gosta de alguem... Cuidado! Não é sincero; vae se unir a outra. A senhora vae soffrer muito e depois irá se casar com um muito rico, que lhe tem muito amôr... Deus lhe ajude!

— Obrigada.

Nesse dia, voltei triste e pensativa.

Cigana por que falaste uma verdade um dia? Nasceste para illudir, e não deves ser sincera. O teu destino é enganar...

Na minha mão tu devias ter lido: "Elle a ama tanto, que só vive para a senhora".. Eu teria ficado contente e agradeceria a tua bemdita mentira.

Lançaste por terra uma casinha branca de muito mais valor que a casa bonita: foi a da minha illusão...

Vivenda encantada, que construi com alicerces da minha mocidade em flôr.

As janellinhas brancas enfeitadas de rendas feitas de sonhos. O jardim plantado de beijos de amôr e um caramanchão ao lado cobertinho de folhagens da esperança.

Oh cigana! Que prazer malvado de destruir! Por que me fizeste tão mal?

Oh! se adivinhasse, ter-te-ia dado todas as pratinhas douradas que possúo, para te ouvir dizer:

— Moça, não adivinho nada; vivo a enganar...

— Mamãe, jogaram-me agua.
— E foi a agua que te pôz neste estado?
— Foi sim, mamãe; mas é que ella estava dentro de uma garrafa.

O QUE AS MULHERES BONITAS DIZEM DE LEITE DE ROSAS...

Snra. Maria Paula Adami, declamadora de renome, cuja entrada para o theatro de Procopio, na capital paulista, assignalou-se por uma consagração aos já reconhecidos méritos da novel artista e por mais uma magnífica victoria para aquelle inimitável "pescador de pérolas".

— Com o fulgor de sua esplendida formosura e de sua fina intelligencia, a illustre dama offerece-nos o seu valioso depoimento sobre LEITE DE ROSAS — o primoroso preparado, de inegualavel successo na interessante e delicada sciencia de embellezar a cutis e aprimorar a hygiene pessoal.

Todas as grandes elegantes de nossas elites sociaes, notáveis actrizes, as mais brilhantes "estrellas" e figuras representativas de nossos centros de cultura artistica e physica, usam LEITE DE ROSAS e sentem prazer em divulgar seus maravilhosos effeitos, como provam milhares de cartas, photographias e autographos da mais alta significação e procedencia, diariamente enviados ao Laboratorio, numa demonstração frisante da decidida preferencia do grande publico pelo famoso producto brasileiro, com o qual jamais nenhum similar estrangeiro conseguiu nem conseguirá rivalizar.

Ainda não ha muito tempo, nestas mesmas formosas paginas de "FON-FON", encantadora e consagrada "estrella" declarava que *"esse milagre de belleza e esplendor, graças ao qual podia exhibir um corpo alvo, de pelle assetinada, uniforme e sem máculas, de deliciosa fragrancia e vaporosidade, devia-o ao habito elegante de usar LEITE DE ROSAS, inalteravelmente, todos os dias e a todas as horas"*.

Realmente, LEITE DE ROSAS reserva á vaidade feminina um mundo de sensações maravilhosas, cujo segredo a snra. Maria Paula, affeita ás subtilezas de sua arte divina, elegantemente resumio e offereceu á curiosidade esthetica das outras mulheres nessa primorosa legenda: *"LEITE DE ROSAS dá á pele a maciez de uma pétala"*.

ANNO XXVIII — FON-FON — NUMERO 3

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1934

Escolas de hontem, escolas de hoje...

ESTÃO de parabens as creanças cariocas, todos os pequeninos e diligentes collegiaes que, numa revoada de pardaes álacres e felizes, enchem, annualmente, de alegria, de risos, de festivo alvoroço as nossas escolas publicas.

O governo da Cidade, em divida para com elles, ha tantos annos já, dá-lhes, agora, a alviçareira noticia de que irão ter... escolas. Não a escola retardataria, atrazada de quasi meio seculo no ambiente dynamico da vida moderna, apertada entre quatro paredes, sem ar, sem luz, sombria e triste como um presidio; mas a escola alegre, festiva, clara, cheia de attracções e de encanto, a escola-conforto, enquadrada na realidade da vida trepidante dos nossos dias...

A educação é um processo dynamico que se não póde operar com efficiencia e proveito dentro de qualquer ambiente. E todas as energias espirituaes que condicionam e dirigem a civilização hodierna fazem da escola primaria o centro, por excellencia, de formação das novas gerações. Isso, dentro do amplo panorama da vida actual, da *realidade vivida*, sem o artificialismo dos scenarios inconsistentes.

Já se foi o tempo em que a pedagogia naturalista de Jean Jacques Rousseau preconizava o paradoxo de que a melhor escola era a sombra de uma arvore. A funcção da escola, no complexo social dos dias que correm, exige muito mais. Ampliando-se, fez-se prolongamento da vida do lar, da vida, mesmo, em miniatura, do proprio meio social. A escola de hoje não só educa, não só instrúe: adapta a creança ás condições mesmas da vida. Ensina-lhe a saber viver, a amar e conhecer a vida, numa acção de continuo e salutar estimulo.

E as creanças do Rio de Janeiro, de um modo geral, póde-se dizer, não tinham ainda escolas. Vão tél-as, agora. O illustre interventor dr. Pedro Ernesto e Anisio Teixeira, este sereno e forte espirito de homem-dynamo, de homem da sua época, vão realizar esta grande aspiração das creanças cariocas. Das creanças e de toda a população da capital da Republica.

As pedras fundamentaes do primeiro bloco de predios escolares modernos já foram lançadas festivamente. E, dentro de alguns mezes, os primeiros monumentos de cimento armado marcarão, na simplicidade de suas linhas architectonicas, a victoria magnifica da "nova casa" do collegial carioca, até hoje ainda tão differente da que exigia o espirito de seu tempo.

Dentro do confortavel ambiente dos novos typos de predios em construcção, a creança carioca vae ser a melhor e a mais enthusiasta animadora da sua escola.

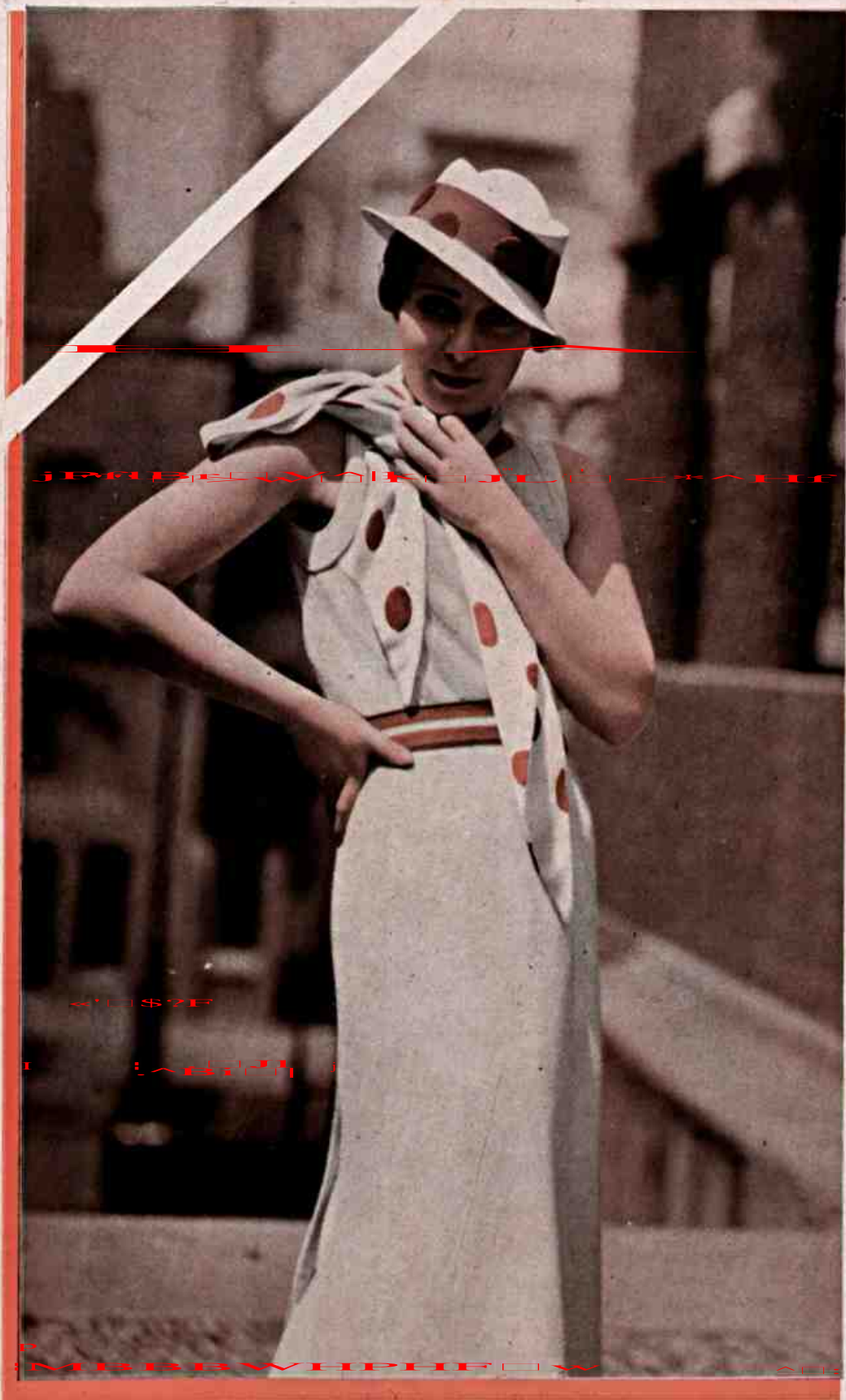
No typo "Platoon", amplo, elegante, ella terá duas séries de salas: as communs, onde aprenderá a ler, escrever e contar e as especiaes, como a sala de sciencias, dotada de pequeno laboratorio infantil e annexos para *jardim botanico* e *jardim zoologico*; a de arte e musica, organizada com stadio, tendo piano, radio, victrola e mobiliario especial; a de desenho e artes industriaes, dividida em duas peças, das quaes uma servirá de atelier de desenho e pintura e outra de officina de arte applicada; a de Historia da Civilização, com pequenos museus enquadrados nos cantos, representando motivos das differentes épocas da civilização humana; a de Geographia, com um grande taboleiro central de areia e condições especiaes para o estudo objectivo da geographia; a de Literatura, com sua bibliotheca especial e mobiliario adequado; a de artes domesticas, comprehendendo parte de arte culinaria e parte de atelier de costura...

E mais o Auditorium, conjugado a um lindo theatro... E mais o Gymnasio, um gymnasio completo para jogos de recreio e diversões sportivas...

E' essa, em linhas geraes, a "casa nova" da escola nova dos collegiaes cariocas. A escola que lhes deixará Anisio Teixeira e que a administração Pedro Ernesto está argamassando em cimento armado...

Como invejo o collegial de hoje, ao recordar a minha velha escola pequenina, acanhada, escura, com duas portinhas sujas deitando para a rua enlameada! Como invejo o collegial de hoje, com seus mestres de physionomia suave, sorridentes, solicitos e carinhosos, ao lembrar-me dos meus velhos mestres, de cenho fechado e ferula á mão, para quem mal podia levantar os olhos!

Minha pobre escola, meus velhos mestres! Foi lá, porém, e foi com elles, que eu aprendi a escrever esta pagina para os meus pequenos patricios de hoje, cujas cabecinhas inquietas, neste momento, acaricio doce, suavemente, a exaltar em todos elles a alma sadia e forte da grande Patria de amanhã!

ELL CIAS LOPES

A MULHER CHIC

CREAÇÕES JEAN PATOU

Robe de toile blanche. Echarpe de toile blanche et rouge. Panama blanc, gros-*grain* marine, pastilles rouges.

(Photo especial para FON-FON).

Rendas de espuma

TYPOS FEMININOS

A minha bôa Maria Helena, moça culta e inclinada a originalidades chocantes, me perguntou com o mais ironico e bello dos seus sorrisos:

— Qual o seu typo de mulher, sr. Yves?

— Physico ou moral?

— Physico, moral e intellectual.

— E' muita coisa.

— Simplifique a questão. Fale primeiro do typo physico. O resto dirá ou não dirá depois. E' á sua vontade...

Eu expuz, sem constrangimento:

— O typo physico, feminino, só existe, para mim, quando o complexo moral e intellectual me absorveu totalmente.

Maria Helena fez um gesto de quem não havia entendido bem:

— Complicado, o senhor...

— Sou um homem facillimo de entender.

E exemplifiquei os casos:

— O typo louro, claro ou moreno, só me impressiona quando o espirito e o coração já me prenderam de todo. Depois que conheci a caricia morna, lenta, lasciva, das mãos intelligentes, e a eloquencia dos beijos e das palavras, é que procuro vêr como é o typo da mulher... Mas é claro — ajuntei — é claro que prefiro sempre o typo dessas mulheres languidas, ténues, frágeis, ou felinas como si fossem feitas de borracha.

— Borracha?

— Sim. Como si fossem feitas para a gente esticar á vontade. Mulheres elásticas, finas, esguias, quasi offidicas, — lembrando aquellas serpentes voluptuosas que os fakires hindús encantam som as suas flautas magicas...

— Credo! Que homem esquisito, o senhor!...— fez Maria Helena.

E, com vivacidade.

— E a côr?

— Adoro as morenas. Entretanto, tenho mêdo das louras e das claras.

— Mêdo?

— De amal-as. Pois não é? Uma mulher loura é um perigo como uma fórte corrente electrica ou a febre amarella...

— Que imagem deselegante! Cruzes!

— Quanto ao carácter — disse eu, adeantando a exposição — acho que é uma coisa muito abstracta, para ser objectivada ou definida. Em todo caso, quero aquella que saiba amar com a exaltação de uma sóror Mariana e que seja timida e fraca, medrosa e inexperiente, em amor, como o "chaperon rouge" do lindo conto de Perrault... Não gosto das mulheres valentes. Jeanne d'Arc? Anita Garibaldi? Só canonizadas. Por que assim não nos irritam... Amo a mulher que chóra facilmente. Que tem mêdo de barata e se esconde do trovão — mesmo conhecendo os phenomenos da physica. Quando ellas são dessa natureza, póde-se ter a certeza de que são mulheres para confiar em nossa força e em nossa coragem. Confiam em nosso cavalheirismo e contam com a nossa protecção. E' bom signal.

A illustre e festejada pianista Dyla Josetti é uma artista de grande nomeada, não só no paiz, mas tambem nos Estados Unidos e na Europa, onde tem sido tantas vezes, enthusiasticamente, applaudida. A sua arte póde ser comparada á dos grandes nomes do piano, pois a imprensa dos mais cultos paizes do mundo é unanime em lhe reconhecer os méritos inconfundiveis. Dyla Josetti, que, presentemente, se encontra em Porto Alegre, tem, alli, realizado uma série de concertos. E' excusado dizer que a platéa exigente da capital gaúcha não lhe tem regateado applausos. Isso a par da carinhosa acolhida com que foi recebida pela sociedade porto-alegrense.

— E si não fôr assim? — interrompe a minha amiga.

— Mas, para meu gosto, têm de ser assim... De outro modo, eu não nas quero... Para que?

E como Maria Helena ficasse a me fitar com certo ar de descrença, — suppondo talvez que fizesse *blague*, esclareci:

— A mulher que o meu temperamento reclama é a que necessita do nosso amor para ser feliz e viver contente com a vida. E quando digo — o nosso amor — quero significar tudo aquillo que se irradia de nossa personalidade e resume, finalmente, o encanto, a luz, o sonho, a alegria a razão de ser da sua propria existencia.

— Bonito! — exclamou a minha interlocutora, tentando uma pilhéria imprevista.

Respondi, sério:

— Póde não ser bonito. Mas, é o que penso, na realidade. Creia-o!

— Bem. Agora diga qual o seu typo intellectual.

Meditei um momento. Falei, depois, com lentidão calculada:

— E' a mulher que sabe entender e sentir o que escrevo e explicar aquillo que sinto sem escrever.

(Conclue na pag. 33)

Horas Mortas

John Doin

Eu vinha descendo,
olhando para o céu, despreoccupado e absorto,
a alameda encharcada de neblina.

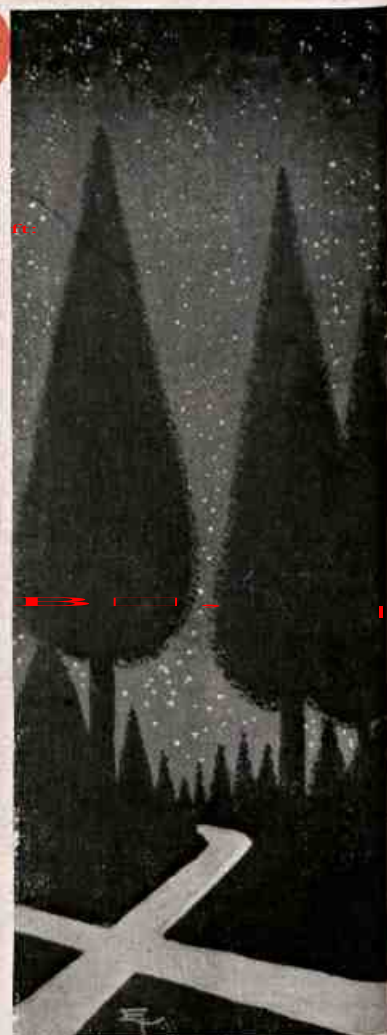
Vinha pensando... revivendo
um quadro morto
na retina
enferma dos meus olhos tristes...

(Horas altas da noite! horas cheias de sonho
em que se alonga o olhar tristonho
pela amplidão do céu... Horas que ouvistes
eu recitar, baixinho, para vós,
aquelles versos de um poeta resignado
como os nossos avós...
Horas em que aprofundo o olhar entorpecido,
penando no travor de um desejo insoffrido,
para os confins remotos do Passado!...)

E interroguei as arvores, pingando
orvalho na alameda,
porque é que a gente fica triste quando
olha a paizagem que se quêda!

Mas, calaram-se as arvores, medrosas...
Porém, uma, nóvinha e inexperiente,
que nascia entre as rosas
de um jardim,
disse, indiscretamente,
que a paizagem fica triste
quando os poetas vão passar...

Boquiaberto, eu olhei para dentro de mim:
— que suave perfeição em tudo existe!

(Desde esse instante de meditação
eu comprehendi por que razão
em todo poeta ha uma vontade de chorar...)

O reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Candido de Oliveira Filho, empossando no cargo de primeiro director da nossa Faculdade de Odontologia o professor Carlos Carpenter, recentemente nomeado pelo chefe do governo provisorio. Assistiram ao acto, além do representante do ministro da Educação, varios professores daquelle estabelecimento e outras pessôas gradas.

O Carnaval do Tijuca Tennis Club iniciou-se no último sabbado, com a festa guizalhante que se realizou na linda séde do gremio cajuty. Foi uma reunião digna do prestigio social do Tijuca. Dançou-se animadamente ao som de uma «Jazz» legitimamente carnavalesca, que accendia, com as musicas empolgantes do momento, os mais ardentes enthusiasmos. Damos, aqui, trez suggestivos detalhes photographicos da primeira festa do carnaval de 1934 no Tijuca Tennis Club.

Trepações

Octacilio e Sarita, filhinhos do sr. Americo S. Lessa e de d. Tude R. Lessa, são dois irmãozinhos bem unidos, que sabem, juntos, enfrentar... a machina photographica. Tambem são, por isso, o enlevo de seus paes.

A viuvinha tanto chorou a falta do marido, tão desgraçada se julgava com a perda do queridinho do seu coração, que acabou achando ruim o isolamento e cavou um substituto para o defunto. Sendo moça e bonita, comprehendemos perfeitamente o que aconteceu... Tinha de ser...

Nada mais natural que a linda viuvinha procurasse um companheiro para matar o tédio da vida. E, sendo o rapaz inteiramente livre, era até uma opportunidade para um bom casamento.

Entretanto, nem elle nem a viuvinha pensam em legalizar a situação...

Parece que são mais felizes envolvendo em mysterio o que podia ser feito naturalmente, sob as vistas de toda a gente.

E não está o caso de accôrdo com a realidade das coisas, porque a viuvinha procura tapear as amigas, fazendo crêr que ainda morre de saudades pelo marido...

A loirinha tirou o pé do lôdo, inscrevendo-se como pensionista eventual do Thesouro. E' que a vida andava apertada, e os negocios cada vez mais ruins. Os vestidos já estavam surrados e o dinheiro rareava para os chás elegantes ali no largo da Carioca. Felizmente, agora, outros gallos cantam... Tudo melhorou como por encanto!

Chapeus de diversos modelos, *toilettes* magnificas, chá todas as tardes. Appareceu o principe encantado que está *marchando* com tudo. E que maravilha de cavalheirismo! Paga e ainda faz questão que ninguem saiba da sua existencia, ou, pelo menos, não apparece em publico ao lado da loirinha.

Mas, esta historia de segredo no Rio é pura *blague*.

E para a gente descobrir o segredo de uma mulher, não ha nada mais pratico do que conversar com a sua melhor amiguinha... Pois foi isto o que aconteceu numa tarde de verão, quando vislumbrámos na Avenida certa garota travessa, de lingua *afiada*. Soubemos tudo, tim-tim por tim-tim. Quem está garantindo a zona é um illustre deputado que anda deslumbrado com a vida carioca. Elle nunca pensou, na calma da sua provincia, que isto aqui era tão bom... Provou e não quer saber de outra vida.

E, emquanto durar a Assembléa Constituinte, a loirinha está perfeitamente garantida como socia do subsidio...

PARA alguma coisa havia de servir o subsidio de deputado. A *madama* entrou de socia e está aproveitando as casquinhas emquanto ha dinheiro do Thesouro. Como tem pratica da vida, como tem sobre os hombros o peso de quarenta janeiros, o apparecimento do deputado para pagar um chá com torradas todas as tardes, e ainda por cima garantindo o *taxi* para voltar á casa, foi um acontecimento. Apesar de estrangeira, a *madama* está vivamente interessada pelos debates da Constituinte, desejando que os discursos não tenham fim, que as sessões se eternizem, pois, de sua parte, saberá garantir-se, prendendo nas mãos o bisonho deputado, que tambem não quer outra vida... Os eleitores devem ficar de guarda, pois, quando terminar a pandega, o deputado illustre vae chegar á terrinha natal com alguns kilos a menos, devido, certamente, ao excesso dos trabalhos parlamentares...

Déa Carmen, uma linda garotinha de dois annos, filhinha do casal Manoel-Carmen Vargas.

Em nome do governo provisorio da Republica, o encarregado do expediente do Ministerio das Relações Exteriores, embaixador Cavalcanti de Lacerda, offereceu, no Itamaraty, um banquete em honra do illustre politico e diplomata colombiano Alfonso Lopez, que foi nosso hospede durante alguns dias. O «cliché» apresenta um grupo dos convivas desse ágape.

RENDAS DE ESPUMA

(Conclusão)

— Exige um espirito muito arguto... Muito penetrante...

— Não é bem isso. Basta que ella saiba amar com alma e intelligencia. Porque a mulher que sabe amar com alma e intelligencia possúe a chave de todos os grandes segredos do coração masculino.

Pausa.

Maria Helena sorriu sem saber o que perguntar. Aproveitei o seu enleio para atacar:

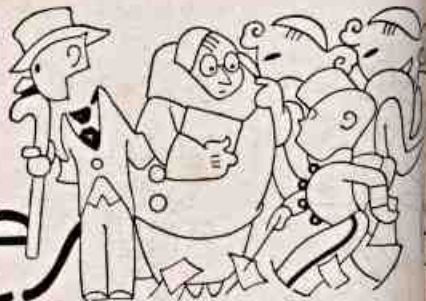
— E você? Qual o typo de homem que prefére?

— O de espirito superior ao meu... Sobretudo, que me saiba brutalizar por amor...

E finalizou, com um sorriso sibilino:

— O homem que me fére e me maltrata é sempre aquelle que me ama com violencia e sinceridade. E' o que diz Géraldy no seu verso finamente psychologico: "*Si je t'aime si mal c'est que je t'aime trop...*"

YVES

O Botafogo Football Club homenageou os seus campeões sportivos de 1933 com um almoço que se realizou domingo passado, na séde daquella prestigiosa sociedade. Para essa reunião foram gentilmente convidados os representantes dos jornaes cariocas.

CONCURSO DE MAILLOTS

A proposito do concurso de maillots, que se realizará em Copacabana no proximo domingo, 28 do corrente, promovido por FON-FON e pelo Lido, o vigoroso escriptor Henrique Pongetti escreveu uma chronica interessantissima no Globo. "Um concurso que poderá ser elegante"... Diz o nosso illustre confrade: "O que tem faltado á nossa mais aristocratica praia é imaginação." Tem razão. E nós lh'a damos, agradecidos pelo brilhante cooperação e pelas amabilidades dirigidas a FON-FON.

* * *

Henrique Pongetti fez, a proposito, algumas suggestões: A divisão de uma grande área defendida do publico para impedir que as concurrentes sejam atrapalhadas pelos sujeitos inconvenientes; conseguir das grandes casas de modas a inscripção de manequins vivos; exigencia de figurinos, antes das provas.

Suggestões magnificas, que FON-FON e o Lido saberão aproveitar.

* * *

As inscripções para o concurso continuam abertas até o dia 27, nesta redacção, no Lido e na S. A. Viagens Internacionaes, á Av. Rio Branco, 21, só se admittindo concurrentes femininos.

* * *

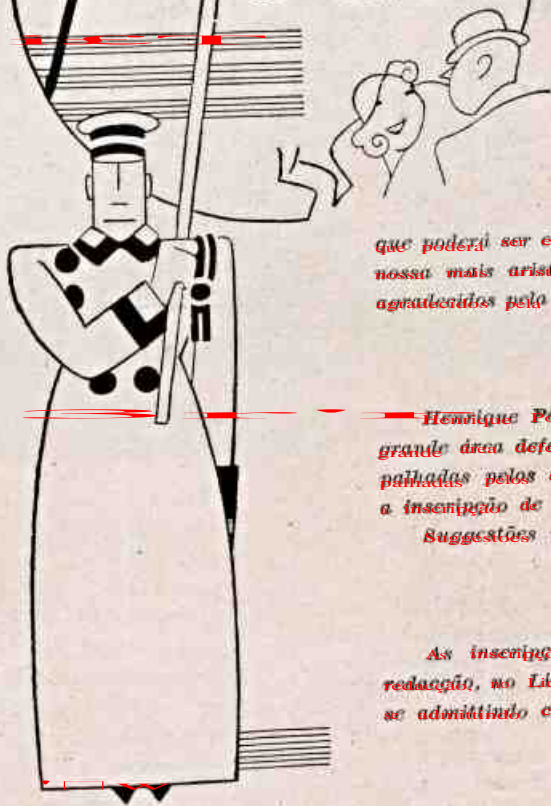
Já estão reservados importantes premios para os cinco primeiros collocados, offerecidos por acreditados estabelecimentos de primeira ordem, desta capital, a saber: Casa Hermanny, rua Gonçalves Dias, n. 50; S. A. Viagens Internacionaes, Avenida Rio Branco, 21; Fabrica de Roupas de Banho Vencedor Galliazzi, rua Aristides Lobo, 144; Casa René, Avenida Rio Branco, 161; Perfumaria Moderna, rua da Assembléa, 78, e Laboratorio Leite Rosas, rua Ypiranga, 51. Esses brindes, todos de caprichoso gosto, que tanto recommendam as conceituadas casas offertantes, estarão expostos em vitrines na semana entrante.

* * *

Após o julgamento, que será feito por um jury, formado de pessôas representativas das letras e da sociedade, haverá um almoço dançante no Lido.

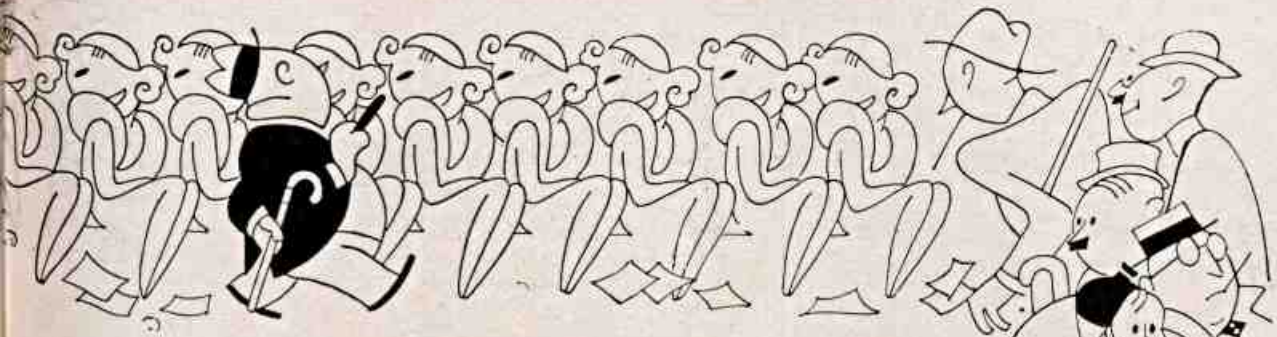
"CHEZ" RAYMUNDO DE CASTRO MAYA

NA noite dos Reis Magos (não viram brilhar uma estrella de estranho fulgor por detráz do Corcovado?) a residencia do senhor Raymundo de Castro Maya esplendeu numa festa elegantissima. As mãos de fada da Poesia andaram tecendo o manto da noite. E essa casa foi o refugio, que a deusa procurou depois do seu trabalho, ainda palpitante do lume das estrellas.

* * *

"LA FIESTA DE LAS UVAS"

UM telegramma de Madrid para a imprensa carioca narrou o que foi a entrada do anno novo, á Puerta del Sol, na bella capital hespanhola. Deu-me a ler o retalho de jornal vigilante amigo, cuja sensibilidade afina commigo, e é das intelligencias mais agudas e claras, que eu conheço. Em pleno seculo das idéas utilitarias e das praticas mais utilitarias ainda, o amor dos symbolos vae cada vez mais amortecendo. Tudo, pois, que reflecte um sentimento contrario a essa corrente invasora representa um refugio para a gente, que parece ter nascido noutro tempo e pertencido a outra civilização. Meu amigo poz-me, sob os olhos, o pedacinho do jornal.

— Leia isto.

Li. Dizia assim: "50 a 60 mil pessôas invadiram, pouco antes da meia noite, a Puerta del Sol, afim de saudarem o 1934, ao

Compareceu o *grand monde*. Está dito tudo. Mas é preciso nomear, por exemplo: a senhora Carlos Guinle, a condessa de Robilant, a senhora Rubens de Mello, a embaixatriz da Italia, senhora Roberto Cantalupo, a embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, a senhora Francisco Lequio, a senhora Leopoldo de Lima e Silva, a senhora Pierre Defourneaux. E as senhoritas Bella Betim Paes Leme, Maria Cecilia e Maria Luiza Heitor de Mello, Isaura Liberal.

* * *

No outro dia, Marcos André registrava, no *Bazar*, que em vez de ouro, incenso e myrrha, os Reis Magos, de accordo com os tempos modernos, fizeram na casa de Raymundo de Castro Maya "magnifica e soberba distribuição de harmonia, de belleza e de elegancia"...

DIPLOMATICAS

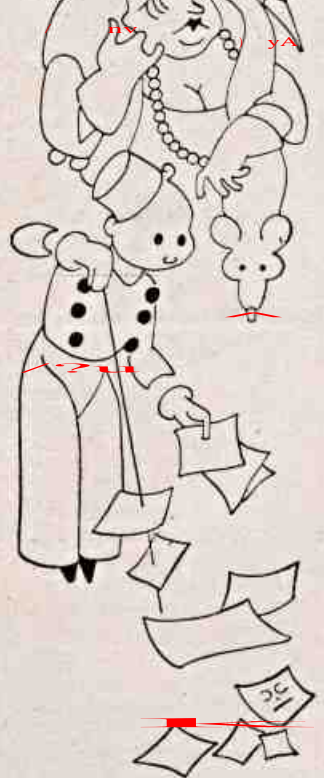
O senhor embaixador Cavalcanti de Lacerda, encarregado do expediente do Ministerio das Relações Exteriores, e senhora Cavalcanti de Lacerda offereceram, no Itamaraty, um banquete ao doutor Alfonso Lopez, chefe da delegação da Colombia á VII Conferencia Internacional Americana, e senhora Lopez. Estiveram presentes ao banquete, alem de suas excellencias, as seguintes pessôas: o ministro das Relações Exteriores da Colombia e senhora Urdaneta Arbelaez, ministro da Colombia e senhora Uribe Echeverri, ministro Victor Maurtua e senhora, doutor Luiz Cano e senhora, doutor Alberto Ulhôa e senhora, ministro Taneo de Argaez e senhora, o encarregado de Negocios do Perú e senhora de Aramburu, senhor e senhora Walter Sarmanho, senhor e senhora Bueno do Prado, senhoritas Alfonso Lopez e Maria Paulino Nieto, academico Gregorio da Fonseca, ministro Gurgel do Amaral, ministro Mauricio Nabuco, consul Armando Vidal Leite Ribeiro, doutores Rodolpho Siqueira, Cyro de Freitas Valle, Acyr do Nascimento Paes, doutor Renato Almeida.

COUNTRY CLUB

UMA gentilissima leitora honrou-me com um reparo feito á *Feira*, na parte do seu noticiario elegante. Advertiu-me da falta de um registro do ultimo *reveillon* do Country Club, que, na sua opinião, esteve deslumbrante.

Não tenho duvida nenhuma em acceitar as observações da minha amavel leitora, que eu não conheço, mas que tem uma voz muito doce, ouvida através do fio telephonico.

* * *

O Country tem as suas tradições. E' de justiça, pois, embora com algum atrazo, lembrar dentre os nomes, que brilharam no elegante club, os seguintes: senhoritas Gilda Rocha Miranda, Carlotinha e Mariazinha Ozorio de Almeida, Mary Chagas Doria, Maria Thereza Lima Rocha, Jayme Fulcaw, Annah Mello Franco, Dalia e Heloisa Alves, Margarida Dores de Oliveira, Heloisa e Vera Aragão, Maria Victoria Baptista, Thereza Carvalho, Malu Lampreia, Vera Hermany, Flora e Martha Anysio de Sá, Maria Moscoso, Isolda Osorio de Almeida, Lucia Delamare, Yonne Lopes, Maria Helena Mussy Limon, Annita Barros, Bella Leal, Yvonne Lopes de Almeida, Dorinha Pinto, Monica Hime, Maria Helena Nelson Pinto, Lygia Delamare, Celia Delanti, Olga, Cornelia e Vera Rezende, Alda Veiga de Paula, Sylvia Hassermann, Maria Emilia Chaves Lopes, Maria de Lourdes, Francisca e Sophia Saboya de Albuquerque, Margarida Torres de Oliveira, Izá Machado, Mona Conder, Zenaide Gomes, Léa Affonseca, Maria José Laet, Branca e Elza Hermanny, Maria e Yolanda Burlamaqui, Helenita Bastos Netto, Stella Jopert, Luli Vieira, Laura Doret, Elza Rodrigues Peixoto, Helenita Albuquerque, Regina Bergalo, Branca Moreira e Maria Helena Maciel.

repicar os sinos immensos, no edificio do Ministerio do Interior. A cada badalada do sino, cada pessôa comeu uma uva, pois, uma velha tradição hespanhola diz que, se uma pessôa consumir doze uvas, ás doze badaladas do sino, na passagem do anno, os 365 dias seguintes serão felizes."

Não desejo saber se todos aquelles milhares de pessôas, fieis ao lindo ritual de "la fiesta de las uvas", passarão felizes os 365 dias do anno. Interessa-me, apenas, o cerimonial, que ainda consegue reunir uma formidavel multidão obediente ao ritual da tradição.

Com que melancolia, o meu querido amigo não se lembrou da differença das nossas festas de Anno Bom, celebradas nos altares votivos do coração, sem um symbolo exterior ingenuo e puro, que désse ao menos aos outros a impressão da mesquinha contribuição da nossa solidariedade humana!...

LUCIANO

"UTAKAI"

ESCREVENDO para uma folha desta capital interessante collaboração literaria, o senhor Ryoji Noda, primeiro secretario da Embaixada do Japão, no Brasil, mostrou-nos que o amor da poesia na sua terra é um dos encantos mais puros da alma nipponica. Esse amor merece a consagração do que elles chamam Utakai, isto é, Dia da Poesia. *Reproduzo o que, a respeito, escreveu o brilhante diplomata, como uma replica á feição materialista da civilização americana. "Para finalizar as festas do Anno Novo, ha na Côrte a solennidade do* Utakai, *ou seja o* Dia da Poesia. *Até dezembro, recebem-se de todas as partes do Imperio as collaborações dos poetas, sobre um assumpto previamente escolhido. Feita a selecção, no dia do* Utakai, *reunida toda a côrte, um declamador lê para Suas Majestades as poesias melhores. Este é o melhor premio, que pode desejar um poeta japonez. No dia seguinte, o "Diario Official" traz em destaque os versos eleitos pelos jury do* Utakai. *Isto equivale a uma consagração."*

* * *

No dia, em que no Brasil o austero gabinete ministerial se reunisse para ouvir versos, não faltariam carpideiras para o nosso desgraçado paiz. Por muito menos, se têm condemnado as mais bellas intelligencias nacionaes. Calculem agora os meus leitores o que seria de um Presidente, que mandasse publicar no "Diario Official" um poema. No dia seguinte, estaria, no minimo, no Forte de Copacabana...

* * *

A grande lição de sensibilidade do governo japonez, de que nos deu elegante noticia o senhor Ryoji Noda, faz a gente querer bem ao formidavel povo, que tem coragem de festejar, officialmente, o Dia da Poesia.

LUCIANO

ON REVIENT...

VOLTOU o antigo e tradicional prestigio do Ponto Chic, onde todas as tardes a sociedade do Rio vae tomar o seu chá, como fazia ao tempo em que a bonita confeitaria tinha poucos rivaes, no coração da metropole.

On revient toujour. Era essa a phrase, que uma formosa cliente dos meus gentilissimos amigos Alvarez e Venerando lhes repetia, uma destas tardes, com o sorriso mais encantador deste e do outro mundo.

Na verdade, o Ponto Chic está attrahindo os elegantes, com um prestigio irresistivel.

Entre uma torrada e um sorriso, o chronista, do seu cantinho discreto registrou a presença das senhoritas Maria Helena Nelson Pinto, Maria Victoria Azurem Furtado, Dinorah Coutinho, Lourdes Pimentel, Sarah Cavalcanti de Albuquerque, das senhoras Jacy Tolentino de Souza, Arthur Sigismundo Ferreira, Cecilia Barreto, etc. etc.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

O baile de Carnaval, que a Associação dos Artistas Brasileiros promove para o proximo dia 27, no Theatro João Caetano, terá a consagração de uma festa excepcional. A' frente da iniciativa estão nomes de grande evidencia nos altos meios sociaes da metropole e os cuidados da decoração do theatro indicam que o baile da Associação dos Artistas Brasileiros revelarão um gosto original e uma animação desusada.

CLUB DOS 40

NO Theatro João Caetano, sob os auspicios do Touring Club do Brasil, o "Club dos 40" vae realizar, na noite de 1.º de fevereiro, um baile carnavalesco. Antecipo o exito dessa festa, pela confiança que inspiram os seus promotores. O "Club dos 40" reune uma luzida pleiade de moços da nossa melhor sociedade. E' uma assembléa de rapazes que, nesta cidade pobre de divertimentos, ennobrecem o espirito associativo e dão um exemplo de excellente camaradagem. Não sei qual a divisa dos "40". Mas, deve ser uma bem expressiva da união e da lealdade, que fazem de todos um associado só.

O baile de iniciativa desses rapazes vae, por certo, impressionar o mundo elegante do Rio. E, sob os auspicios do Touring Club do Brasil, o "Club dos 40" tem elementos para fazer uma festa linda, memoravel. E' o que esperam todos. E' o que antecipo, em homenagem ás multiplas manifestações do real prestigio dos "40".

LIDO

A tardinha do domingo para o chá e á noite para o jantar dançante, o Lido acolheu os seus *habitués*, que são todas as pessôas de bom gosto da melhor sociedade carioca.

Quer no interior, quer nas *terrasses* do bello *chalet* normando, que dá uma nota de elegancia na praia linda de Copacabana, registrava-se a presença das figuras mais representativas do Rio.

* * *

Em todas as mesas, lia-se uma breve noticia do concurso de *maillot* do proximo domingo. E o photographo de *FON-FON* fez alguns aspectos do salão, despertando a curiosidade dos numerosos frequentadores do Lido. A pista de danças estava á cunha. Uma animação sensacional.

* * *

Seria impossivel ao chronista registrar a presença do mundo social. Mas ainda assim, vi: senhor e senhora prof. Henrique Roxo; senhor e senhora Clementino Lisbôa; senhor e senhora Gomes de Mattos; senhor e senhora Plinio Uchôa; senhor e senhora Bastos de Oliveira; senhor e senhora Dolabella Portella; senhor e senhora José Maranhão; senhorita José Rangel; senhorita Hydeth Favilla; senhor e senhora M. Fontenelle; senhor e senhora M. Aragão; senhor e senhora Oyama Rios; senhor e senhora Sergio Vasconcellos; senhor e senhora Pinto de Moraes; senhor e senhora Povina Cavalcanti; senhor e senhora João Augusto Alves; senhoritas Marina Alves, Goya, Vera e Lilisa Tigre de Oliveira; doutor Joaquim Lisbôa e senhorita Helena Lisbôa; senhor e senhora Rodolpho Siqueira Fritz; senhor e senhora Monteiro de Castro; senhorita Malvina Dolabella Portella; senhor e senhora Heitor Motta; senhorita Nair Cordeiro; senhorita Zuleika Vasconcellos; senhor e senhora Marcos Inglez de Souza; senhor e senhora Milanez; senhoritas Ararripe Moscoso; senhor e senhora J. Alves Filho; senhor e senhora Rubens de Mello; doutor Frederico Burlamaqui; senhor e senhora Walter Sarmanho; senhoritas Lia e Maria Luiza Teixeira; senhorita Lia Brigido; senhorita Yolanda Burlamaqui; senhor e senhora Oswaldo Ferraz; senhor e senhora Mario Lima Rocha, etc. etc.

O VERÃO, EM COPACABANA

Aspectos do jantar-dançante do ultimo domingo, no Lido, em Copacabana, onde se realizará, no proximo dia 25, interessante e original concurso de «maillots», promovido por FON-FON e pela alta administração daquelle restaurante.

Vitrine de Momo

Estamos a dois passos de Momo. E Momo está a dois passos das portas da cidade. Como queiram... Seja como fôr, e, por isso mesmo, é que FON-FON offerece aos carnavalescos esta pagina de «fantasias», ou antes, esta vitrine de indumentarias que hão de fazer successo no carnaval de 1934. Que a leitora ou o leitor exigente examine bem os differentes modelos que lhes apresentamos nas silhuetas acima. E' só mandar executar aquelle que mais lhe convier. E, certamente, não ficará em plano secundario, nos bailes ou nos côrsos.

CHUVA SOBRE AS ROSAS

Cáe uma gotta, depois outra... E' a primeira chuva sobre as primeiras rosas.

Ao sentir a húmida caricia, as rosas estremecem, entristecidas. Mas depressa suas côres se avivam e seu perfume se torna mais delicioso...

Como tuas primeiras lagrimas que regaram nosso amôr...

Franz Toussaint

O pequeno Carlos Affonso, galante filhinho do illustre clinico dr. João Fraga e de sua exma. esposa, d. Carmen Fraga, reuniu, a 6 do corrente, um bando álacre de amiguinhos para festejar o seu anniversario natalicio, que passou naquelle dia. O photographo compareceu tambem á linda reunião e bateu esta chapa, em que apparece o menino anniversariante em companhia de todos os sorrisos infantis que illuminaram a sua festa.

CAVALLEIRO ERRANTE

(A Bastos Portela).

Mulheres finas, pállidas, nervosas!
Passaes na vida, apaixonadamente,
pisando lirios, desfolhando rosas,
tangidas pelo amor, num sonho ardente.

Mas, ante as vossas almas caprichosas,
sinto-vos eu, como ninguém vos sente:
encheis a vida, electrizaes o ambiente,
rasgues no mundo estradas luminosas!

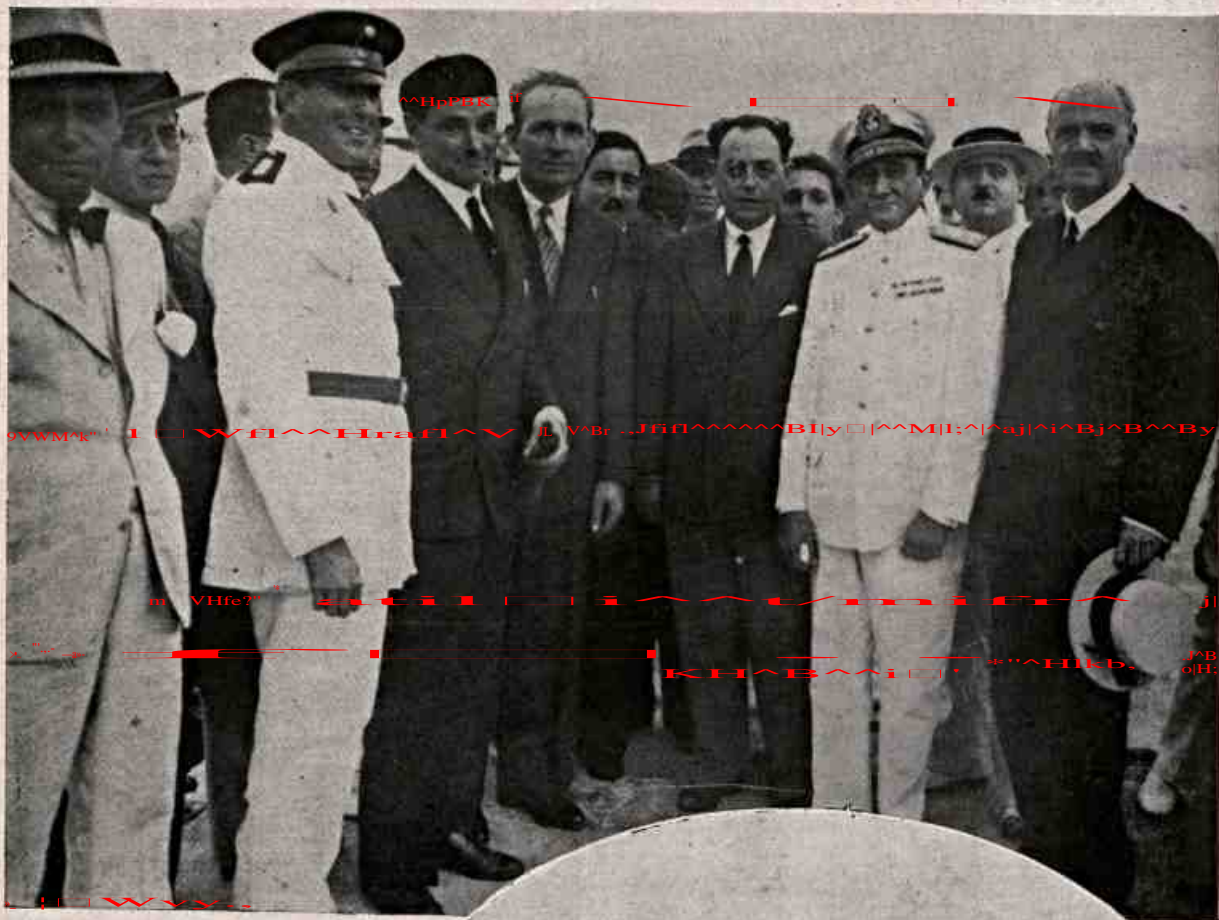
Esta que adora versos, e os declama;
outra que habita um páramo sonoro;
e todas levam corações em chamma.

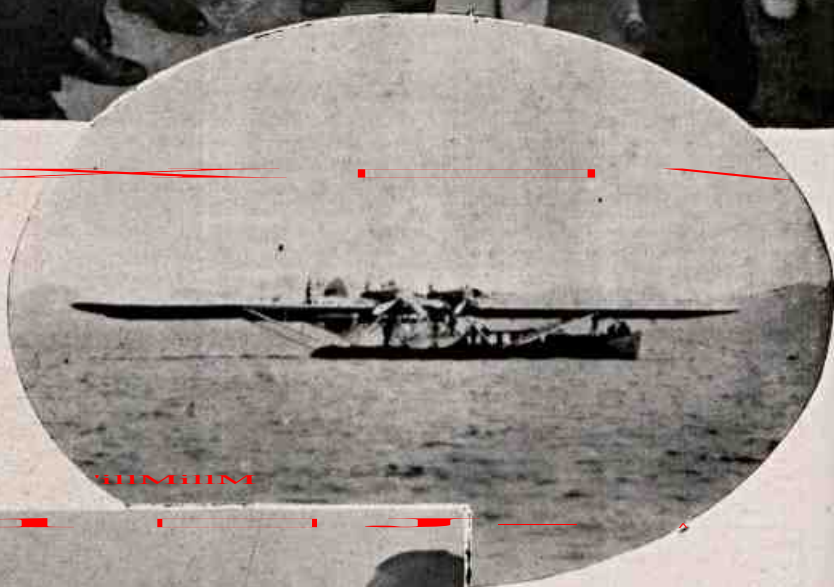
Mas, si me vejo só, sem lar nem thóro,
retardatário paladim sem dama,
vão-me cahindo as pálpebras, e choro...

Passos Cabral

O dr. Celso Kelly, ex-director do Departamento de Educação e iniciação ao Trabalho do Estado do Rio de Janeiro, e figura destacada nos circulos sociaes e intellectuaes desta capital, acaba de ser eleito presidente da Associação Brasileira de Educação, que segunda-feira desta semana se engalanou para receber festivamente o seu novo orientador, cuja posse se realizou ás 17 horas daquelle dia. Com a eleição do professor Celso Kelly, a A. B. E. faz acquisição de um téchnico á altura das suas actividades associativas, ao mesmo tempo que homenageia um alto espirito da geração nova, que, á frente da instrucção publica fluminense, deu provas brilhantes de uma invulgar capacidade de administrador. A' solennidade da posse do dr. Celso Kelly na presidencia da Associação Brasileira de Educação compareceram, além do dr. Anisio Teixeira, director-geral do Departamento de Educação do Districto Federal, vários elementos representativos do magistério e da sociedade cariocas. O «cliché» focaliza o novo presidente da A. B. E. e um grupo tomado por occasião da cerimonia de segunda-feira última.

Ao dr. Lourival Fontes, illustre director-geral da secretaria do gabinete do interventor dr. Pedro Ernesto, foi prestada uma brilhante homenagem, por motivo de sua recente nomeação para o alto cargo de adjuncto de procurador dos Feitos da Fazenda Municipal. Essa justa manifestação de sympathia constou de um almoço de cordialidade, ao qual compareceram numerosos amigos e admiradores do distincto patricio. O dr. Lourival Fontes é um dos mais luminosos espiritos da nova geração, impondo-se, por suas raras qualidades de intelligencia e cultura á admiração e á estima de quantos delle se approximam ou têm a fortuna de privar da sua fidalga convivencia. Premiando os meritos reaes e a admiravel capacidade de trabalho de seu digno auxiliar, o dr. Pedro Ernesto praticou um acto de legitima justiça, recebido com expressivas demonstrações de jubilo assim dentro da Prefeitura Municipal como no vasto circulo de relações do dr. Lourival Fontes. A gravura fixa uma «pose» do homenageado entre alguns de seus amigos que tomaram parte no almoço. No medalhão, o dr. Lourival Fontes.

Nas galerias da Escola Nacional de Bellas Artes foi inaugurado no dia 13 do corrente, com a presença de artistas e homens de letras, o 3.º Salão do Nucleo Bernardelli, onde se acham expostos trabalhos de varios pintores e esculptores do momento brasileiro.

O vôo do "Croix du Sud"

O hydro-avião francez «Croix du Sud», que acaba de realizar, com êxito surprehendente, um vôo de experiencia, para a ligação commercial aerea entre a França e os paizes da America do Sul, chegou ao Rio de Janeiro na penúltima quarta-feira, 9 do corrente, sendo os seus tripulantes recebidos nesta capital com expressivas demonstrações de sympathia por parte do governo e das autoridades navaes. O piloto do «Croix du Sud», commandante Bonnet, e seus companheiros receberam, ao desembarcar, as maiores homenagens, que continuaram durante toda a semana em que aqui permaneceram. Focaliza esta pagina alguns flagrantes da chegada dos arrojados aviadores francezes, vendo-se no medalhão o «Croix du Sud» amerissado na Guanabara.

Em homenagem ao commandante Bonnot e demais tripulantes do hydro-avião francez «Croix du Sud», realizou-se segunda-feira á noite, no Copacabana Palace-Hotel, uma elegante recepção, seguida de baile, offerecida pelo encarregado de negocios da França e pela condessa Du Chaffault. Foi uma festa de alta distincção, a que compareceram autoridades brasileiras, figuras da nossa alta sociedade e elementos de destaque da colonia franceza aqui domiciliada.

O tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca não é apenas uma brilhante figura do Exercito Brasileiro, mas, tambem, um intellectual de valor, profundo conhecedor dos assumptos historicos. Depois de publicar dois trabalhos de alto merito — «A convenção preliminar de paz de 1828», these formulada pelo Primeiro Congresso de Historia Nacional do Uruguay, reunido em Montevidéo, e «O Brasil no Prata» (1815-1828), sobre a occupação da Banda Oriental, offerece-nos a leitura de um vigoroso estudo apresentado ao Instituto Panamericano de Geographia e Historia, sob o titulo «A missão Ponsonby» e a «Independencia do Uruguay». Em qualquer dos livros citados, o illustre militar faz a defesa do Brasil do ponto de vista historico, prestando inestimavel serviço ás nossas letras, impondo-se pela honesta finalidade da obra, digna do mais alto apreço.

SEM RUMO...

Eu era uma mulher pequena e frágil, que seguia tranquilla o seu caminho — larga estrada suave, banhada de claridade e forrada de musgo, — quando appareceste e me olhaste.

Eras para mim um desconhecido, mas, quando os teus olhos me ordenaram "Fica!", eu fiquei como se houvéras sido, sempre, o senhor.

No emtanto, foi, apenas, como um desconhecido que cruzou commigo a mesma estrada numa coincidencia banal de destinos indifferentes e estranhos, que sómente se tocam, que me obrigaste a parar. Porque, em breve, te juntavas aos outros que passavam e te ias fechado no teu orgulho e no teu desdem, sem te preoccupares com a sorte da mulher pequena e frágil qu era eu.

Perdida, atordoada, só, já não podia reconhecer o caminho tranquillo e suave que era o meu. A minha volta, em vez da estrada banhada de claridade e forrada de musgo, varios atalhos se abriam, escuros, tortuosos, hostis. E ninguem que me ajudasse a curar as feridas que o teu encontro abriu na minha alma; ninguem!

Por isso, tive medo.

Não escolhi nenhum.

Por isso é até hoje a minha vida como a folha que redemoinha no chão ou a nuvem errante, no céu: sem rumo, sem rumo, sem rumo...

LUCIA

Os drs. J. V. Campos e Renato de Araujo foram homenageados pelos directores e representantes de companhias de seguros com um almoço que se realizou na Urca, sob a presidencia do sr. Octavio Noval.

O INTEGRALISMO NOS ESTADOS

No alto: photographia tomada na escadaria do Instituto Epitacio Pessôa, em Fortaleza, vendo-se o chefe provincial do Ceará, capitão Jeovah Motta, rodeado dos jovens camisas-verdes daquella capital nortista. Ao centro: grupo de integralistas de Theophilo Ottoni, Minas, em frente á séde da Acção Integralista naquella cidade mineira, no primeiro dia de 1934. A maioria dos milicianos que ahi apparecem é composta de operarios e agricultores recentemente inscriptos nas fileiras integralistas, formando dez decúrias devidamente uniformizadas. A' frente do grupo, vêem-se os directores do nucleo local, o capitão João Macedo, commandante da milicia, e o chefe do movimento na provincia, o «leader» Olbiano de Mello. Em baixo: um aspecto do desfile da milicia integralista de Theophilo Ottoni no dia 1.º de janeiro. Apparecem ahi algumas decúrias formadas antes do desfile.

Vale a pena viver?...

A nova enquête de Fon-Fon

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se foram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudozismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdém da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

GRAVE interrogação, talvez estranha, até mesmo importuna para os proprios homens de pensamento que se acomodaram, como os outros, ás contingencias desta vida precaria.

Atribuindo-se deveras, missões e altos destinos, como se fossem responsaveis pela ordem universal; creando para si essas multiplas tarefas em que tanto se absorvem, gemendo embora sob o fardo, mourejando á porfia atrás de honras, poder, riquezas, benções, gloria, — crearam eles do mesmo passo, e logicamente, a necessidade de viver. Desde então, se a vida póde parecer ás vezes a peregrinação de Ahasverus, como e por que não a conservar? por que não a defender a todo o transe?

A concepção antropocentrica, uma das mais tentadoras com que a filosofia já lisonjeiou o orgulho da humanidade, foi ainda um reforço da razão ao instinto de apêgo á vida. De qualquer modo, pois, é preciso viver. Nada mais essencial no mundo que entreter a energia que nos veio da eterna fonte misteriosa. Esse o dever primordial e supremo.

São realmente infinitas as razões de viver, não sendo das menos sedutoras e persuasivas as nossas caras ilusões. A despeito de tudo quanto faz pender a balança do mal, o sonho da felicidade, com o contrapeso de alguns bens reaes, consegue estabelecer um equilibrio favoravel á existencia.

Aliás, a estatistica mundial dos suicidios provaria, antes de quaisquer argumentos, que o homem se afez definitivamente á paisagem terrena com os seus aspectos variaveis, com o dia e a noite, com a periodicidade das estações, com o máu tempo, que é uma promessa de bonança.

Ao homem antigo, pagão e fatalista, desiludido e sem fé, mais devia custar a conformidade com essas alternativas que encurtam a partilha de beneficios em uma existencia já de si considerada breve. A ataraxia dos estoicos era o produto de um esforço sobrehumano, bem diverso da resignação dos cristãos. Compreende-se que eles justificassem o suicidio.

E' que, emquanto a Fatalidade encarcera o espirito no circulo de ferro dentro do qual se cumprirá necessariamente uma sentença irrecorrivel, a Providencia, semeando de esperanças o caminho da vida, acende nas noites de nossa alma as estrelas fieis que só se eclipsam no rapido instante da morte.

Vivamos.

Iludidos ou não, confiantes na luz que sucede ás trevas, vivamos, humildemente, com Deus no coração, fazendo o melhor para que seja este mundo, tal qual é, com todas as contingencias, o melhor dos mundos possiveis.

Xavier Marques

Daremos, a seguir, as respostas que nos concederam o escriptor Ribeiro Couto e o jornalista Assis Chateaubriand.

A preeminencia do ensino no Districto Federal

SE no Brasil ha casas de ensino montadas com os requisitos da moderna pedagogia, verifica-se que no Districto Federal não fica o Instituto La-Fayette em plano secundário, justamente num meio onde a população é mais densa e maiores são as exigências nas installações escolares.

Numa vasta área erguem-se os trez edificios do Departamento Masculino, os dois aos fundos, em trez pavimentos, e o da administração, na frente, entre ala de palmeiras, em dois pavimentos.

O edificio ultimamente construido de cimento armado, além das salas de banho, gymnasio, lavanderia a vapor e a electricidade, outras dependencias, no andar térreo, possúe salas de aula nóvas, bem ventiladas e arejadas por janellas basculantes, no segundo, e amplos dormitorios no terceiro pavimento.

Ao repouso necessário dos que estudam devem os internatos proporcionar dormitorios hygienicos e amplos. Os do Instituto La-Fayette são bem arejados e illuminados por janellas basculantes do alto das paredes. O ar penetra renovado nesses recintos claros, sem causar damnos nem maleficios aos que dormem descuidados, no silencio das noites de verão.

Não é só dos moços e meninos que o Instituto La-Fayette trata, cuidando-lhes do preparo moral, intellectual e physico com assistencia desvelada.

Por ser uma organização pedagogica completa, não descura esta casa de ensino das moças e meninas do Departamento Feminino. Além das modernas installações pedagogicas, notadas nos gabinetes, museus e laboratorios, as aulas livres permittem ás alumnas jogos e exercicios necessarios á saude.

Após as fadigas do dia, não ha como o somno reparador num ambiente agradavel. Os dormitorios do Departamento Feminino do Instituto La-Fayette são conhecidos pelas condições esplendidas de espaço, de asseio, de arejamento e de illuminação. O destinado ás alumnas maiores, tem a forma de um prisma hexagonal. Luz e ar com abundancia entram pelas janellas basculantes e communs das seis paredes, permittindo assim condição notavel de salubridade.

As installações de internato, pois, do Instituto La-Fayette representam o esforço dos que trabalham pelas gerações sádias do Brasil de amanhã.

Poema do meu destino

Mozart Firmeza

Sou um symbolo da minha raça.
Sou um symbolo da minha terra.

Trago, no coração de nordestino,
caminhos ignorados...
Trago, na intelligencia sem patria,
gritos e ambições sopitados.
Sei de onde venho.
Não sei para onde vou.
Tenho impetos de abrir os braços ao mundo,
e clamar.
O mundo, porém, está longe,
e não me ouve...

Sou um symbolo do meu povo.
Sou um symbolo do Ceará.

Minh'alma é uma cavalgada,
de trezentos annos de victorias e derrotas,
sob o céo maravilhosamente azul;
ao lado do mar maravilhosamente verde.
— Reminiscencias guerreiras, de titans com a natureza,
quer de dia,
com o sol, desvairado de super energia potencial,
a emagrecer a terra, pelo excesso e pela violencia da
[fecundação;

Quer de noite,
quando, do infinito largo e beliscado de estrellas,
a lua, de olheiras enormes, desce,
para beijar a bôcca da noite virgem da luz electrica...

Ante o altar sacrosanto dos açudes,
onde a hostia crystallina da agua se balouça,
eu desejaria neste momento me ajoelhar
e baptizar-me com minhas proprias mãos,
pelo mal e pelo bem que tenho sido...
— E' a historia da gente do Nordeste
que conservo no meu destino de poeta...

E' um mysterio:
do solo,
das nuvens,
dos ventos,
do sol,
do homem.
Tudo surprehende, commove, exalta, domina.
Ha um delirio, uma paranoia nos milagres,
transformando-se a dor em alegria,
e esta naquella,
de repente,
como se fôra um estimulo de Deus,
para ver o mortal em luta com a maldade divina,
eternamente...

Tu, estrangeira,
cujos olhos me fazem lembrar os argonautas de jangada
que trilham, quaes flamulas de inacreditavel heroismo
aquellas bandas do oceano revolto,
reinveste meu pensamento resequido,
como se um pingo de orvalho
se inclinasse sobre uma planta emmurchecida.
E o mundo resuscitára, feliz e glorioso.
As arvores de novo se vestiram,
e, dentro do carnaval de verde, que havia,
tocavam guizos rios que nunca existiram...

Mas, tambem, foste mentira,
foste maldade;
porque és divina
e sou mortal...
E, deixando-me na bôcca, molhada de desejos,
o calor da tua bôcca
macia e cheirosa como pera,
atiraste-me á conquista de outra bôcca
qualquer
— que meu destino é soffrer
na miragem de uns braços de mulher!

Caverna de Ali Babá

Em 2ª edição augmentada, vem de ser exposto nas nossas livrarias o interessante e util volume «Do Flagrante Delicto», com que Tostes Malta, brilhante e festejado escriptor, enriqueceu a nossa literatura juridica. Na nova edição de sua obra tem o illustre advogado e homem de letras a melhor affirmação da magnifica acceitação da mesma, a que a critica local já teceu as mais justas referencias.

O historiador e homem de letras dr. Jorge Abreu, que é uma destacada figura dos nossos meios intellectuaes, principalmente, nas rodas literarias fluminenses, acaba de offerecer-nos um trabalho excellente. Trata-se da «Lanterna de Assombros», livro de contos historicos, em que o autor fixa, de modo inconfundivel, as suas caracteristicas de escriptor e de conhecedor profundo da nossa historia e dos nossos costumes. Bem escripto, vasado num estylo elegante e fluente, «Lanterna de Assombros» é um livro que se lê com encanto e prazer.

Marcos Carneiro de Mendonça, nome de projecção nos circulos sociaes e literarios do Rio de Janeiro, acaba de publicar um livro que se destina aos estudiosos da nossa historia, porque traça o perfil biographico de Manoel Ferreira da Camara Bethencourt, e Sá, «o maior propugnador da implantação da industria do ferro em alta escala no Brasil» «O Intendente Camara» é uma obra capaz de interessar a todos os brasileiros e terá, sem duvida, por isso mesmo, e pelo prestigio de seu autor, grande acceitação no paiz inteiro.

DA PHISIOLOGIA DO CASAMENTO

DE BALZAC

Uma mulher virtuosa tem no coração uma fibra de mais ou de menos do que as outras: é estupida ou sublime.

* * *

A virtude das mulheres é talvez uma questão de temperamento.

* * *

As mais virtuosas mulheres têm sempre em si alguma coisa que não é casta.

* * *

Na ordem social os abusos inevitaveis são leis da natureza, ás quaes o homem deveria amoldar suas leis civis e politicas.

* * *

O casamento é uma sciencia.

* * *

No amor, pondo toda a alma de parte, a mulher é como uma lyra que sómente entrega seus segredos áquelle que sabe bem tocal-a.

* * *

Sendo infinita a combinação das idéas, a dos prazeres deve ser tambem.

* * *

Despertar um desejo, alimental-o, desenvolvel-o, augmental-o, irrital-o e satisfazel-o é um poema completo.

* * *

O casamento deve incessantemente combater um monstro que tudo devora: o habito.

* * *

E' mais facil ser amante do que marido, pela simples razão de que é mais difficil ter espirito todos os dias do que dizer bellas coisas de tempos em tempos.

* * *

Um marido nunca deve dormir primeiro nem acordar depois de sua mulher.

* * *

O marido que nada deixa a desejar é um homem perdido.

* * *

A mulher casada é uma escrava que é necessario saber collocar sobre um throno.

* * *

O homem póde ir da aversão ao amor; mas, quando começou por amar e chegou á aversão, nunca mais volta ao amor.

* * *

Quanto mais se julga, menos se ama.

DA MULHER

As mulheres... Quando eu ainda não as conhecia bem, procurava definil-as a meu modo, que era especial e nobre.

O juizo que eu, então, fazia era muito diverso do que faço hoje. E' que eu dedicava á mulher, por indole, um altar no coração.

As mulheres mereciam tudo de mim. Contemplava-as com superioridade e respeito. Nada disso, entretanto, desappareceu. Agora, que eu as conheço melhor, as admiro mais, ainda que a admiração venha acompanhada de fugaz ou accentuada desconfiança.

De certo tempo a esta parte, á proporção que mais me via presa das decepções provocadas por mulheres, comecei a comprehender a astucia de que ellas sabem lançar mão e das mentiras que ellas tão elegantemente sabem contar, fiquei completamente desilludido.

As mulheres soffrem tambem, e mais do que o homem. Os remorsos envelhecem-nas, e, ás vezes, envilecem-nas tambem. Algumas redimem um passado de ingratidões e infidelidades, macerando-se em plena mocidade.

Em geral, as mulheres devem a infelicidade a outras que, falsas e egoistas, e até da mesma familia, as desencaminham, coagindo-as á pratica de actos ignobeis...

O homem, que tiver a certeza de que o seu affecto é retribuido, deve, antes de mais nada, adorar e respeitar essa mulher.

ALEXANDRE PASSOS

Enlace da senhorita Yone Nazareth Duarte com o sr. José de Oliveira Leal.

A senhorita Hilda Pereira da Silva e o dr. Carlos Alberto Dunshee de Abranches, que recentemente se casaram nesta capital.

A senhorita Alda Spijirre e o sr. Francisco Cavallieri, cujo enlace tambem se realizou ha pouco nesta capital.

AFFINIDADES

Ha creaturas que nasceram assim... Nasceram para se completar no tumulto da vida. Mas o destino collocou-as no mundo como duas linhas parallelas, que nunca se encontram, mesmo estando perto uma da outra.

Nós somos duas linhas parallelas, que só muito tarde se confundiram, suavemente, na renda subtil das affinidades. Você foi feita para mim, com esse coração e essa ternura melancolica que tanto e tanto emocionam a minha sensibilidade.

Almas affins, as nessas almas. Ambas presas a uma esperança que não satisfaz ao anseio impossivel da nossa inquietação interior. Tudo, em nós dois, é tão semelhante, que nos parecemos nos menores detalhes sentimentaes e psychologicos. Entretanto, vivemos assim...

Como chega tarde a felicidade!

Mauro

A senhorita Maria Augusta Franco de Sá Machado, que acaba de formar-se em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro, onde fez brilhante curso.

Senhorita Alcina Bortone, distincta figura da nossa sociedade.

Concluiu o curso de sciencias e letras no Externato do Collegio Pedro II a senhorita Maria de Almeida Pinto, que foi, por isso, muito felicitada.

* * *

"LA REVISTA AMERICANA DE BUENOS AIRES"

MARIO VILALVA, nosso distincto confrade e conhecido escriptor, teve a gentileza de enviar-nos o ultimo numero de "La Revista Americana de Buenos Aires", de que é esforçado representante nesta capital. Esta edição da excellente revista argentina que, sob a direcção do illustre escriptor V. Lillo Catalan, vem realizando uma vasta obra de intercambio espiritual sul-americano, apresenta-se, como sempre, interessantissima, offerecendo aos seus leitores um texto variado e magnifico e numerosos trabalhos de collaboração firmados por nomes em evidencia no scenario intellectual do continente. Neste numero de dezembro ultimo, "La Revista Americana de Buenos Aires" publica, entre outros, trabalhos de Saul de Navarro, Luis Alejandre, Delia Agriner de Cesario, Maria Alex Urrutia Artieda, Arsenio Covilla Sinclair, V. Lillo Catalan, Juan E. O'Leary, Max Monteiro, Horacio H. Dobranich, etc., e estampa, tambem, photographias de varios escriptores, entre os quaes as do consagrado poeta Leão de Vasconcellos, de Herman Lima, o romancista de Garimpos, e do nosso prezado companheiro Elcias Lopes, sobre quem a conceituada revista platina assim se refere:

"Elcias Lopes es uno de los más interesantes espiritus de la intelectualidad brasileña contemporánea; Autor de un atrayente libro de crónicas — "Tela de Aranha" — en cuyas páginas se encuentran las virtudes de un escritor que sabe estilizar sus pensamientos y sus emociones. Tambien ejerce su actividad intelectual en la prensa de Rio de Janeiro."

Senhoritas Oneide, Glaucia, Nauplia e Naura Carneiro Vasconcellos, quatro graciosas irmãs cearenses, pertencentes á melhor sociedade de Massapê, florescente cidade á margem da Estrada de Ferro de Sobral, no Estado do Ceará.

FON-FON NO CINEMA

MELODIA DE ARRABALDE

(Melodia de Arrabal)

Da Paramount

NUM dos cafés portenhos, occupa-se Roberto Ramirez no duplo officio de cantar tangos e de jogar partidas de cartas, com uma felicidade que não é inteiramente devida aos caprichos da sorte. Se bem que desgarrado um pouco do caminho do dever, Ramirez ainda conserva certos sentimentos de honra. Numa noite em que Rancales, o companheiro com quem elle reparte os lucros da jogatina, está a ponto de fazer fogo sobre Maldonado, um agente que lhe segue os passos, Roberto segura-lhe os braços e assim salva da morte o policial.

Alina, joven e formosa professora de canto, vem a conhecer Roberto e começa a interessar-se por elle. Desejaria ella que Roberto aproveitasse no theatro a sua linda voz, mas o rapaz, embora enamorado de Alina, não deseja seguir-lhe o conselho, talvez porque se reconhece indigno da sympathia e protecção da moça. Por isso, depois, elle que muda de nome, faz-se passar por filho de um abastado estancieiro, e continua a depennar o proximo, manejando com rara habilidade o baralho, a bordo de um transatlantico de luxo que o leva á Europa.

A esse tempo, Rancales cáe numa armadilha que lhe prepara Maldonado, e vae dar com os ossos na cadeia.

Bem provido de dinheiro e sob o nome de Roberto de Torres, Ramirez é agora gerente de um club muito bom frequentado. O amôr que Alina não cessou de inspirar-lhe leva-o a continuar estudando canto com ella, occultando-lhe, porém, a transformação que se operou na sua vida e qual foi a sua origem. Alina, que persiste na idéa de fazer de Roberto um grande cantor, apresenta-o a um famoso emprezario e a muitas outras pessoas de influencia, e obtém que aquelle promova uma festa na esperança de que, deste modo, Roberto [illegible] o emprezario.

Cumprida a sua sentença, Rancales dá-se pressa de procurar o seu antigo companheiro, para que este lhe forneça dinheiro.

O emprezario ouve Roberto cantar e immediatamente o contracta. Na vespera da estréa, o nosso heróe, firme embora no propósito de repudiar o seu passado, não consegue resistir á tentação de arriscar uma vez mais a sua sorte ao jogo, e para isso visita o club onde por infelicidade se encontra com Rancales. A renovação das solicitações pecuniarias, neste habituaes, acompanhada de ameaças de contar a Alina todo o passado do cantor, determinou uma luta corporal entre os dois homens. Rancales puxa de um revolver, e Roberto, procurando desarmál-o, faz que a arma dispare e attinja mortalmente Rancales.

Horrorizado, Roberto arrasta o cadaver para dentro do ascensor do club e volta a reunir-se aos demais jogadores, apparentando nada saber do occorrido.

O detective Maldonado, encarregado de apurar o caso, suspeita de Roberto de Torres, em quem acaba reconhecendo Roberto Ramirez, o antigo freqüentador dos cafés baratos dos arrabaldes da cidade.

Para não separar-se de Alina, Roberto resolve enfrentar a situação.

Na noite da estréa de Roberto, Maldonado, ouvindo-o cantar, reconhece nelle o seu salvador, de outros tempos. Assim, quando, após ruidoso triumpho, Roberto regressa ao seu camarim, alli encontra o agente á sua espera.

Calcula logo que a intenção do policial seja levál-o preso; mas grande é a sua surpreza quando o outro lhe diz que não se esqueceu de que lhe deve a vida e que está resolvido a pagar-lhe a sua divida de gratidão.

Se bem que livre já de todo o perigo, Roberto confessa a Alina o seu passado, cujas sombras agora se dissipam ante a radiosa visão de um porvir auspiciado pelo amôr.

Ouro e Trapos

com

Ginger Rogers e Lew Ayres

BILL McCaffery é bombeiro e trabalha na officina de seu pae, mas tem a mania de apostar em cavallos de corridas! Nada que Molly, sua namorada, e seu pae possam dizer-lhe o desvia deste vicio.

Quando Bill quer persuadir Molly a marcar o dia de casamento, ella diz-lhe que só casará com elle sob uma condição: deixar de jogar nos cavallos e economizar mil dollars. Bill promette, depositando duzentos dollars no banco. Logo após ter posto o dinheiro no banco, vae concertar um banheiro e ouve uns entendidos em cavallos falarem sobre um cavallo que está combinado em ganhar uma corrida. Bill, mais que depressa, aposta todo o dinheiro que póde arranjar e ganha os mil dollars necessários para casar com Molly.

Mais uma vez promette definitivamente a Molly que nunca mais jogará e assim fica combinado o dia do casamento. No dia do consorcio, Molly descobre que a cidade escolhida por Bill para elles passarem a «Lua de Mel» é Saratoga (local das corridas de Nova-York), deante do que ella se recusa terminantemente a casar-se, apesar de já se acharem presentes os convidados, que se retiram levando os presentes.

Não podendo mais resistir á tentação, Bill e seu amigo Scotty vão a Saratoga.

Em pouco tempo Bill torna-se a sensação do prado devido á extraordinaria sorte que tem em acertar nos cavallos que ganham. Em pouco tempo adquire uma fortuna. Mas, está aborrecido e triste, porque as suas cartas a Molly voltavam intactas. Uma certa Goldie, que finge sympathizar com Bill, rouba-lhe estas cartas.

* * *

De volta a Nova-York e logo após ter visitado seu pae, a quem faz presente de avultada somma de dinheiro, Bill descobre que Goldie o está processando com as cartas que lhe roubára. O caso recebe muita publicidade pelos jornaes, e isto faz com que elle fique mais atrapalhado para dar uma explicação a Molly.

Por meio de um hábil plano, Bill e Scotty conseguem tirar a Goldie as cartas.

Sheldon, o grande jogador, sympathizando com Bill, conta a este um plano que tem em fazer «Freim», um seu cavallo, perder varias corridas para depois carregar nas apostas, ganhando assim uma fortuna de uma só vez. Bill decide que os dois podem fazer o mesmo truc. Compra um cavallo chamado «Lady Lightning». Sheldon desconfia que Bill o vae trahir com o seu cavallo, e ameaça-o de que elle não iria viver para cobrar seus lucros. A corrida entre os cavallos de ambos é disputadissima, perdendo o cavallo de Bill por cabeça, ficando Bill sem um real.

Após essa corrida, a sorte de Bill vae de mal a peor. Um dia, Scotty traz Molly ao prado. Molly conta a Bill que seu pae tem uma surpreza para elle. Mas Bill não quer voltar. No final da prova de [illegible] e vendo que os cavallos de sua corrida ainda serão sua ruina, decide então voltar com Molly para junto de seu pae. Sem o conhecimento de Bill, seu pae havia reformado a officina com o dinheiro que Bill lhe tinha feito presente nos tempos em que andava de sorte. O pae de Bill offerece-lhe um contracto de sócio no negocio, e Bill combina o casamento com Molly. E' a ultima vez que elle vê «Lady Lightning», que está puxando a carroça da lavanderia onde Scotty trabalha...

O melhor inimigo

(THE BEST OF ENEMIES)

Producção da FOX FILM — com Buddy Rogers - Marian Nixon - Frank Morgan e Joseph Cawthorn

WILLIAM HARTMAN e Gus Schneider eram dois bons e verdadeiros inimigos. Essa inimizade provinha de Hartman ser influente politico e Schneider um allemão que vivia honestamente de seu bar, onde se bebia o genuino "chopp" germanico. Sempre bem frequentado, seu bar, Schneider, como "bonificação" aos seus freguezes, dava uma vez por semana um "cachorro quente" para ser saboreado com um bello e dourado "chopp".

Apesar de ser pela lei sêcca, Hartman não se furtava de ir ao bar e "roubar" alguns copinhos acompanhados de uma legitima linguiça de porco. Assediado pelo seu "melhor inimigo" para cuidar de outra vida, Schneider jamais acreditava que passasse a lei sêcca.

Finalmente, votada a lei, o pobre commerciante vira-se forçado a liquidar o seu bar, e mudar-se para a sua terra nativa em companhia de sua filhinha Lena.

Victorioso, Hartman fez de seu filho Jimmie o continuador de sua carreira, e, attingindo elle a maioridade, o mandou educar na Europa.

Cursando uma universidade na Allemanha, Jimmie, por obra do acaso, vem a conhecer Lena, a filha de Schneider, agora uma bella moça. Apaixonados, sem conhecerem ambos as suas identidades, o velho Schneider via com bons olhos o rapaz, que sempre se fizera seu amigo. Atravessando uma crise bastante séria, Jimmie, de collaboração com seus collegas de universidade, arranja uma orchestra afim de attrahir a freguezia ao restaurante de Schneider, sempre trabalhador e honesto.

Feita intensa propaganda sobre a renovação do estabelecimento, Schneider, finalmente, veiu a conhecer a prosperidade desejada.

Não podendo mais soffrer e num assomo de paixão, Jimmie declara desejar casar-se com Lena e declina o seu verdadeiro nome, o que causa arrepios no velho Schneider.

Conceder a mão de sua filha "a um Hartman"!

Passeando pela Europa, Hartman fôra em procura de uma estação de cura e vae dar com os costados no bar do seu velho inimigo, e tem a desagradavel surpreza de vêr seu filho regendo uma orchestra.

Immediatamente chama-o e faz tudo para que abandonasse a orchestra; mas fica um tanto compromettido pela companhia de uma dama a seu lado.

Combinados, Jimmie e Lena fazem tudo para acabarem de vez com aquellas "turras" e resolvem os quatro embarcar para os Estados Unidos, agora que havia derrocado a maldita lei sêcca.

E assim passaram os dois a viver uma melhor vida, muitas vezes interrompida por algumas discussões, pois para isto era necessario a Schneider e Hartman poderem ter algum prazer.

DOS

originaes que apparecem naquelle film, com dispositivos especiaes que lhes asseguram maior utilidade e conforto.

Esses moveis foram desenhados por Louise Jerguiesco, por suggestão de Lubitsch, e serão vistos nas diversas scenas em que naquelle film apparecem Fredric March, Miriam Hopkins e Gary Cooper.

O director allemão contractou tambem com o artista Buckley Mac-Guraim a execução de seis quadros que figurarão no mesmo film.

E, já que falamos de Lubitsch, vem a proposito noticiar que o famoso director recebeu do governo americano os seus primeiros documentos de naturalização, e, a estas horas, já com certeza é cidadão americano.

* * *

DOROTHEA WIECK, *etrella* da Paramount, diz que o caracter da sua correspondencia mudou por completo desde que ella chegou a Hollywood.

Quando na Allemanha ella filmou "Senhoritas de Uniforme", a maior parte da sua correspondencia vinha de senhoras e meninas. Desde que ella chegou, porém a Hollywood, as cartas que lhe são endereçadas procedem de homens de todas as idades e condições sociaes.

* * *

CHARLES FARRELL, *estrella* com Janet Gaynor em tantas das suas producções, será a primeira figura do *cast* do film da Paramount "Girl Without a Bed".

Do mesmo *cast* farão parte Marguerite Churchill, Charlie Ruggles, Walter Woolf, *estrella* dos theatros de Broadway, Georg Ratoff, etc.

* * *

UM viajante ha pouco de volta de Reno contou a Mae West que está tendo alli grande popularidade um *cocktail* a que foi dado o seu nome por um dos muitos cabarets que existem na cidade do divorcio.

— E como bem se comprehende, tendo o seu nome, é uma irresistivel carga de *it* e de dynamite!

* * *

PARA figurara em "Cradle Song", o film de estréa de Dorothea Wieck, a Paramount alugou a co-

Karnie Hardt, da Ufa.

W. C. Fields está damnado com Baby le Roy, porque o garotinho o deixou na penumbra em varias das suas melhores scenas, não só em "Tillie and Gus", mas tambem em "Alice no Paiz das Maravilhas". O applaudido comico da Paramount promette abafar o "estrillo", se o garoto não fôr incluido no "cast" de "Six of a Kind", em que W. C. Fields deseja reivindicar só para si todas as glorias e applausos.

* * *

ATTENDENDO ás instancias da "N R A" para que se contracte immediatamente o mais pessoal que fôr possivel, Charles R. Roger, um productor independente, assentou a producção em acto continuo de mais dois films, "The Handsome Brute" e "No More Women".

* * *

DE volta Sylvia Sidney aos studios da Paramount, já lhe foram designados os seu proximos vehiculos de apresentação, — "Reunion" e "Good Dame".

Essas duas producções estarão a cargo de B. P. Schulberg, sendo que na ultima será George Raft o galã de Sylvia.

* * *

ERNST LUBITSCH, o famoso director que preside, nos studios da Paramount, á filmagem de "Design for Living", obteve patente do governo dos Estados Unidos para uma variedade de moveis

STUDIOS

lebre téla de Murillo "O Santo Pae", avaliada em mais de oitocentos contos.

Esse quadro, de 4 x 2 1|2 metros, representa o castigo corporal de Jesus e, ao que e diz fez parte da collecção Hitskasky, um bem conhecido collecionador de quadros de Murillo.

* * *

DEZESETE mil pessôas viram "Too Much Harmony" no Cinema Paramount de Nova-York, no primeiro dia de sua exhibição.

Só ha seis annos, quando da estréa daquelle cinema, foi esse record de frequencia excedido.

* * *

ANN Sothern, que estava em locação em Lake Arrowhead com a troupe de artistas da Paramount pertencentes aos *cast* de "Eight Girls in a Boat", soffreu alli um collapso, por determinação medica, teve que entrar em immediato repouso.

"Eight Girls in a Boat" viu-se assim privada da sua principal interprete feminina.

* * *

Concluida a filmagem da versão franceza de "Lições de Amor", os artistas Jacqueline Francell e Marcel Valée, expressamente importados pela Paramount para esse film, partiram de Hollywood para Nova-York, onde deviam tomar o vapor "Lafayette" que os levaria de volta ao seu paiz natal

* * *

RUPERT HUGHES inspirou-se nas proezas sinistras de tantos malfeitores que nos Estados Unidos têm explorado recentemente o rapto de menores, para escrever o argumento de *Miss Fane's Baby is Stolen*, um film que vae ser produzido pela Paramount e de que Baby Le Roy será um dos principaes interpretes.

* * *

LUCILLE DU TOIT e Donald Tidbury que venceram na Africa do Sul o concurso promovido pela Paramount a proposito de "Search for Beauty" chegaram a Hollywood depois de uma longa viagem de 11.000 milhas por mar e por terra, desde a sua cidade natal.

OS "ENTENDIDOS" ENGANARAM-SE... — Quando Katharine Hepburn fez a sua magistral estréa cinematographica no film "Victimas do Divorcio", os *entendidos*, que sempre têm uma restricção a fazer, disseram: "Acaso!" Mais tarde, com "Christopher Strong" em que ella se affirmou do mesmo modo, exclamaram: "Coincidencia!" "Morning Glory" mostrou posteriormente, através um incomparavel successo de bilheteria, que os *entendidos* estavam enganados. Agora, apparece "Little Women", o melhor e o mais universal de todos os films de Katharine Hepburn, e onde ella revela um dominio pleno sobre a sua arte. "Little Women", que se baseia na celebre obra de Loise May Alcott, é, na opinião da critica americana, o film que bastaria para a consagração de uma grande actriz e que vale como o triumpho maior, a gloria mais radiosa de Katharine Hepburn. E' um film para todas as classes; empolga as massas e as elites; agradará tanto em Main Street como em Park Avenue; fará a emoção dos que não sabem ler e dos que conhecem a fundo 14 linguas. Em summa: um film para velhos e moços, rapazes e senhoritas, homens e senhoras.

POSSUE 300 TERNOS... — ADOLPHE MENJOU tem cinco pés e onze de altura e o peso de 155 libras. Actor sobrio, elegante, preciso; attinge os maiores effeitos dramaticos sem mover nem mesmo os musculos faciaes. Culto, intelligente; é um perfeito homem de sociedade e que sobresahe, em nitido relevo, nos mais nobres salões. Sabe pedir um jantar em qualquer idioma... Vive nos Estados Unidos mais a patria do seu coração e de sua cultura é a França. Possúe 300 ternos e 60 pares de sapatos. Appareceerá breve em "Amigos e Amantes", da RKO, ao lado de Lily Damita e Eric Von Stroheim e em "Morning Glory", com Katharine Hepburn e Douglas Fairbanks Jnr.

(*Continúa na pag. seguinte*)

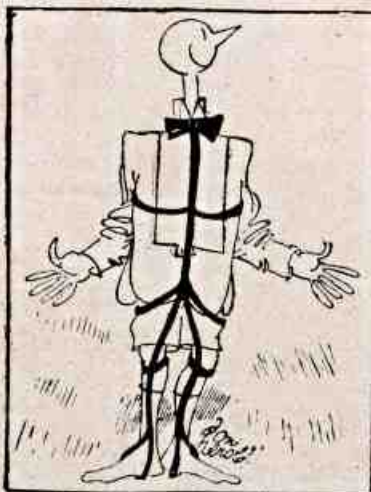
Kathe von Nagy, da Ufa.

Dos Studios

(Conclusão)

Durante os poucos dias que passou em Nova-York, ultimamente, Gary Cooper constantemente desmentiu o boato de que elle ia se casar com Sandra Shaw, uma moça da sociedade novayorkina, que actualmente trabalha em Hollywood. A sua viagem a Nova-York, disse Cooper, teve por unico objectivo permittir-lhe assistir a "Design for Living", em que Miriam Hopkins, Fredric March e elle trabalhariam sob a direcção de Ernst Lubitsch.

* * *

WALTER BYRON COMO RIVAL DE FRANCIS LEDERER. — Walter Byron foi designado para ser o primeiro rival de Francis Lederer no amor cinematographico. Assim é que elle intervirá no enrêdo de "The Man of Two Worlds" como o noivo de Elissa Landi. Vejamos, agora, o destino de Francisco Lederer. Elle realiza o papel de um homem que ama, a um só tempo, duas mulheres. Uma dellas é Steffi Duna actriz hungara, que actúa como a sua esposa esquimáo. A outra é Elissa Landi, uma ingleza moderna e requintada de belleza incomparavel. A acção, que é bastante complexa, desenrola a luta entre Lederer e Byron pela conquista de Elissa. Mas Byron tem alguma superioridade sobre o rival por isso que é o noivo.

Os inventos modernos: apparelho para evitar que se desfaça o nó da gravata...

A direcção de "The Man of Two Worlds", foi confiada a J. Walter Ruben. Iniciada que foi num scenario de neves perpetuas, a acção termina em Londres.

* * *

Katherine Alexander, uma notavel actriz dos palcos do Broadway, terá um dos papeis principaes no film "Death Takes a Holiday", que servirá de vehiculo de apresentação a Fredric March.

* * *

B. P. Schulberg contractou o escriptor Josef Moncure March para fazer a adaptação do conto de Damon Runyon "Little Miss Marker" que aquelle productor vae fazer para a Paramount.

UM DIA DE FESTA EM VALLES PEQUENOS

De

CARLOS DE BRAGANÇA

VALLES Pequenos movimentava-se pouco a pouco. De todas as fazendas e colonias proximas, chegavam os devotos de S. Sebastião, para assistir ás grandes festas de 25 de janeiro. Fosse a cavallo, de troly, de carroça, e mesmo a pé, vinham elles em direcção á povoação formando uma verdadeira romaria pelas estradas. Em Valles Pequenos — a villa edificada numa baixada, cercada por grandes montanhas — realizavam-se desde cedo grandes festas em louvor ao santo. A fina flôr da sociedade local cooperára grandemente ao lado do párocho, na organização do programma, dando-lhe todo o apoio financeiro...

* * *

Após a santa missa, cêdo, houve durante o dia *football*. O "team" local disputou uma partida amistosa com o da villa vizinha. O presidente do "team" um syrio baixinho e gordo, era tão apaixonado do *football*, que acompanhava o desenrolar do jogo desferindo ponta-pés a torto e a direito. Num dos lances emocionantes o sub-delegado soffreu com um dos ponta-pés.

— Pára co'esse, he! typo imbecille... além do jogo sere de *perna-de-pau* cô'os *arranca-tôco*, ainda aggressô?

— Braguê fala assim? Está torcendo brá nosso glube ganhá...

— Imbecille. Si io sono aggredido ótra veiz io te prendo, turco. Nó se dá ponta-pé nos delegato... é desrespeito ás leis...

* * *

A' tarde houve a classica "kermesse", com o grande leilão de prendas. Um "fogueteiro" trabalhava com os rojões. A praça São Sebastião estava repleta. Lá estava o sr. Moraes, o preclaro jornalista, orador popular e correspondente de um jornal duma cidade proxima. Nas horas vagas elle desempenhava tambem as funcções de barbeiro. Mais adeante estava formada uma roda, onde se achava o sr. Giuseppe, uma das fi-

(*Continua na pag. seguinte*)

HISTORIA MUDA — A origem do camello...

Um dia de festa em Valles Pequenos *(Continuação)*

guras de mais destaque da localidade. Discutiam obras de grande valor. O sub-prefeito rejubilava-se em possuir a maior bibliotheca da villa, mas, não citava os seus volumes, pois, estes eram improprios para menores e senhoritas... O Guido arriscava-se em dar o seu parecer, confiando sua sabedoria no titulo de "doutor em sciencias commerciaes", conseguido numa escolinha de commercio:

—"Eu já li Dante, Camões, Shakespeare. Este ultimo foi nos tempos de estudante, e o li em inglez e em francez. Mas, francamente, prefiro autores nossos, como Casemiro de Abreu; é muito mais comprehensivo... A demais...

— Sim — completou o sr. Giuseppe. — Ademais eu, na qualidade de juiz de paz deste districto, membro do Club do Principe e, como dizem os jornaes, "conceituado commerciante", comprehendo o nacionalismo que invade o intimo do jovem Guido, que, pondo de lado os autores estrangeiros, prefere os nossos pela sua lingua gem clara e expressiva, differente totalmente do inglez, e do francez, os quaes...

— *Não se deixa comprehendere cossima alguma...* — completou o Bartholomeu.

Osr. Monteiro tabellião da villa, chegou no momento.

— Ora, illustre! O senhor chegou em bôa hora — disse o sr. Giuseppe. — Estamos discutindo notabilidades. Eu como só leio livros de direito, coisas que se refiram as leis, não estou bem ao par do movimento mundial de literatura...

O sr. Monteiro, endireitando os oculos, e após olhar todo o movimento, ia responder, quando um matuto o chamou:

— Seu Monteiro... houve um engano no registo de minha filha...

— Não é possivel.

— O senhor deu como pae o padrinho da criança!

— Isso corrige-se — interrompeu o sr. Giuseppe. — Muito facil. Como homem que conhece leis, *consinto que faça uma averbação* nos registros de nascimento, com *todos os "items"*, modificando-se a paternidade da criança. O direito pelo direito... *e como disse o grande Socrates*: "A Cesar o que é de Cezar", é justo que o legitimo pae figure como pae...

Os foguetes rebentavam no ar, fazendo barulho. Um vozerio enorme enchia a praça da villa. As *vendeuses* trabalhavam activamente. No coreto o maestro agitava com furia a batuta, dirigindo um samba executado pela banda.

Uma outra roda estava formada. D. Rosa, d. Rosalinda, que resolveu impôr o uso do chapéu em Valles Pequenas. A sua filha Lindinha "grudada" com o noivo, Lino; a Yvette e a Odette, ambas agarradinhas e invejando os futuros casadinhos. D. Clara, tida como parteira superior ao medico. D. Felinta, a novidadeira-mór da terra, e outras matronas da localidade. Discutiam assumptos que interessavam unicamente ás mulheres, e falavam assim sobre doenças, etc., quando o sr. Monteiro surgiu nas proximidades. Homem dado a discutir todos os assumptos, para mostrar que era um entendido em toda as materias, foi logo dizendo:

— Eu comprehendo, d. Rosalinda, eu sei o que são essas coisas...

Felizmente, o di Carlo, pharmaceutico, levou-o dali para assistirem ao leilão de uma leitôa.

* * *

A' noite, houve grande sessão cinematographica. O theatro passou por limpeza, que diminuiu um pouco as pulgas... Mas isso não impediu que os pernilongos trabalhassem...

As principaes figuras da villa lá estavam: o director do Grupo, com o seu sorriso jovial e franco cumprimentando a todos. O dr. Francisco, medico, com sua exma. senhora. A figura sympathica e simples, mas inspiradora de confiança do medico atravessou o salão á procura dum local que fosse menos atacado pelos pernilongos. O dr. Francisco comparecia a essas festas para ser agradavel ao povo. Caso contrario, permanecia em casa mettido em seus livros ou debruçado na janella philosophando ou sophismando deante da vasta ignorancia do povo de Valles Pequenos.

O sub-prefeito. O sub-delegado, que era analphabeto. O juiz de paz, o tabellião, o pharmaceutico, todos compareceram, com suas exmas. familias.

Quand surgiu o dentista, o sub-agente do correio sussurrou no ouvido do sub-prefeito:

— 'Stá vendo?... dizem que esse é santinho... esse mesmo. Imagine se o Bartholomeu soubesse de suas visitinhas...

Na porta houve uma discussão:

— Io sono "toquero"; entro sem pagare.

— Má quem commanda qui sono io.

— Má io...

— Nada de discussione, si nó ha una bruta *catasthophes*. Gahe fóra.

— Gahé fóra nada... ôbba! Illo é "toquero" mesimo da orxestra; toca o jazz, é uno buó jazzeiro.

Inicia-se o film. Theda Bara surge na tela. A machina antiquissima e movida a mão para de quando em vez, porque o film está pessimo. Um garoto atira constantemente um balde d'agua no panno. A orchestra, composta dum piston, uma clarineta e um violão secundados por uma bateria americana, é acompanhada pela musica dos pernilongos e pelo quebrar dos amendoins.

A' noite, no Club do Principe, houve grande baile. O sr. Giuseppe incumbiu-se das funcções de mestre-sala. O violino, a clarineta e o "toquero de jazz" já estavam preparados. O Bepino, tocador de

Um dia de festa em Valles Pequenos *(Conclusão)*

Piston na banda, alfaiate e conquistador, conversava com a turma do Hygino, os farristas da villa. No salão estavam ainda: a Candóca, as faladas e criticadas Martini, a Iracema, com um vestido novo; a Adelia, de sapatos novos; as irmãs Raymunda, sempre graciosas; as *vampiras* Oliveiras, etc. etc. As mães olhavam com cuidado suas filhas, que já se entregavam ás danças.

— Oi qui escandálo... a figlia do Barbozza, qui módo de segurá por debaixo os braço.

— O Bepino... sempre ilesantimo... é gome ilo dibe mesimo, qui é o arbritio, arbitrio, aribritio, má ché cosa ilo ranjô prá sere ilegantimo?

— Que vae casare...

— O Bepino? c'oa Luizia... ché... ché...

— Victorino!... Não se trocô hoje!...

— "Se trocou" dona Rosa? — indaga surprezo o dr. Francisco, julgando tratar-se dum reptil.

— Nô, dotore... se trocô... mudá prá ôtra ropa... eh! c'oque ropa!

— Oh! dotore... — exclama a Vicentina — o pae do João se deixô morrere...

— Mas...

— Escuita: ilo teve uma *catisllepelia*... e quando o figlio fô chamare o padre ilo esticô as canellas... e o padre é que demorô.

— Mas eu poderia fazer alguma coisa... se me chamassem...

— Num diantava. Ilo tinha que morrere um dia. Fô migliore assim.

O baile proseguia. O tabellião Monteiro entra no salão com sua esposa. A esposa é identica ao marido. Discute todos os assumptos. E é affectadissima. Ao entrar, exclama, dirigindo-se ao medico:

"Que dor nos rins, doutor!"

O sr. Monteiro, incontinenti explicou aos presentes o que eram os rins...

* * *

Nos cantos do salão os parzinhos abraçam-se e beijam-se. Lindinha com o Lino, porque iam casar-se, fazia proesas deante de todos. Estavam adeantando o expediente...

O sr. Giuseppe, escandalizado, procura o director do grupo:

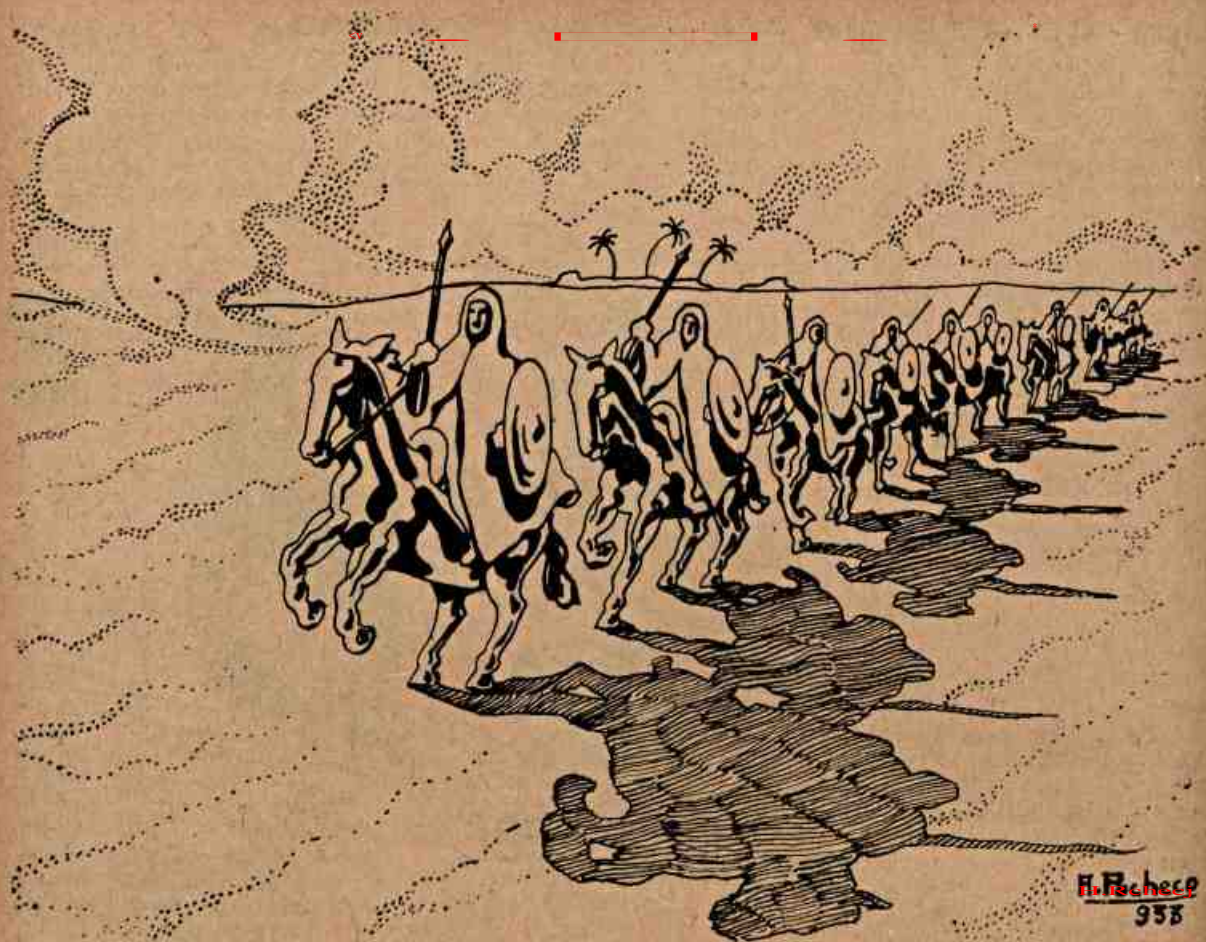
— Onde está a educação? O brio? Isso é uma affronta ao... ao Codigo Penal!

— O sr. já manuseou o Codigo Penal?

— Senhor professor, já tenho lido varios... mas desse autor não.

* * *

E assim passou-se o dia 25 de janeiro do anno de 193...

No dia seguinte, Valles Pequenos retomava o seu aspecto normal: — a mesma pasmaceira do seu povo pasmado...

CANTO DOS GUERREIROS

(Franz Toussaint)

Nós viémos dos grandes areaes
onde o simum nasce e campeia.

E por noites e noites sem rivaes,
astros enormes como fructos, á mancheia,
nos indicaram varias direcções.

Nós viémos dos grandes areaes
onde nascem os leões.

nossos broqueis luzentes,
banhados pelas
fulgurações do dia,
eram como novos sóes em marcha.
Ao luar e ás estrellas, nossas lanças
eram novas estrellas.

Na penosa jornada através do deserto,
o pobre companheiro que tombava,
ali mesmo ficava enterrado, de pé,
o olhar sem vista rumo do Occidente...
E a caravana proseguia á frente.

Nós viémos dos grandes areaes,
onde nasceram os Pharaós.
Não nos fizeram nem voltar a vista
os mausoléus reaes
dos nossos antiquissimos avós.

Nós viémos dos grandes areaes
onde verdejam os oasis
mais bellos que os Jardins do Paraiso.
Não nos prenderam lá encanto seus.

Nós viémos dos grandes areaes
onde se escuta a voz de Deus.

HORTA DE MACEDO

A MOÇA QUE NÃO NASCEU

TIA Joaquina conta-me o estranho caso, occorrido em Ribeirão Preto, com uma mocinha, orphã de pae e mãe que deseja casar com um distincto engenheiro da Mogyana, por quem está doidamente apaixonada. Ha dias, foi ella em busca dos papeis necessarios ao acto civil, dirigindo-se ao novo edificio da pretoria do bairro onde mora desde criança. O antigo casarão da velha municipalidade incendiára-se alguns annos atraz:

— Minha certidão de idade, faz favor? — pediu a moça ao funccionario:

O homem mergulhou nos registos, mas voltou logo:

— Certidão de idade?... Não a tenho. Se quizer, posso-lhe dar a certidão de obito.

— Como? A certidão de obito?... Mas se eu ainda não morri? Não vê que estou viva... vivissima?

— Minha senhora — retrucou o funccionario: — com as autoridades não se brinca! Seu caso nem é de morte; é de *prémorte*, desde que já nasceu defunta, isto é, nunca nasceu.

— Certamente, o senhor está pilheriando!... Preste-me um pouco mais de attenção e verá que aqui estou com vida!

— Engano! Puro engano!

— Perdão!... Não sou então eu mesma, em carne e osso, que lhe está fallando?

— Não, senhora! Quem falla é outra qualquer pessôa... Mas a senhora, não!

— Tem a ousadia de insinuar que eu não sei quem sou?

— Sim! A sua, é uma pura illusão dos sentidos, que, como nos ensina Pirandello, são multipla e infindaveis. A senhora pensa que é a senhora mesmo, mas é uma impressão errada! Os documentos provam aqui, mathematicamente, que a senhora não sómente, é uma entidade inexistente, mas que nunca existiu!

— Mas é allucinante! — E' uma monstruosidade! — Vou trazer-lhe, se fôr preciso, o testemunho de minha ama de leite, que tem plena consciencia de minha vitalidade desde o primeiro momento em que me deu o seio!

— Pobre ama!... Ella tambem foi victima de uma illusão; pensou amammentar uma criança, quando na realidade não deu o seu leite a ninguem!

— Mas olhe aqui os meus attestados: frequentei as escolas, tenho a minha carta de bacharela em letras.

— Nada disso prova cousa alguma, desde o momento em que a senhora nunca viu a luz!

— Mas, e minha voz? — Não ouve a minha voz?

— Ouço uma voz. Mas, como resulta dos documentos do *Estado Civil, não é a sua voz!* Deve ser uma voz do "outro mundo!"

— Em conclusão, a seu ver, eu não nasci.

— Nem por sombra.

— E aquella vez que rolei da escada e fiz um gallo na testa?

— A escada?... Uma creatura que não nasceu não póde subir nem descer escadas. Nunca a senhora rolou escadas!

— Mas se ainda tenho o signal da ferida! Olhe aqui a cicatriz. Faça favor de tocar!

— Quer então que eu toque o ar?... A senhora é *ar*.

— E' fantastico! Veja as minhas mãos! Pegue nos meus braços! São de carne!

— Então é uma carne abusiva, desde que não nasceu, não tem o direito de usar carne!

— Mas o facto é que sou feita de carne!

— Refirirei o caso ás autoridades judiciarias, que tomarão providencias.

— Mas, afinal de contas, o senhor, está me fazendo perder a paciencia!

— A senhora é que está abusando de minha condescendencia! Eu estou aqui para entregar certidões de nascimento aos requerentes. Nada tenho a ver com sombras e com gente que não nasceu! Não é cousa que compete á minha repartição.

— Mas eu preciso casar!...

— Deixe-se disto! — Não são cousas para a senhora!

— Mas eu estou apaixonada!

— Não metta isto na cabeça, desde que não a tem!

— Veja isto aqui; que é isto?

— O que isto seja, não lhe saberia dizer, mas ha uma cousa certa: quem não nasceu, *não póde ter cabeça!* A cabeça é uma parte do corpo humano que só pertence aos vivos.

— E o meu noivo? Quer conhecer o meu noivo?

— Por favor, não me apresente um desgraçado doente de *necrophelia!*

(Continúa na pag. seguinte)

— Necro?... Veja bem como falla! Meu noivo é um homem normal, ansioso de levar-me ao altar!

— Imaginem! Que bello casamento, com uma noiva... *que não existe!*

— Diga-me, emfim, o que devo fazer para lhe provar que estou viva?

— Nada. Não ha nada a fazer, desde que não me prova que nasceu.

— Mas, como poderei proval-o, Santo Deus?

— E' muito simples. Fazendo alterar, aqui no registro, onde está escripto que morreu antes de nascer, que, na realidade, *nasceu antes de morrer*.

A moça que não nasceu

(Continuação)

— E' cousa para enlouquecer! Aconselhe-me, por piedade!

— Faça de conta que está morta. Não é difficil. Eu mesmo passo tantas vezes por morto quando jogo o bridge!

— E' porque o senhor não deseja se casar.

— Pudéra! Já sou casado!

— Com que direito o senhor poude casar e eu não.

— Creatura insensata, que faz comparações entre um vivo e uma pessôa que nem é um cadaver, pois que não teve a oportunidade de morrer!

— Hei de me fazer valer!

— Não grite! Aliás a senhora nem está aqui!

— Onde estou?

— Em lugar nenhum!

— Verá!... Verá que saberei achar um lugar e as pessôas que me darão plena razão!

— Eu não verei nada, nem ninguem verá cousa alguma desde que a senhorita é completamente invisivel!

— Mas não póde negar que me está vendo.

— Sim; mas o estado civil não

vê nada... e o que conta é o *Estado Civil*, entendeu?

— Ajude-me, por favor, em nome de Deus!

— Quizéra bem!... Quizéra bem! Mas não posso!... Só haveria um meio: Seria mistér que seus paes ainda fossem vivos e que a engendrassem de novo. Ahi, no fim de nove mezes, a senhora poderia nascer, mas comtanto que não fosse do outro sexo. Tome cuidado! Até a vista.

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

Escriptores e livros

"ALMANAQUE GLOBO PARA 1934"

O "Almanaque Globo para 1934" está obtendo uma grande acceitação pelo indiscutivel caracter de utilidade da publicação. A *Revista do Globo*, de Porto Alegre, que edita o Almanaque, esmerou-se na confecção material e intellectual do mesmo.

Rachel Prado — CONTOS FANTASTICOS — Edt. Alba — Rio

RACHEL PRADO é um espirito curioso da nossa literatura feminina. Trabalha sem cessar, vive. Tem uma grande ternura pelas creanças, e, por isso, trabalha agora para ellas. Este livro é para creanças, para as creanças felizes que podem lêr. Mas, não se deve deixar de admirar o esforço, a tenacidade de Rachel Prado. E' a propria autora que explica a origem, o plano da sua obra: "O meu livro *Contos fantasticos* contem historias e lendas, trabalhadas sob inventiva orientalista, *folklórica*, e impressionista. Sei, por observação propria, que as creanças de todos os tempos preferem historias á maneira das de Andersen, Perrault, Grimm e outros, em cuja trama imaginosa ellas se absorvem vivendo as figuras lendarias, os átos heroicos e fantasticos de seus personagens. Os educadores e pedagogistas modernos, com o evolucionismo, a educação sexual e o avanço do realismo no campo educacional, tentam matar a literatura de ficção, os contos maravilhosos com que se tem entretido por seculos a imaginação das creanças de todo o mundo. Em vão!" E' uma verdade. Doce puerilidade matar o sonho, a fantasia. Que restaria da vida?... O nosso desejo está em que as creanças leiam e possam comprehender a belleza da intelligencia de Rachel Prado.

Menotti Del Picchia — POESIAS — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 5$

O autor reuniu neste livro versos ineditos, poemas e poesias publicadas em varias épocas.

E', como confessa o autor, um repositorio documental das diversas phases que caracterizam a sua concepção da poesia, contendo mesmo versos escriptos antes da publicação do seu primeiro livro — *Poemas do Vicio e da Virtude*.

"O meu intento", affirma ainda o autor, "é dar ao leitor uma visão panoramica do meu já largo esforço no sector da poesia, uma vez que nelle tiveram, por circumstancias varias, maior vulgarização meus poemas que meus versos esparsos." Fez bem Menotti, seleccionando as suas poesias, reunindo-as em volume, para uma vida mais duradoira. Trata-se de um poeta de classe, sobejamente conhecido e festejado como legitimo valor das letras brasileiras. A sua obra vale tanto pela qualidade como pela quantidade. Apenas a difficuldade do leitor está em escolher, entre os melhores, o seu melhor livro, isto no terreno da poesia, onde domina pelo brilho da intelligencia.

Luis Gurgel do Amaral — CONTOS FÓRA DE TEMPO — Liv. Lello — Porto — 1933

"TARDIAMENTE deixo apparecer estes escriptos, reminiscencias da minha mocidade, que, se um tanto polidos, são como as folhas de Outomno... Perdido o verde, que é a esperança, a força e a belleza, apesar das suas opulentas colorações semelhantes ao ouro e á purpura, ellas pouco valem, pois, já sem seiva e, portanto, sem vida, estão prestes a cahir!..."

Evidentemente, o autor é modesto, e por isso mesmo sympathico.

O valor do livro está justificado brilhantemente no prefacio escripto pelo embaixador Carlos Magalhães de Azeredo, que é um dos valores mais expressivos da nossa Academia de Letras. Poderiamos tambem perguntar como o illustre academico: "Por que *fóra de tempo? Il n'est jamais trop tard pour bien faire*." Magalhães de Azeredo foi o animador, foi quem impelliu o amigo a publicar o livro. E fez bem.

O primoroso prefacio analysa a obra, e, si pudesse ser transcripto nestas columnas, o leitor teria o conhecimento mais perfeito do valor do livro.

Somos dos que pensam que não ha propriamente literatura de accôrdo com o figurino do tempo. O escriptor que possue qualidades masculas é lido através gerações. Si nasce entezado, nem siquer é procurado nas prateleiras das bibliothecas publicas... O conto é um genero literario difficil, e por isso mesmo requer do escriptor cuidados especiaes. Na época actual, o livro de contos não tem mercado por culpa exclusiva dos autores. Espiritos bisonhos, entenderam de rabiscar fatalidades sem nexo, sem nenhum sabor literario, sem vida, sem a trama necessaria, pretendendo impingir a droga ao alheio, como obra de arte.

Para citarmos apenas escriptores da nossa lingua, Eça de Queiroz, Fialho, Machado de Assis, modeladores de contos primorosos, não tiveram muitos continuadores, mas, em compensação, os geniosinhos de cartaz pullulam como cogumelos, enaltecidos pelos criticos amigos.

Mas, muito embora a reclame dos jornaes e os retratos nas revistas, não conseguem conquistar o publico. Este livro de contos, apesar de tardiamente publicado, só traz alegria para os que não conheciam o autor. São contos bem feitos, bem urdidos, que interessam francamente o leitor. O processo literario do autor não é novo, mas é honesto. E, singularmente, ha em todo o livro uma harmonia que agrada.

Osorio Cesar — A ARTE NOS LOUCOS E VANGUARDISTAS — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

NESTE trabalho podemos apreciar dois magnificos espiritos, dois medicos que são verdadeiros artistas tambem: Osorio Cesar, o autor, e Neves Manta, que traça um delicioso prefacio.

Não tentamos siquer de leve resumir o conteúdo do livro, para não tirar ao leitor o sabor da novidade. O volume pertence á denominada *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, e dispensa recommendação.

Menotti del Picchia — O DESPERTAR DE S. PAULO — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 1933 — 5$

DEPOIS de narrar como São Paulo nasceu, o autor escreve: "O que se vae ler são fragmentos romanceados dessa aurora de sacrificios e de gloria. Scenas ingenuas, simples, desse timido clarear da nacionalidade. Todas rigorosamente verdadeiras. E' uma singela humanização cinematica dos episodios historicos da madrugada bruxoleante em que as figuras gigantescas dos primeiros colonizadores se destacam num diluculo de luz lendaria, perdidos na bruma dos seculos, como inacabados contornos de um cyclopico baixo-relevo."

A imaginação do autor imprime intensidade de brilho á sua prosa, revivendo o heroismo dos bandeirantes até a jornada de 1932, na qual destaca a figura de Pedro de Toledo, cujo elogio é motivo das derradeiras paginas do livro.

Obra de exaltação e de fé, magnifica, como quasi tudo o que sáe da penna de Menotti del Picchia.

Adauto Botelho — OS MALES DA EMOÇÃO — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

DOCENTE de psychiatria da Faculdade de Medicina, o autor expõe neste trabalho curiosas observações, seguidas de ensinamentos que revelam grande cultura do campo explorado. O assumpto é interessante, prendendo a attenção do leitor. São em numero de seis os capitulos do trabalho, que pertence á *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, publicada sob a direcção de Neves-Manta.

Karl May — NA REGIÃO DOS BANDOLEIROS — Liv. Globo — Porto Alegre — 6$

O famoso novellista allemão tem mais um livro curioso traduzido para o nosso idioma. O volume pertence á *Coleção Universo*.

Karl May — O CHEFE DA QUADRILHA — Liv. Globo — P. Alegre — 6$

O genio inventivo do grande escriptor allemão aprimorou-se neste livro, cuja leitura prende a attenção do leitor. E' mais um volume da magnifica *Coleção Universo*.

Eduardo Meirelles — PSYCHOLOGIA DA VIDA INFANTIL — Edts. Flores & Mano — Rio — 3$

NESTE novo trabalho da *Bibliotheca de cultura medico-psychologica*, podemos apreciar o merito do autor, conhecido cathedratico da Faculdade Fluminense de Medicina. Trata-se de um estudo da psychologia infantil, da evolução anatomica do cerebro da criança, suas inclinações e suas antipathias, de indiscutivel valor pela somma de observações que offerece.

Martins D.'Alvarez — VITRAL — Fortaleza — 1933

O autor, membro da Academia de Letras do Ceará, que ha pouco tempo publicou uma interessante novella, *Quarta-feira de Cinzas*, offerece-nos agora um livro de versos.

Tanto a prosa como a poesia do autor se caracterizam pela vibração dos modernos processos literarios. Em *Vitral*, essa preoccupação é o encanto do livro. O autor explora o *vocêsismo* com bastante elegancia, porém, se nos afigura que a melhor composição do livro é a denominada *Fim de carta*.

. . . .

Escreve-me, querida!
Manda-me um pouco de ilusão, de ardor.
Tuas cartas encantam minha vida,
Elas são lindas como o nosso amor!

Fala-me do passado.
Evoca-me o romance que tecemos,
Para que eu hoje reveja, amargurado,
As horas de ventura que perdemos.

A vida é uma ironia!...
Uma ironia para quem como eu
Toda a felicidade teve um dia
Ao alcance da mão... e não colheu!

Escreve-me, querida!
Deslumbra, com teu lirico dulçor,
O desolado cáos da minha vida!
O silencio cristão do nosso amor!

Fernando Penteado Medici — TREM BLINDADO — Liv. Academica — São Paulo — 6$

"E' um livro surgido, naturalmente, das lutas, no Setor Sul: um zunir de balas de fusil, numa tempestade de schrapnels. Livro que procura relatar assunto novo: Retiradas de Itararé e Faxina. O 14 de Julho. Trechos do Diario do Major Arlindo. Depois, alguma coisa blindada: Trem Blindado, Auto Blindado e o que eles fizeram no celebre setor do coronel Taborda."

E', por isso mesmo, um curioso livro, dizemos nós, um livro cheio de enthusiasmo, de mocidade.

Figura entre os melhores, surgidos da revolução paulista, pela linguagem moderna, pela copia de documentos photographicos.

Paginas que por vezes emocionam, fazendo lembrar os horrores da luta, a perda de tantas vidas uteis para S. Paulo e para o Brasil.

OS OCCULOS — De J. J. RANDAT

O sr. Grand perdêra seus occulos. Estes eram de uma necesidade absoluta, porque era horrivelmente myope. Onde e quando os perdêra?... Mysterio!... A procura dos mesmos, em seu apartamento, era uma vã tentativa, pois o estado de sua vista não lhe permittia encontral-os.

Faltavam tambem os de sobresalentes, porque sua esposa os tomára; esta nunca estava em casa. E os olhos de Grand tornavam impossiveis todas as investigações na sombra das gavetas e dos armarios.

Tinha, no emtanto, urgente necessidade de vêr. Por esse motivo, tomou o partido de ir a um occulista.

Desceu pela escada, com prudencia, esticando os braços para frente, e na rua andava com as mesmas precauções.

Isso não o impedia de tropeçar uma infinidade de vezes com as pessôas que vinham em sentido contrario. De repente, um choque mais forte o parou, emquanto uma voz gritava:

— Infeliz... Por que não olha por onde vae?...

— Tem toda razão; sou um infeliz... Desculpe-me... Sou extremamente myope e me dirijo á casa de um occulista, para substituir os occulos que perdi.

— Tem tanto interesse em vêr o mundo exterior? — perguntou o desconhecido, com uma voz suave, ao mesmo tempo que lhe passava a mão por baixo do braço.

O sr. Grand sentia uma grande satisfação por se ver só. Talvez seu interlocutor o levasse a um especialista.

— Acho nisso mais interesse do que prazer — disse — Porque as coisas que vejo com os occulos não me são nada agradaveis; porém me excitam o desejo de as conhecer por antecipação.

— Creio que o destino me collocou a seu lado... Sentemo-nos...

O sr. Grand, ao sentar-se, pensava que aquelle homem que se tornára tão amavel fosse um medico, que talvez lhe restituisse a vista normalmente.

— Então — dises o desconhecido, — não é feliz?

— Não; tenho uma mulher que não me ama e.. tenho necessidade de estudar sua physionomia para discernir o verdadeiro sentido de suas palavras... Tenho um socio que se esconde de mim, empregados que me roubam e se divertem com a minha infelicidade... Devo espial-os...

— Quando dizia que o destino me collocou a seu lado... Vou dar-lhe os occulos que lhe permittirão ler, não a physionomia e, sim, a alma das pessôas que lhe interessam...

— Penso que não se ri de mim... Taes effeitos são impossiveis...

(Continúa na pag. seguinte)

— Para os simples mortaes, sim... Para os genios, não... Sou um delles!... Porque deve saber que sempre houve fadas e genios... Imagine, porém, o que seria se andassemos pelas ruas com nossa antiga vestimenta... Devemos viver na época... Esse facto não nos impede que nos occupemos com os humanos e de lhes façamos algum bem... Somos uns espiritos protectores... Alem disso, é-me muito agradavel prestar algum serviço. Tome esses oculos... No começo não verá mais do que até agora póde vêr sem os seus... Seu poder se manifesta progressivamente... Se tem outro de sobresalente, não use... Quebrará o encanto... Não me agradeça... Adeus...

O genio desappareceu não se volatilizando; era um genio moderno e como tal perdeu-se entre a multidão. Mas, para a myopia do sr. Grand, elle se esfumaçára.

Collocou os oculos dados pelo genio e constatou que, com effeito, de nada lhe serviam... Mas... elle disséra que esperasse...

Dirigiu-se, ás apalpadellas, ao seu escriptorio, e ali trabalhou tranquillo, porque seus olhos viam de perto. Para ir a casa, um *taxi*. Sua mulher, que passára todo dia fóra, acabava de chegar.

Apanhou o jornal e o leu com certa placidez.

Depois do jantar, foi para seu quarto e, uma vez na cama, deixou correr suas reflexões e verificou que sentia uma especie de allivio. Pela primeira vez, depois de muito tempo, não se sentiu torturado pelo desejo cruel de vêr uma sinceridade nos rostos que o rodeavam. Isso foi um repouso, uma tregua antes de abandonar o conhecimento dos mysterios que tinha, quando seus oculos adquirissem todo o seu poder.

Na manhã seguinte, saboreou o agradavel isolamento em que o collocava sua vista perdida. Os dias passavam e elle se aprofundava nessa escuridão de que pensava sahir.

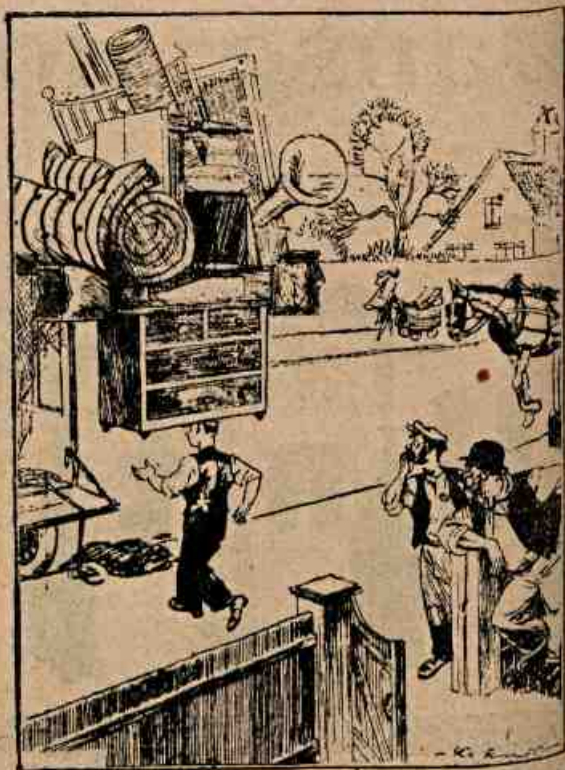
No emtanto, a magica acção das lentes começou a se fazer sentir, não na forma que imaginára o sr. Grand. A falta de uma percepção objectiva recebia uma visão subjectiva intima que despertava nelle.

Não era mais influencia pelas manifestações hostis da existencia; via-se apparecer sobre o scenario de seu pensamento tal como desejava que ella fosse. Seu socio, seus empregados, sua esposa, convertidos para sua consciencia em personagens longinquos, se revestiam de todas as qualidades que lhes desejava e das de que sua observação as despojára.

Uma tarde, na rua, sentiu que lhe batiam no hombro e, ao mesmo tempo, ouvia uma voz muito conhecida:

— Olá, amigo!... Que diz dos oculos?

— Ah! — exclamou Grand. — Privando-me da vista, o senhor me salvou!... Mas, para que passar por um genio, se vale muito mais?!... Meu caro bemfeitor, o senhor é um sabio!...

— Muito obrigado!... Nunca m'o disseram!... Ao contrario, todos pretendem que sou um louco!...

A grande acquisição que fez o empresario de mudanças ao contractar, como carregador, um ex-artista de circo...

A ausencia

ACÓRDO. Abro a janella do meu quarto e vejo um dia tão triste!

O céu nublado, nuvens escuras a vagar no firmamento, como vaga meu coração no mar convulso da saudade.

Eu tambem amanheci triste como o dia.

Qual a razão da minha melancolia? Não sei bem explicar. Será consequencia do tempo, ou saudade de alguem?

Por que meu pensamento interroga, se o coração ha tanto tempo já me disse que é saudade de você?

De você, meu gitano adorado, que ha dois dias não vejo, dois dias que me dão a impressão de dois annos.

Não me é possivel comparar este tempo de ausencia, porque os dias em que estou longe de você não os conto pelas horas, sómente pela tristeza, que são os "minutos" marcados no relogio chamado "coração".

Olho seu retrato e me lembro desses olhos glaucos, que tão bem sabem exprimir o seu affecto, e dessa sua bôcca rasgada, manancial de caricias e de perdões.

Saudade, principalmente, daquelle momento sublime, em que os espelhos de sua alma fôram um poema de supplicas e sua bôcca um poema de desejos; e daquelle beijo que não chegámos a dar...

Recórdo a hora bemdita em que nos separámos, cheios de ansiedade e de melancolia, e me sinto feliz.

Como louvo a ausencia, tecedora infatigavel desta "grinalda de amôr", cujas flôres immarcessiveis fôram colhidas no jardim do sentimento!

E, mergulhada nesta lembrança suave e ao mesmo tempo triste, de você, procuro um allivio para a minha mágoa.

Busco sua alma, tão meiga e tão bôa, e ella se approxima de mim e pergunta qual a razão da minha tristeza.

— E' o desejo de revêl-o...

— Aqui estou — responde-me. — Vim trazer lenitivo a sua dôr e integralizara-me em sua alma, afim de triumphar neste caminho aspero que palmilha.

— Oh! meu amôr! Ao seu lado, sinto-me repleta de ventura, gozo toda a felicidade que o mundo póde dar, mas não chego nunca a possuir sua alma, que sómente a ausencia póde me offertar!

MARIÓCHA

NAMORADOS

Foi você mesma quem me disse, um dia,
Que você não se oppunha ao que eu queria.
E, finalmente, eu desejava o que?
Trocar uns beijos quentes com você...

Mas foi por causa, talvez dessa tolice
Que você, certa vez, chorando disse:
— Eu não creio que gostes mais de mim,
Porque quem gosta não procede assim.

Mas você, meu amor, não tem razão,
Quando me faz tão grave accusação.
Se eu não beijasse, como toda gente,
Você diria logo: indifferente!

Eu quiz um pouco de ternura e paz
E, por isso, me julgam máu rapaz.
E eu pudera ter feito o que não fiz,
Tornar você tambem muito infeliz...

Mas, pelos beijos que você não quer,
Anda vibrando um corpo de mulher,
De bonequinha que, na flôr dos annos,
Em outros braços teve uns desenganos.

Ella deseja ter um peito amigo,
Deseja ter carinho, ter abrigo.
Esse desejo simples, já se vê,
Muito me compromette com você...

Releve, meu amor, essa loucura,
Esses caprichos de mulher morena...
Porque sem beijos, vibração, ternura,
Viver, quem póde, se não vale a pena?!

HORACIO MENDES

LUZES E SONS...

Cantei o mar empolgante,
sempre inconstante.
O mar azul...
E andei por Stambul!

Que lindas aquarélas!
quantas vélas!...
Quanta saudade,
em tanta luz e em tanta alacridade!...
Quantas náves!...

Mulhéres e mesquitas,
béllos jardins em flôr... Homens e coisas gráves;
sonhos de haschich... tôrres esquisitas!
O Bósforo lendário, ao lado; — doutro lado,
o Scútari formôso,
e o tragico serralho aposentado,
maldito, sanguinário, mas famôso...

Tornei-me cabotino!
Andei por toda a parte, inquiéto, sem destino: —
— de Séca
para Méca...

Vi tambem a tal Nápoles do sonho,
naquelle estranho afan, asnático, medônho,
dos que se sentem sós, em luta atropelados...

E quantos corações, ao léo, esfarrapados,
á beira dos caminhos!
Quanta allucinação na musica dos ninhos,
ali, pelas estradas!...

Sôbresaltos,
visões desencontradas...
Sonhos altos,
mundos, mundos e mundos encantados...

E o que me resta, emfim, da enórme caminhada?
De tantos empurrões,
de tantas e tantas illusões!
Apenas, isso:
Nada!

M. ALVARES DE ABREU

MOZAICOS

A violeta era a flôr predilecta da familia de Napoleão Bonaparte.

* * *

Os operarios que trabalham nas salinas não são nunca atacados pelo cholera, nem pela variólia, escarlatina ou grippe.

* * *

O melhor mercado para a exportação de ventiladores electricos é a China. Uma quinta parte dos ventiladores que se fabricam nos Estados Unidos vão parar naquelle paiz.

* * *

Na tribu dos "kachius", na Birmania, as moças solteiras usam o cabello onduiado. Ao mudar de estado civil, renunciam á ondulação e usam o cabello completamente liso.

* * *

Attribúe-se ao imperador Augusto a invenção dos saltos nos sapatos. Para dissimular a sua pequena estatura, começou a usál-os e os mandava fazer muito altos.

* * *

A neve é uma protectora das arvores. A ausencia de neve durante o inverno dobra immediatamente o preço da madeira.

Os pinheiros grandes resistem a qualquer temperatura, mas já o mesmo não se dá com os pequenos, e um inverno sem neve os mata irremediavelmente. Assim, si deixasse de nevar, desappareceriam os enormes bosques do norte da Europa, da Asia e da America.

* * *

Na antiguidade, todos os pharóes construidos nas costas da Inglaterra eram propriedades particulares, e exigiam remuneração de todos os navios que passavam por suas cercanias.

VULCÃO EXTINCTO

No cimo da montanha abandonada,
Uma cratéra jáz adormecida...
Passarinhos, na hora do poente,
Em seus abysmos vão buscar guarida...

E borboletas, e besouros negros,
E morcegos e aves mysteriosas,
Lá se escondem, fugindo á tempestade.
Tripudiando sobre a lava fria;
Nem se lembram da antiga tyrannia
Do vulsão que perdeu a majestade...

Tudo nelle é silencio... esquecimento...
Não ha sol, não ha chuva, não ha vento
Que o desperte da eterna lethargia...
O fidalgo daquella região
Já sem feudo, sem armas, sem brazão,
Vê seus subditos em gozo da alforria...

— O' cratéra voraz! Onde a tua furia?
Teu caudal de fogo aonde jáz?
E o teu fragôr que apavorava ao longe?
Dize! Onde está essa pujança immensa
Da tua força de destruição
Que ninguem teme mais?

E o fumo multicôr que aos céus subia em rôlos
Cobrindo a terra e escurecendo o sol?
E os estrondos tremendos do teu seio,
Que encobriam ternuras do gorgeio
Do alacre e innocente rouxinol?

A ti, que arbustos frágeis destruias,
Que riachos humildes resecavas,
Que avezinhas implumes perseguias,
E borboletas timidas matavas,
Que grilhões te prenderam, de repente,
E esfriaram tua lava incandescente?

E a cratéra abatida respondeu:
— Sou como o ser humano...
A morte me venceu!

ARY KERNER

Seára Alheia

Sê pobre e continúa sendo-o emquanto vires em torno de ti gente que se enriquece por meio da fraude e da deslealdade; não ambicio-nes cargos nem poderes, emquanto exista quem os adquire por meio de villezas; supporta que as tuas esperanças se frustem, emquanto outros realizam as suas á custa de adulações; evita esses apertões vistosos de mãos, que outras procuram obter, curvando-se, abaixando-se. Envolve-te no manto da tua virtude, procura um amigo e o pão de cada dia, pois, si te acontecer envelhecer em tal vida, preservando a honra de qualquer mancha, poderás estar tranquillo e morrer contente. — HEINZELLMAN.

* * *

Seis pensamentos

Para a maioria das mulheres, amar a um homem é enganar a outro.

* * *

Quando um homem triumpha e se põe em evidencia acóde uma infinidade de mulheres para amál-o. Mas, quando desapparece a aureola do prestigio, somem-se todas, como por encanto.

* * *

E' humilhante viver ao lado de um grande amôr. E' como si se estivesse sentado a uma mesa de jogo, onde todos ganhassem.

* * *

De cem maridos cégos, cinco ou seis são effectivamente cégos. Os outros o fingem ser.

* * *

O coração, como a agua, busca sempre o seu nivel.

* * *

A arte de amar é a arte de descobrir, constantemente, alguma coisa de novo na mesma pessôa.

ETIENNE REY

UM CASO

ERAM seis horas. De pyjama, mettido no *mauple* marroquim azul de iris, eu lia uma das paginas ferinas de Wilde. O quadro da janella desmaiava num rubro de labio amortecido. Nos longes, encolhendo as aguas, o mar entoava uma *berceuse* dolente para a praia dormir.

Dão ! . . . Dão ! . . . Dão ! . . .

O sino coloria de sons tristes a agonia do sol. Subito, o telephone despertou.

Drrrrrrriiiiiiimm... .

E insistiu. Meio amolecido, attendi.

—Alô !

— Quem? E' você, Sergio?

— Eu, em carne e osso. Quem duvida ?

— Não brinque. Aqui é o amigo Ivan.

— Ivan ? Venha de lá um abraço ! Sim, senhor, como está gordo e corado !

— Outra vez ? Não faça isso, meu caro. Se soubesse...

— Quê ? A lourinha implicou com seu bigode ?

— Se insiste, eu sou capaz de me tornar indelicado. Mas, por favor, escute !...

—Póde falar. Sou todo ouvidos, ouviu ?

— Olhe, você póde vir aqui ?

—Agora ? Para quê ? Para ajudá-lo a enterrar a tarde ?

— Mais ou menos. Preciso falar-lhe. Jantaremos juntos.

— Está bem, Ivan, irei.

— Obrigado, Sergio, obrigado. Sabia que você não havia de faltar.

— Mas, calma. Há duas condições...

— Quê? Brincando, de novo?... Perdôe-me, sim ? Quaes são ?

—Attenção: 1º - Prefiro não jantar. Quero antes um milk-shake, com fructas européas no Salote da Primavera, como dizes.

— Muito bem. E, depois ?

— Depois você tocará para mim aquêlle nocturno cruel de Chopin...

— O nocturno ?

— Sim. Tem alguma coisa que oppor ?

— Eu... Não... nada. Tocarei, sim.

— Bem. Então, até já.

—Até já, Sergio.

. . . .

Ivan é um rapaz de gosto. O "Salote da Primavera" fica muito bem no tom azulado que lhe deu. Tal como o soalho envidraçado a lilás. E as hortencias e violetas aos festões, em torno da sala. Bailia no ambiente um perfume de melancolia doce.

Sentado deante da janella, eu sorvia em goles pausados o saboroso refresco. Tambem o copeiro de Ivan é excellente.

Já cahira a noite e a Light enfeitára de pontos brancos a cidade toda. Outro tanto fizeram as estrellas, no céu.

Ivan não participava da refeição. Nervoso, torcia e retorcia a fina cambraia do lenço verde-mar.

—Vamos, rapaz. Deixe-se de arrufos. Conte-nos lá a sua historia, que deve ser das mais attrahentes, e depois passaremos palestrando ou passeando uma noite admiravel.

— Noite torturante, deve dizer, replicou Ivan.

As noites admiraveis são torturante. Só a alegria beocia nos banaliza.

— Pois eu prefiro ser banal. Não vê, Sergio, que não me é possivel esquecê-la ?

— Pois tente o impossivel. A victoria será mais gloriosa.

—Você fala em victoria a um derrotado ?

— Os derrotados é que têm sêde de victoria.

Ivan gemeu, suspiroso:

— Não sei, Sergio, mas creio que não resistirei...

— Bom romantico que ainda é. Pois os romanticos são os mais realistas: sentindo melhor que os demais a verdade nua e crua, procuram desfigurá-la a ver se se illudem. Bons pandegos, não acha ?

— Qual ! Não acho... Eu, Sergio, eu hei de amá-la eternamente!

— Está adoravelmente sincero hoje, meu caro. Mas, confesso, não o julgo absolutamente feio, para fazer-lhe a injustiça de acreditar que soffre de uma paixão eterna. »

— Fale serio, por fineza ! Ensine-me algo que me restitua alegria de viver. Do contrario, não sei como permanecer neste miseravel planeta.

— Miserável planeta ?! ... Que injustiça, Ivan ! Prove estas saborosas ameixas e mudará de opinião. Não quer ? Talvez não vão bem com o seu paladar exigente. Ao menos seja patriota. Estas uvas parece que conservam todo o dulcor do olhar de alguma linda gaúcha que as fitou gulosamente...

— Não sei... Supponho que não me comprehende bem. Vendo-me soffrer, zomba e escarnece. Pois bem. Despeça-se deste seu amigo.

— Isto é a serio, Ivan ?

— E' a serio desde o inicio, Sergio.

— Então... pretende...

— Pretendo e fa-lo-ei. Póde dar-me adeus, se é que me julga capaz de tal.

— Jura ? Você jura que se irá para sempre ?

— Creio que não é preciso.

— Isto é grave e eu tenho horror ás coisas graves. Se jurasse, não teria acreditado.

— Se você a encontrar, Sergio, diga-lhe...

— Oh !, meu caro, você mesmo irá dizer-lhe... quando voltar. Perdôe, sim ? E, agora, vamos tratar da viagem. Mas que maçada ! Ha quasi um século chamo o criado e elle não me apparece ! Finalmente, ouviste, Arthur ! Prepara depressa as malas do teu amo, que partiremos ao raiar da manhã, percebes ... ? Que fazes parado, com este idiota ? Avia-te ligeiro, homem !

— Que tenciona, Sergio ? Eu embarcar ?

— Pois não o disse ?

—Você quer mangar commigo ?

— Que mangar coisa nenhuma, caro amigo! Quero mostrar-lhe que a terra não é tão miseravel quanto pensa. Iremos ao Japão, conhecer de perto as geishas. Um pouco de Arabia para provar-lhe que os fieis de Alaáh são imbecis quando antepõem o cavallo á mulher. E, depois, umas feriazinhas cinematográphicas, nas ilhas do Pacifico... Se então ainda achar a terra miserável, póde suicidar-se á vontade que não mais o incommodarei.

D E A M O R

— Feito, Sergio e aposto o hiate em como não mudarei de idéa.

— Colossal! Uma viagem de recreio e ainda para completar um hiate de premio. Feito, Ivan! Trez vezes feito!

. . . .

— Leia este telegramma disse-me, sorrindo, Ivan.

O sol dourava a praia extensa; o vento reclinava no leque das palmeiras.

Ivan estava o typo do inglez, com seu chapéu branco de sport. Corado e forte.

— Arrependeu-se, Ivan? Então "ella" quer que volte? Como está feliz, rapaz! Que beberemos hoje, em regosijo?

— *Milk-shake* com fructas européas... E embarcaremos quando sahirmos da ilha.

— Que? Não pretende voltar *tout de suite*?

— Talvez não volte nunca mais. Tenho saudades o Rio, mas elle há de esperar por mim. Há muito que ver ainda. Que tal um romance em Veneza?

— Estupendo, Ivan! Mas... isto significa que...

— O hiate é seu.

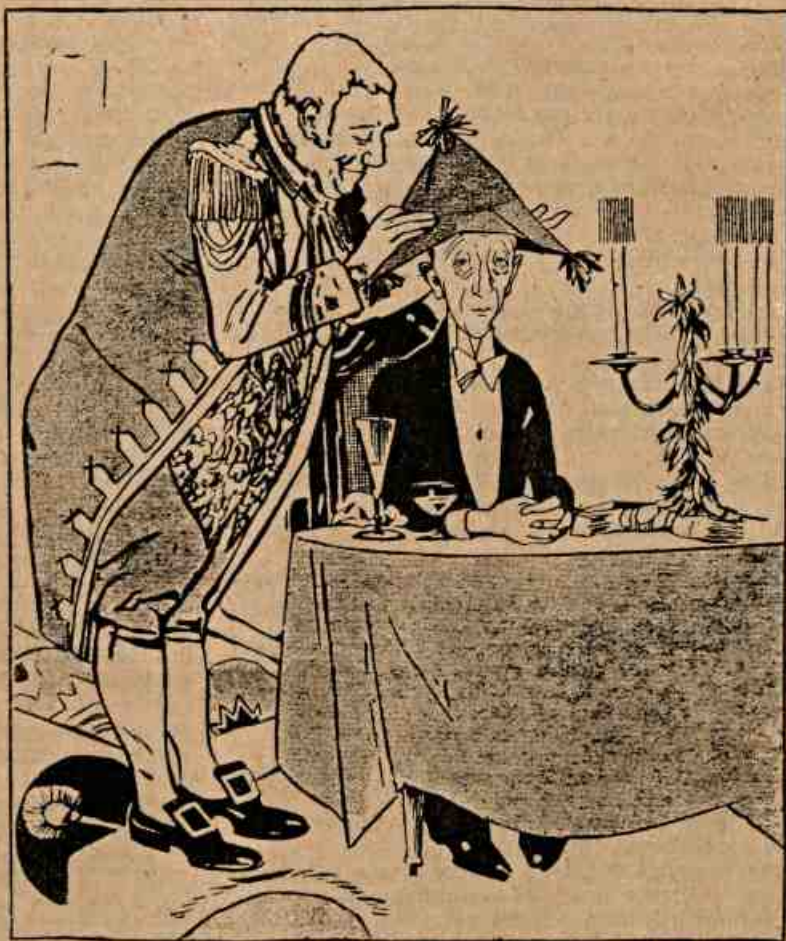
— Muito bem agradeço a offerta e, em homenagem á sua "regeneração", faço-lhe já e já presente delle.

— E' seu, já disse. Se não quizer, ficará por ahi encalhado.

— Pois eu não discuto mais. A gente deve sempre fazer o que bem entende e, se praticar loucuras, será um cidadão em óptimo juizo!

Ivan sorriu uma vez mais. E, dando-me o braço, levou-me para commemorar á larga o grande acontecimento.

Estava curado. É pela mais banal das therapeuticas.

SYLVIO ELIA

Toda a alegria que se póde comprar com dinheiro.

Os mysterios (SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

Em seguida segurando-se com uma das mãos á escada, inclinou-se profundamente e, deante de Holmes, attonito, fez sahir de um abrigo que havia debaixo da casa um pequeno barco.

Aquelle predio de Deptford era construido como os palacios e as casas que estão á borda dos canaes de Veneza.

Sob uma abobada por cima da qual se erguia o predio balouçavam-se á superficie da agua os botes de que se servim os moradores da casa.

O Escalpado embarcou primeiro: Sherlock Holmes seguiu-o; sentaram-se em frente um do outro.

— E agora, para a frente, camarada! exclamou o "Escalpado". Tu vaes remar e eu governrei o leme. Trata de ir depressa, para chegarmos a ilha antes de meia hora!

— A' ilha?

Os esclarecimentos tornavam-se cada vez mais interessantes.

O policia sabia já que o antro dos piratas era numa ilha, situada provavelmente na embocadura do Tamisa.

Havia de facto para esse lado pequenos cantos de terra completamente incultos onde apenas cresciam espinheiros e que eram deshabitados.

Nem mesmo os mais pobres entre os pobres de Londres, e sabe-se que elles não faltam na grande capital, quereriam residir nessas ilhas, pela excellente razão de que se acham inundadas durante uma parte do anno.

Sherlock Holmes remava com vigor; o barco voava sobre as aguas do Tamisa e o Escalpado dirigia-o effectivamente para a embocadura do rio.

— Ha muito tempo que não vaes á ilha? perguntou o "Escalpado" que acabava de accender o cachimbo.

Felizmente sem esperar resposta, continuou:

— Eu, ha dois mezes que não ponho lá os pés. Não sabes que estive á sombra?

— Prenderam-te? Parece-me que ouvi Blackwell falar a esse respeito.

— E' possivel. Mas admira-me que Blackwelle tivesse conhecimento desse facto.

"Foi por uma bagatella. Estava numa taberna e comecei a discutir com um marinheiro cuja cara não me agradou. Quebrei-lhe uma garrafa de cerveja na cabeça. O homem cahiu como um boi no matadouro.

"Estive então preso dois mezes. Tem tido bons negocios recentemente?

— Ah! sim, excellentes! respondeu Sherlock. Não é isso que falta aos Piratas do Tamisa.

— E' verdade! tornou o "Escalpado" rindo. Este Blackwell é um finorio, tem faro para descobrir o ouro. E que habilidade para attrair os parvos ás margens do Tamisa ou leval-os a dar um passeio de barco!

"Uma vez que os apanha no rio é como se os tivesse na ilha.

"Ha só um ponto em que não sou de sua opinião".

— Qual? perguntou o policia.

— E' o seu trabalhinho com as agulhas.

Neste momento os remos cortaram a agua com mais precipitação e o bote oscillou levemente.

Mas o policia dominou-se e respondeu:

— Achas que Blackwell faz mal em enterrar uma agulha no cerebro das suas victimas para que não possam tagarellar?

— Sim, é esse o meu parecer! tornou serenamente o "Escalpado". E' uma tortura horrivel que lhes infligem e o processo não é absolutamente seguro.

"Se algum daquelles que abandonamos nas ruas de Londres recuperasse a razão, estariamos todos perdidos.

— Sim, mas é impossivel, disse Sherlock Holmes. O cerebro é atacado de tal modo que perdem a memoria e a razão para sempre.

— Não importa, replicou o "Escalpado, eu preferia matal-os. Uma boa corda em volta do pescoço bem apertada, depois um mergulho no Tamisa e prompto! Seria muito mais seguro.

— E sabes porque Blackwell, não mata as suas victimas?

— E' simplesmente para se tornar importante, replicou o bandido. Quer que as imaginações trabalhem em Londres e que quebrem as cabeças a adivinhar de onde provêm aquelles insensatos.

Ri-se a bandeiras despregadas pensando na policia que não consegue explicar a loucura dessa gente.

Até agora, ninguem poude adivinhar por que motivo foram privados da razão.

"Mas com a breça, já se avista a ilha! Meu rapaz, remaste como o proprio diabo! Mas como te chamas? Devo confessar que não sei o teu nome.

Sherlock Holmes já tinha previsto a pergunta e respondeu sem a minima hesitação:

— Chamo-me Mão-de-Ferro.

O policia entretanto pensava que era tempo de proceder.

Não podia chegar á ilha ao mesmo tempo que o seu companheiro.

Como havia de desembaraçar-se delle?

Só tinha um meio, tornal-o mudo e pôl-o na impossibilidade de sahir do bote.

Achavam-se a um quarto de milha distante da ilha. Emergia mysteriosamente do nevoeiro bastante espesso que se elevava do Tamisa.

— Diabo! exclamou Holmes, tirando um dos remos da agua e erguendo-o, creio que o remo está quebrado, a corrente aqui é extremamente forte.

— Quebrado? perguntou o Escalpado inclinando-se para ver melhor. Quebrado, Mão-de-Ferro? Mas não vejo onde!

O Escalpado não disse mais nada; soltou unicamente um grito abafado.

Com extrema rapidez Sherlock Holmes erguera-se e com toda a sua força dera uma violenta pancada com o remo na cabeça do pirata.

Este cahiu sem sentidos no fundo do bote.

Immediatamente o policia ligou-lhe as mãos e os pés e metteu-lhe o lenço na bocca para lhe servir de mordaça.

Holmes resolveu penetrar na ilha num ponto qualquer em que os espinheiros lhe permittissem occultar-se.

de Londres

Por CONAN DOYLE)

Mas, antes de tudo, era preciso tratar de aproxi-mar-se.

Recomeçou a remar. Lentamente e sem ruido, o bote avançou. Sherlock conhecia perfeitamente esse processo usado pelos Pelles Vermelhas do Far-West: atacar a agua com os remos e erguel-os em seguida em que disso resulte o minimo ruido.

Foi assim até se encontrar 200 jardas distante da ilha. Já podia distinguir bastante detalhes. Notou principalmente, uma casa que parecia construida sobre estacaria. Erguia-se na margem do rio sobre uma especie de andaime, que devia permittir-lhe, no momento das cheias do Tamisa, na primavera e no outomno ficar por cima dagua.

Esta casa tinha duas janellas que davam para o lado da embocadura do Tamisa; naquelle momento não se via luz nem pessoa alguma na ilha.

Não obstante Sherlock Holmes julgou conveniente afastar-se quanto possivel da casa e deu ao bote um forte impulso para a esquerda.

De subito, o ouvido apurado do policia notou um leve ruido.

Olhou para cima e viu uma das janellas da casa aberta e um homem de barbas grisalhas e aspecto selvagem de carabina na mão.

— A palavra de passe! gritou o homem da janella a Sherlock Holmes.

— Diabo! pensou o policia, não sabia que quem quizer aproximar-se da ilha deve saber uma mysteriosa palavra de passe.

Se o tivesse adivinhado, talvez obrigasse o "Escalpado" a dizer-lh'a ameaçando-o de morte. Agora era demasiado tarde, naturalmente.

Sherlock Holmes, sem hesitar, ergueu o braço armado da faca.

— Eil-a? a palavra de passe! Com os demonios... Ha dois mezes que não venho á ilha, porque estive preso... Já me não reconhecem... sou o "Escalpado!"

Sherlock Holmes esperava que devido á escuridão e ao nevoeiro, o não reconheceriam.

Mas, momentos depois, sabia que os Piratas do Tamisa eram devéras prudentes e estavam preparados contra todas as surprezas.

De cima da casa partiu subitamente um brilhante clarão que se projectou na superficie da agua.

Como que por encanto, Sherlock achou-se innundado de luz.

Daquelle modo só poderia salvar-se por uma fuga das mais rapidas.

Sem hesitar, sentou-se de novo ao banco, e á força de remos deu meia volta.

Em seguida com a força dos seus braços nervosos, fez voar a ligeira embarcação.

Ouviram-se tiros e as balas sibilaram-lhe aos ouvidos.

Ao mesmo tempo, o policia cuviu uma campainha de alarme. Teve que confessar a si mesmo que aquelle signal não vaticinava nada de bom para elle. Afim de garantir o mais possivel das balas, tirou o banco do seu logar, atirou-o á agua e sentou-se no fundo do bote.

Achava-se já a uns quinhentos passos da ilha quando ouviu um som de vozes atraz de si e distinguiu as palavras, pronunciadas num tom de commando:

— E' um espião! E' preciso apanhal-o. Para a frente e esmaguemos esta peste.

Os olhares penetrantes do policia perscrutaram a escuridão, e o que viu era de molde a fazer-lhe pôr os cabellos em pé.

Uma verdadeira flotilha, quatorze barcos corriam para elle achando-se apenas a cem jardas de distancia.

Os piratas do Tamisa davam-lhe caça.

A' frente do bote mais proximo, achava-se um homem, ameaçador, de revólver na mão, e esse homem... era o proprio Blackwell, o chefe dos Piratas.

— Desta vez, isto torna-se sério, disse comsigo Sherlock. Se chego a cahir nas mãos destes bandidos, a sorte que me espera será identica á daquelle desgraçado da West-Ferry-Road. Londres saberá um bello dia que o seu Sherlock foi encontrado vagueando pelas ruas, privado de razão.

"Realmente, não vejo como me hei de livrar delles.

Neste momento, um ruido extranho chegou aos ouvidos do policia.

Era como que o sopro de poderosos jactos de vapor escapando-se por estreitas valvulas.

— Um vapor na visinhança! exclamou Sherlock. Ah! vejo-o na distancia! Um grande paquete que desce o Tamisa para ganhar o mar alto... Se poder alcançal-o, estou salvo... e sal-o-hei igualmente se conseguir attrahir a attenção das pessoas que se acham a bordo.

Esta esperança decuplicou-lhe as forças. O ligeiro barco voava sobre a agua.

Mas tambem os Piratas do Tamisa tinham notado o vapor. Redobraram de energia afim de não perderem a preza de que estavam prestes a apoderar-se.

— Depressa, meus amigos! Depressa! rugia Blackwell. Jogamos uma grande partida neste momento, e acabou-se o segredo da nossa ilha se não nos apoderarmos do espião... Sorri-lhes irem para as colonias até ao fim do seus dias?... Para a frente!

Meio minuto depois, o barco onde se achava Blackwell estava a pouca distancia daquelle governado por Sherlock.

— Que o diabo receba a tua alma, espião! rugiu Blackwell, e atirou tres vezes sobre o policia.

Mas este deitara-se no fundo do bote e as balas passaram por cima delle.

— E' a minha vez, agora! exclamou Sherlock, que se ajoelhara e apontava o revólver. Vaes prestar contas, Blackwell!

Os botes quasi que se tocavam, o policia tinha a certeza de não errar o tiro. O vapor aproximara-se e achava-se ao alcance da voz.

E Sherlock pousava o dedo no gatilho, quando... dois braços de ferro o prenderam subitamente, apertando-o com uma força irresistivel. Ao mesmo tempo enterravam-se-lhe na nuca uns dentes que pareciam de um animal feroz.

(Continúa na pag. seguinte)

Sob aquella mordedura selvagem, Sherlock não poude conter um grito de dor.

Foi o ultimo que soltou.

Sentia-se irresistivelmente empurrado para traz; tinha um joelho pezado sobre o peito, ao mesmo tempo que uma mão de ferro lhe apertava a garganta.

O policia reconheceu então nesse adversario inesperado... o "Escalpado".

O pirata, que ficara deitado no fundo do bote, tinha conseguido desembaraçar-se das cordas que o prendiam, e fôra elle que salvara Blackwell.

— Tenho-o seguro, capitão! gritou o "Escalpado" a Blackwell. Tenho-o seguro, a este espião da policia, continuou elle, a quem trahi o segredo da Ilha, como se me tivesse tornado cego.

— Que o inferno te engula animal! gritou Blackwell. Mas ao menos reparaste a tua tolice, porque o prendeste como um cão. Aqui tens cordas, "Escalpado"... segura-lhe as mãos e os pés... Espera, vão te ajudar... Aproximem-se os barcos! Dois homens para o bote do "Escalpado". Levem-me essa peste para a Ilha. Ali será julgado!

Emquanto os Piratas se lançavam sobre Sherlock e lhe ligavam as mãos e os pés, o vapor passava a pequena distancia.

A unica esperança de salvação do policia perdeu-se na cerração da noite!

CAPITULO VII

AS AGULHAS INCANDESCENTES

Sherlock achava-se no antro dos Piratas do Tamisa.

Tinham-n'o desligado. Ali não havia possibilidade de fugir. Conduziram-no para uma casa grande, quadrada, que offerecia bem o aspecto duma caverna de salteadores.

Reinava a maior desordem naquella sala onde se achavam accumuladas mercadorias de todas as especies, provenientes evidentemente de roubos. Sobre caixas e saccos ainda cheios podia-se distinguir marcas que indicavam claramentee em que navios e entrepostos os roubos haviam sido effectuados.

No meio da casa, uma grande mesa coberta de restos de uma copiosa refeição e uma quantidade de garrafas de aguardente vazias, testemunhavam que os piratas do Tamisa, no momento em que Sherlock Holmes provocara o alarme, tinham começado um banquete.

O policia contou friamente as pessoas presentes. Eram ao todo vinte e oito homens de aspecto pouco tranquillizador.

Reconheceu parte delles, que já vira no decurso das suas investigações em Londres. Não temia que também o reconhecessem porque sempre se disfarçava e caracterizava quando procedia ás suas buscas.

De resto, depressa se tranquillizou sobre esse ponto quando viu que nenhum dos assassinos sabia quem elle era. Do contrario teriam soltado rugidos de triumpho com a idéa de terem nas mãos o mais perigoso adversario dos criminosos de Londres. E realmente Sherlock não tinha empenho em lhes facultar esse triumpho.

— Vou para o outro mundo, dizia elle de si para si, sem que saibam quem sou.

Só então Blackwell appareceu. Os seus homens acolheram-n'o com acclamações. Sem parecer prestar-lhes attenção, sentou-se á mesa.

— Tragam-me esse cão! ordenou designando Sherlock. Depressa o julgaremos. Comtudo desejava saber quem foi que o poz na nossa pista. Soube certamente por algum de nós que a casa deshabitada de Depford Road nos serve de embarcadouro.

O "Escalpado" segurou Sherlock pela nuca e empurrou-o para a frente com um pontapé que o fez tropeçar.

O policia parou a alguns passos diante de Blackwell.

— E tu, quem és? perguntou o chefe dos piratas examinando da cabeça aos pés Sherlock, a quem tinham despido o sobretudo, o casaco e o collete. Conheço-te!

— Tanto melhor! respondeu socegadamente o policia. Desse modo não terei o trabalho de me apresentar.

Blackwell mordeu os beiços.

Não duvidava naturalmente da identidade do seu prisioneiro, mas queria leval-o a dizer o seu nome.

— E's um espião da policia? tornou o pirata.

— Eu? replicou Sherlock rindo. Nada tenho de commum com a policia. Mas vejo que não entendem nada de negocios... vinha procural-os á sua ilha para lhes propor uma combinação lucrativa.

— Mentes! exclamou Blackwell. Porque foi então que atacaste e amarraste o "Escalpado"?

— Porque não me inspirou confiança. Estava persuadido que o "Escalpado" era um espião, e tratei de o pôr em estado de não me prejudicar.

— Não esperes desculpar-te com essas mentiras, tornou o pirata. Visaste-me com o teu revólver e esperavas matar-me. Não é assim que procederia alguem que viesse procurar-nos para nos propor um negocio. Previno-te que vou contar até tres e que se até lá não me tiveres dito o teu nome e o fim com que aqui vieste, mato-te como a um cão damnado.

Blackwell segurava o revólver que apontava para Sherlock Holmes.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.).... 48$000
Semestre (26 »).... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.).... 70$000
Semestre (26 »).... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.).... 78$000
Semestre (26 »).... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.).... 116$000
Semestre (26 »).... 60$000

AS assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Lewindrey

Rue Trenchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

COMO O ROBERTO GANHOU UM PRESENTE UTIL

Para maior economia e hygiene, BARBEIE-SE EM CASA!

Adquirir e usar uma GILLETTE é entrar na categoria dos homens escrupulosos e elegantes. O prazer de fazer a propria barba em casa fica ao seu alcance, a qualquer hora do dia ou da noite. Não se prive desse conforto. Compre uma GILLETTE e passe a fazer a sua barba, diariamente, com rapidez, facilidade e economia. Use sempre as laminas GILLETTE legitimas, que são as mais afiadas e duraveis e, portanto, as mais economicas.

Gillette

GRATIS

Gillette Safety Razor Co. of Brazil (36)
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

Queiram enviar-me, *gratis*, o seu folheto a côres "A DESCOBERTA DE BARBELINO" de util e interessante leitura para os que se barbeiam.

Nome ....
Rua e Nº ....
Cidade ....
Estado ....